



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

CLÁUDIA PINHEIRO AZEVEDO

**"MEMÓRIAS DE MANAUS" NA ESCOLA ESTADUAL FREI SILVIO VAGHEGGI:  
EXPERIÊNCIAS DE HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA**

FLORIANÓPOLIS

2020



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

CLÁUDIA PINHEIRO AZEVEDO

**"MEMÓRIAS DE MANAUS" NA ESCOLA ESTADUAL FREI SILVIO VAGHEGGI:  
EXPERIÊNCIAS DE HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-ProfHistória da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Mônica Martins da Silva

Linha de Pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

FLORIANÓPOLIS

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Azevedo, Cláudia Pinheiro  
"Memórias de Manaus" na Escola Estadual Frei Silvío  
Vagheggi: Experiências de História Oral no Ensino de  
História / Cláudia Pinheiro Azevedo ; orientador, Mônica  
Martins da Silva, 2020.  
130 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós  
Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. Ensino de História. 3. História  
Oral e Memória. 4. História de Manaus. 5. Escola Frei Silvío  
Vagheggi. I. Silva, Mônica Martins da. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Ensino de História. III. Título.

**Cláudia Pinheiro Azevedo**

**"Memórias de Manaus" na Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi: Experiências de História Oral no Ensino de História**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

---

Profa. Dra. Clárcia Otto

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Sandra Regina Ferreira de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Jane Bittencourt

Coordenadora do ProfHistória/UFSC

---

Prof.(a) Dr.(a) Mônica Martins da Silva

Orientadora

Florianópolis, 2020

Este trabalho é dedicado a todos meus/minhas alunos (as), com  
quem aprendo continuamente.

À minha mãe, Sandra Pinheiro.

E as minhas avós, Maria de Lourdes Rodrigues (*in memoriam*) e  
Geralda Pinheiro.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu sagrado, a força criadora de tudo que é, por me permitir chegar além do que imaginei que pudesse.

Sou grata também à minha orientadora, professora Mônica Martins, que foi imensamente generosa e cuidadosa comigo desde o nosso primeiro contato articulando minha acolhida em Florianópolis até as injeções de ânimo em momentos que achei que não conseguiria dar mais nem um passo no mestrado. A ela também sou grata por me fazer enxergar a palavra “potência” em seus múltiplos significados e mais ainda por me fazer despertar, na prática, para a potência que eu poderia me tornar profissionalmente. Ela foi/é, de fato, uma PROFESSORA!

Agradeço à Girlane, Karol, Giovanna, Kevem e aos idosos senhor Jaime e dona Odinéia que se disponibilizaram a participar dessa pesquisa. E, em especial, a professora e amiga Larissa Sarmiento, por quem tenho profunda admiração pessoal e profissional, por aceitar encarar comigo esse desafio das oficinas.

Agradeço às professoras Sandra Regina Ferreira e Clarícia Otto que em minha qualificação fizeram apontamentos que foram fundamentais para o redirecionamento do meu trabalho.

Agradeço aos meus professores e colegas de turma do Profhistória que me proporcionaram muitas experiências enriquecedoras. Obrigada pela companhia, pelas conversas e trocas, uma honra fazer parte de uma turma de mestrado que se apoia tanto.

Aproveito e agradeço especialmente à Chiara Lemos, mulher forte paraense que abriu a porta da sua casa para me abrigar, mesmo sem me conhecer, quando cheguei à Florianópolis para cursar o mestrado e me fez aprender que, em suas palavras, “nós do norte precisamos nos ajudar”.

Agradeço a amiga que o Profhistória me deu, Técia Goulart, com quem dividi alegrias, tristezas, saudade de casa e muitos trabalhos de aula, que sorte a minha te encontrar nesse caminho.

Agradeço à minha amiga Mariana Malacrida por tanto amor, preocupação, força e incentivo para não desistir, obrigada pelos estudos na biblioteca, pelos cafés, pelos passeios, e pelos sonhos divididos.

Agradeço as minhas companheiras do Grupo de Estudos Críticos da Branquitude, em especial, à Luana Balieiro, Camila Durães, Linaia Vargas e Adaíza Gomes por terem sido

uma importante rede de apoio em minha estada em Florianópolis. Obrigada por me salvarem, muitas vezes, da tristeza de estar longe de casa e dos meus, obrigada pelo afeto.

Agradeço à minha mãe, Sandra Pinheiro, cujo exemplo de perseverança, honestidade e força também me fortifica como mulher e profissional. Obrigada por estar comigo, acreditando em mim e me incentivando sempre.

Agradeço à minha família, minha irmã Sabrina Pinheiro, e às minhas amigas-irmãs Rafaela, Paula, Chrisleide, Liviane, Kariny, Roberta, Marília, Raphaela, Valéria e Larissa que me apoiaram de todas as formas a realizar meu sonho de fazer um mestrado, indo muitas vezes além do apoio emocional/motivacional, chegando até mesmo a me auxiliar por meio financeiro para que eu pudesse permanecer em Florianópolis. Obrigada por tudo, serei grata eternamente.

Agradeço à minha esposa e companheira, Cristhiane Barreiros, por me apoiar, sem vacilar, nessa aventura que foi esse mestrado. Obrigada por cuidar da nossa família sozinha enquanto estive fora, por fazer os brechós, vender os livros, enfim, obrigada por sonhar comigo e me incentivar sempre a ir além.

Enfim, agradeço a todos e todas que de alguma forma, direta ou indiretamente, viabilizaram/incentivaram a realização desta pesquisa.

## RESUMO

A presente pesquisa discute e problematiza a prática de entrevistas no ensino da história escolar, na perspectiva da História Oral, por meio da construção de oficinas cujo objetivo foi preparar alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Frei Silvío Vagheggi, da rede pública de Manaus, para a pesquisa de campo de um projeto de iniciação científica intitulado “Memórias de Manaus: A cidade de ontem e de hoje através do relato dos idosos”, que tem como escopo investigar, durante o ano letivo, a história da cidade por meio de narrativas orais de pessoas idosas, por meio de entrevistas concedidas aos alunos. Foram elaboradas duas oficinas: em que refletiu-se sobre os conceitos de Memória e História Oral, seguidos de atividades práticas sobre o assunto abordado; assim como discutiu-se o gênero entrevista, em diálogo com a disciplina de Língua Portuguesa, sob a ótica da História Oral. A experiência das oficinas resultou em roteiros e entrevistas elaborados pelos alunos participantes da pesquisa, de onde emergiram questões relevantes sobre a História de Manaus, suas transformações e de seus espaços, entrelaçando-se com histórias de pessoas vivas e presentes no cotidiano desses alunos.

**Palavras-chave:** Ensino de História; História Oral e Memória; História de Manaus; Escola Frei Silvío Vagheggi.

## ABSTRACT

The present research discusses and problematizes the practice of interviews in the teaching of highschool history from the perspective of Oral History, through the production of workshops, whose objective was to prepare the high school students, of the State School Frei Silvio Vagheggi which belongs to the state public system of Manaus, for interviews in a scientific initiation project titled "Memories of Manaus: The city of yesterday and today through the report of the elderly" which aims to investigate, during the school year, the history of the city through the oral narratives of the elderly residents. Two workshops were developed: which reflected about the conceptions of Memory and Oral History, followed by practical activities about the selected subject; as well as it discussed the interview genre with Portuguese Language discipline from the perspective of Oral History. The experience of the workshops resulted in scripts and interviews prepared by the students participating in the research, from which emerged relevant questions about the History of Manaus, its transformations and its spaces, intertwining with stories of living people present in the daily life of these students.

**Keywords:** History teaching; Oral History; Memory; Manaus History; Frei Silvio Vagheggi School.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular  
CDE's - Coordenadorias Distritais de Educação  
CETI – Centro de Educação de Tempo Integral  
CIC - Campos de Integração Curricular  
CONSED - Conselho Nacional dos Secretários de Educação  
E.E. FREI SILVIO VAGHEGGI – Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi  
FHA - Fundamentos de História do Amazonas  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
M.V.A - Meu Velho Amigo  
MEC - Ministério da Educação  
PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência  
PRC - Proposta de Redesenho Curricular  
ProBNCC - Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular  
PROEMI - Programa Ensino Médio Inovador  
PROFHISTÓRIA - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História  
SEDUC - Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (Amazonas)  
SEMED - Secretaria Municipal de Educação (Manaus)  
UFAM - Universidade Federal do Amazonas  
UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa atual do Amazonas indicando a localização de Manaus .....	25
Figura 2. Instituto Benjamin Constant. In: Álbum Vistas de Manaus. Foto: George Huebner. .....	27
Figura 3. Localização da E.E. Frei Silvio.....	29
Figura 4, Localização da E.E. Frei Silvio em relação as zonas urbanas da cidade. ....	30
Figura 5. Divisão interna dos espaços da escola: A) Sala de aula; B) Sala de Informática; C) Cozinha; D) Refeitório; E) Diretoria; F) Sala dos professores; G) Auditório; H) Sala de Recurso; I) Pedagogia; J) Biblioteca; L) Secretaria; M) Quadra; N) Laboratório de Ciências; O) Pátio/Estacionamento; P) Coreto; Q) Quintal. ....	31
Figura 6. Folder de divulgação do M.V.A. do ano de 2016 .....	35
Figura 7. Texto aprovado pelo comitê avaliador do PROEMI.....	38
Figura 8. Participantes da assessoria em sala de aula acompanhada da professora do horário. .....	40
Figura 9. Banner confeccionado por uma equipe do 1º ano 02 do turno matutino. 2017 .....	46
Figura 10. Banner confeccionado por uma equipe do 2º ano 01 do turno vespertino. 2017...49	
Figura 11. Banner confeccionado por uma equipe do 3º ano 02 do turno matutino. 2017. ....	50
Figura 12. Alunos-colaboradores participantes das oficinas. ....	77
Figura 13. Giovanna e Kevem durante as atividades da oficina de Memória e História oral. .81	
Figura 14. Girlane e Karol durante as atividades da oficina de Memória e História oral. ....	81
Figura 15. Giovanna e seu Jaime na entrevista. ....	85
Figura 16. Girlane e dona Odinéia.....	88

## SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	13
2 OS LUGARES DE ONDE FALAMOS .....	19
2.1 História local e ensino de história no ensino médio em Manaus.....	19
2.2 O lugar de onde falamos .....	25
2.3 Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi e seus espaços físicos.....	26
2.3.1 De Meu Velho Amigo à Memórias de Manaus.....	33
2.3.1.1 Etapas desenvolvidas do projeto em 2017:.....	40
2.3.1.1.1 Assessoria Histórica:.....	40
2.3.1.1.2 Organização de trabalho: Formação de grupos para realização das entrevistas. ....	41
2.3.1.1.3 Realização das entrevistas e acompanhamento da pesquisa .....	43
2.3.1.1.4 Mostra de resultados: confecção de banner ou vídeo para a exposição de resultados e para a comunidade .....	44
3 REVISITANDO PRÁTICAS: Oficinas de História Oral e Memória no Ensino de História.....	53
3.1 Contratempos e soluções para os imprevistos do ambiente escolar .....	53
3.2 As Oficinas: considerações teórico-metodológicas.....	58
3.2.1 Oficina I- Memória e História Oral:.....	66
3.2.2 Oficina II – Entrevista:.....	71
4 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS.....	77
4.1 Nossas dificuldades: “ela não estava preparada pra aquilo, então a gente esperou ela estar preparada”.....	79
4.2 Nossos ÊXITOS: “a entrevista abre vários caminhos” .....	84
4.2.1 O roteiro das duplas .....	92
4.3 Nossos apontamentos: possibilidades para outras experiências .....	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103
REFERÊNCIAS .....	107
APÊNDICES .....	111
Apêndice A- Questionário Sociocultural aplicado aos alunos .....	111
Apêndice B - Informativo utilizado na aula expositiva.....	113
Apêndice C - Texto 1- História e Memória.....	115
Apêndice D - Texto 3 - O que é história oral?.....	117
Apêndice E - Material de estudo utilizado na Oficina de Entrevista.....	118

ANEXOS .....	120
Anexo 1 -Ficha de Cessão disponibilizada pelo projeto. ....	120
Anexo 2 - Ficha de relatório de atividades .....	121
Anexo 3 - Ficha para a transcrição das entrevistas.....	122
Anexo 4 - Modelo de roteiro de entrevista disponibilizada pelo projeto. ....	123
Anexo 5 - Modelo padrão de banner do projeto Memórias de Manaus .....	124
Anexo 6 - Texto 2 - Guilherme Augusto Araújo Fernandes .....	125
Anexo 7 - Entrevista da dupla Giovanna e Kevem com o senhor Jaime Figueiredo Filho....	127
Anexo 8 - Entrevista da dupla Girlane e Karolaine com a senhora Odinéia Assunção de Vasconcelos. ....	128

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para iniciar a partilha dos percursos desta pesquisa, é importante começar situando de quais lugares e pessoas estamos falando. Compartilhar nossas histórias nos aproxima, por meio delas podemos entender um pouco mais das nossas escolhas, refletir, dialogar, ressignificá-las. Primeiramente, abro espaço para apresentar, brevemente, a escola da qual faço parte.

A Escola Estadual Frei Silvío Vagheggi é uma instituição pública localizada no Centro Histórico de Manaus. Atualmente, recebe cerca de 600 alunos na modalidade Ensino Médio (diurno), é composta por 9 salas de aulas e, desde 2008, também atende alunos com deficiência auditiva/surdez. A história desta escola com os idosos tem início em 2011 quando a sua então gestora escolar, professora Maria Auxiliadora da Silva Farias, levou para a instituição o projeto intitulado “Meu Velho Amigo” (M.V.A), que tinha o objetivo de sensibilizar os alunos em relação a questão do idoso na sociedade e para este fim os alunos eram incentivados a fazer visitas periódicas a esses idosos para conversar e, em algumas ocasiões, distribuir cestas básicas e de higiene pessoal.

Em 2017, a E. E. Frei Silvío Vagheggi recebeu o Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) que tem como objetivo auxiliar na construção e desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de Ensino Médio. O PROEMI possui Campos de Integração Curricular (CIC’S), sendo um deles o de Iniciação Científica e Pesquisa, por meio do qual a escola é convidada a desenvolver uma pesquisa abrangendo toda escola. Foi a partir desse programa que se realizou o projeto de iniciação científica, intitulado “Memórias de Manaus: A cidade de ontem e de hoje através do relato dos idosos”. O projeto Memórias de Manaus surgiu da possibilidade de fusão de um projeto de iniciação científica, fomentado pelo PROEMI, a outro existente na comunidade e desenvolvido na escola desde 2011, o Meu Velho Amigo (M.V.A). O objetivo do projeto apresentado foi o de investigar, durante o ano letivo, a história da cidade através de narrativas orais de idosos trazidas por meio de entrevistas concedidas aos alunos.

Ainda sobre o Memórias de Manaus, concomitante ao processo de investigação da história da cidade, também pretende dialogar a respeito da situação do idoso em diversos setores, de modo que cada componente curricular contribua para o andamento da pesquisa. No decorrer do ano, são feitas as entrevistas e relatórios de trabalho de campo; como resultado, é organizado uma mostra de audiovisuais e de banners com o material produzido na pesquisa.

É importante mencionar que de acordo com a Lei 10.741, de 1º de Outubro de 2003 que institui o Estatuto do Idoso no Brasil<sup>1</sup>, é considerada idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, servindo inclusive como critério aos alunos na hora de escolher seus entrevistados. Contudo o termo velho é comumente utilizado pela comunidade escolar. Há um esforço de positivar a palavra velho na escola, desde o M.V.A, mas não se sabe exatamente a origem, mas é possível que seja da criadora do projeto, que com o tempo foi se estendendo a professores e alunos até que todos conjuntamente acabassem adotando o termo no cotidiano escolar de forma respeitosa. Desse modo, embora utilizemos com mais frequência a palavra idoso no decorrer do texto, consideramos também o uso do termo velho como “*status* positivo de um ciclo da vida, tentando romper com as noções que os enquadram como sujeitos de um valor menor ou pejorativo” (TEIXEIRA, 2018, p.48).

Importante elucidar que minha trajetória, pessoal e profissional cruzou-se à dessa comunidade escolar em um momento delicado em ambos aspectos da minha vida. Embora eu ainda não estivesse há tanto tempo lecionando no ensino público, o pouco tempo já havia sido o suficiente para me desestimular, colocando-me nas estatísticas de professores afastados de sala de aula por problemas psicológicos e emocionais relacionados ao trabalho. Assim, foi por meio do afeto, do calor das pessoas - entre colegas de trabalho, amigos, família e alunos (as) - ao meu redor que continuei minha busca por um propósito, um sentido na educação. Por meio desse “dar as mãos” é que pude (re)existir enquanto educadora e ser humano. É por meio desses afetos, de nossas redes de apoio dentro e fora da escola, que nossos processos educativos, de professores e alunos, vão tecendo-se, revestindo-se de múltiplos significados que ajudam a transformar a escola – espaço de muitas batalhas, sem dúvida - também como um lugar de acolhimentos, sobretudo em tempos que estamos vivenciando uma pandemia como o COVID 19, que exige de nós o cuidado com nossos entes e com a comunidade de que fazemos parte.

Ao iniciar minha vivência junto a essa comunidade escolar fui apresentada aos projetos nela desenvolvidos. Ao saber da relação da escola com idosos por meio de um dos seus projetos, de imediato estabeleci uma conexão afetuosa, pois muito do que perpassa minha vivência enquanto ser humano, vem da minha convivência com as pessoas mais velhas

---

<sup>1</sup> Em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm).

da minha família, em especial minhas avós: a rezadeira, Maria de Lourdes e a indígena da etnia Sateré Mawé<sup>2</sup>, Geralda Pinheiro.

Minha história de vida se entrelaça com a memória de idosos desde a infância, pelo privilégio de pertencer a uma família de ascendência indígena e outra ribeirinha do interior do Amazonas, cujas histórias da família são alimentadas até hoje por meio da oralidade de nossas anciãs. Desde muito cedo aprendi o valor das palavras e dos ensinamentos que foram passados por meio das suas histórias, aprendi a “dar as mãos” para as que vieram antes de mim e com afeto me ensinaram muito sobre muitas coisas.

Portanto, a escolha de contribuir com esta comunidade e com o ensino de história na minha cidade vem, primeiramente, de uma vivência pessoal que perpassa toda minha trajetória de vida e se cruza com uma prática experienciada nessa escola por meio de um projeto. A isso, somou-se as minhas angústias profissionais, como professora de história na Amazônia e do Amazonas, diante da iminência cada vez maior da invisibilização de nossas histórias em currículos escolares eurocentrados, nos quais as histórias e os saberes locais são considerados dispensáveis de nossas salas de aula. Fazendo do ensino de história escolar algo que seja apenas sobre acontecimentos “grandiosos” que, além de distante da realidade de muitos alunos da rede pública de ensino, em vez de nos conectar, nos marginaliza ainda mais.

Outra questão que me incomodou, como professora da disciplina de história nessa instituição, foi a preparação insuficiente que os alunos tiveram para a realização da pesquisa no andamento do projeto Memórias de Manaus. Esta situação está ligada a diversas questões, começamos pelo fato de ser um projeto de iniciação científica que abrange todas as séries em ambos os turnos e todos os professores, ou seja, é um projeto que mobiliza toda a escola. Num primeiro momento é positivo, pois todos os alunos têm a oportunidade de ter o mínimo de contato com a prática da pesquisa antes de deixarem o Ensino Médio, contudo, também é uma tarefa muito desafiadora no cotidiano escolar, pois o trabalho de acompanhamento individual das pesquisas desses alunos é difícil. Isso é ocasionado primeiramente pelo número de pessoas em sala de aula, já que existem turmas que reúnem quase 50 alunos; outro fator é que ele funciona concomitante a outros projetos/atividades presentes no calendário escolar, além das atividades extras que são enviadas pela Secretaria de Educação sem prévia consulta ao calendário interno da escola. Logo, tanto a preparação, quanto o acompanhamento do projeto

---

<sup>2</sup> Os Sateré-Mawé são povos originários que habitam a região do médio rio Amazonas. São considerados inventores da cultura do guaraná e podem ser encontrados nos municípios de Barreirinha, Parintins, Maués, Nova Olinda do Norte, Manacapuru e Manaus, todos situados no estado do Amazonas.

é prejudicado pela abundante demanda de trabalho exigida na escola, a escassez de tempo e o número elevado de alunos em sala de aula.

Embora essa preocupação me acompanhasse, a demasiada carga de trabalho que o ofício de professor requerida no dia-a-dia escolar inviabilizou qualquer oportunidade de contribuir com este projeto de forma oportuna junto a minha comunidade escolar. Foi nesse contexto que, ao ingressar no Profhistória, o programa se apresentou como uma oportunidade singular de contribuir não apenas com a minha escola, mas também com o campo do ensino de história do Amazonas, ainda tão incipiente.

O Profhistória possibilitou lançar um olhar crítico e reflexivo sobre nossas práticas, teorizá-las e compartilhá-las nos espaços acadêmicos e junto a nossa comunidade escolar. Nesse espaço de reflexão-ação que é o Profhistória, diante das memórias dessas pessoas idosas presentes nessa escola e da necessária responsabilidade e preparação para trabalhar com essas memórias é que busco com esta pesquisa discutir e problematizar a prática de entrevista, inserida no contexto da história oral, e suas possibilidades no ensino de história escolar na comunidade Frei Silvío Vagheggi.

O projeto Memórias de Manaus, embora perpassado por todas as disciplinas, é norteado pela de história em suas ações na escola, fato muito significativo levando em consideração o contexto atual que o país vivencia em relação às políticas educacionais que diminuem a presença e a importância das Ciências Humanas no currículo do Ensino Médio. Portanto, com os diálogos propostos por essa pesquisa, pretendemos fortalecer laços para que possamos garantir nossas existências como área de conhecimento dentro do espaço escolar.

Norteado por estes objetivos, o trabalho está organizado em três etapas com estratégias diversificadas que visam abordar a sua especificidade, tendo sido destinado para cada uma delas um capítulo próprio.

Iniciamos com o capítulo intitulado “Os lugares de onde falamos”, no qual situamos o leitor, como o próprio título já enuncia, dos lugares de onde falamos e o convidamos a adentrar na realidade da nossa comunidade escolar. Contextualizamos brevemente a história local e ensino de história no Ensino Médio em Manaus, para logo em seguida a pesquisa mergulhar em reflexões acerca do projeto Memórias de Manaus, sua história e suas práticas no contexto escolar com o intuito de identificar quais as especificidades do local da pesquisa e visualizar como o projeto foi desenvolvido até 2017. Compreender seu funcionamento, seus erros e acertos é fundamental para a construção da proposta metodológica. Para esta investigação, utilizaremos a documentação escolar disponível sobre o projeto: entrevista com

a professora criadora do projeto precursor ao Memórias de Manaus, concedida à mim em 22 de outubro de 2018, com o intuito de fornecer dados pertinentes do início do M.V.A e da sua inserção nesta comunidade escolar, materiais avaliativos (relatório de atividades, ficha de entrevista e roteiro de entrevista) que fazem parte do projeto, e os documentos resultantes (*banners*) do projeto produzidos pelos alunos em sua culminância.

Seguindo nossa trajetória investigativa, o próximo capítulo, intitulado “Revisitando Práticas: Oficinas de História Oral e Memória no ensino de História”, tem o objetivo de apresentar e analisar a segunda fase desta pesquisa que corresponde à composição das oficinas. Nele encontraremos os caminhos percorridos do primeiro contato até a realização de fato das atividades propostas, os percalços encontrados nesse processo, considerações teórico-metodológicas que nos auxiliaram em sua confecção, e, também, sobre os materiais de estudo utilizados em suas práticas. Nesta fase de composição nos apoiamos em historiadores e autores estudiosos da Memória e da História Oral como Verena Alberti, Ecléa Bosi, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Alessandro Portelli, Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa Magalhães.

O último capítulo, intitulado “Vivências e experiências compartilhadas”, como enunciado no título, se encarrega de compartilhar as nossas vivências, experiências e percepções dos participantes da pesquisa em relação às oficinas. Para esta etapa utilizamos conversas gravadas com as duplas de trabalho que participaram das oficinas como alunos pesquisadores, sendo eles as duplas formadas por Karolaine e Girlane, Giovanna e Kevem<sup>3</sup>. Também contamos com o depoimento escrito da professora de Língua Portuguesa Larissa Sarmiento<sup>4</sup>, cuja participação na mediação, organização em geral e na Oficina de Entrevistas, foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Classificamos esses relatos em três momentos que chamamos de: nossas dificuldades, nossos êxitos e nossos apontamentos. A escolha por essa abordagem se deu por entendermos a importância de verificar nossas dificuldades, reconhecê-las aponta um caminho possível de superação. Assim como acreditamos que nossos sucessos devam ser reconhecidos, pois nos fornece combustível para nosso caminho de superação das dificuldades reconhecidas, e essa superação só se dará a partir de propostas de superação, que em nosso caso foram baseadas em nossas experiências com as oficinas.

Foi esse o caminho pensado por nós, dividido em capítulos nessa dissertação, para a superação de um obstáculo encontrado na sala de aula de uma escola pública na cidade de

---

<sup>3</sup> Todos participantes são maiores de idade e autorizaram apenas o uso do seu primeiro nome.

<sup>4</sup> A professora Larissa Sarmiento autorizou a menção do seu nome e sobrenome.

Manaus. A construção das oficinas foi a culminância de uma longa trajetória de experiências múltiplas que não nasceram e nem se encerraram com este estudo, porém, foi por meio desse espaço encontrado no Profhistória que as nossas ideias, estudos e reflexões puderam se concretizar resultando na pesquisa partilhada adiante, sem deixar de mencionar que a reflexão e escrita deste estudo se fez, em parte, em meio à pandemia do COVID 19, sendo ele, portanto, também reflexo de seu tempo.

## 2 OS LUGARES DE ONDE FALAMOS

Este capítulo tem como objetivo situar o leitor sobre os lugares de onde falamos. Para tal, entendemos que seja relevante abordarmos, primeiramente, a história local no ensino de história no Ensino Médio em Manaus, lugar onde o projeto escolar com que se dialoga se encontra. Logo após, damos continuidade apresentando os espaços físicos onde esta pesquisa foi realizada para, em seguida, nos aprofundarmos nesta comunidade escolar e sua relação com o projeto Memórias de Manaus.

### 2.1 HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO EM MANAUS

Uma nova configuração para o Ensino Médio já é pauta de discussão há alguns anos no campo da educação, contudo, nos últimos 3 anos, percebe-se um interesse por parte do poder público em acelerar esse processo. A lei de Reforma do Ensino Médio<sup>5</sup>, sancionada em 2017, e a aprovação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) pelo Conselho Nacional de Educação, em 2018, fazem parte dessas medidas que visam, segundo o discurso oficial, a reestruturação do sistema educacional brasileiro.

Embora as modificações, por hora, devam acontecer de forma gradual para que entrem em vigor em todas as escolas do Brasil apenas em 2022, alguns estados já começaram a movimentação em prol das adequações curriculares alinhadas às novas mudanças na legislação educacional do país. Seguindo o ritmo das modificações em âmbito nacional e atendendo aos requisitos da LDB com suas novas exigências, o Amazonas, através da Resolução nº 201, de 05 de dezembro de 2017, deu início às adequações das Normas Estaduais aplicáveis à Educação Básica no Sistema Estadual de Ensino. Já em 2018, ainda visando atender aos requisitos da BNCC, houve uma consulta pública sobre o novo modelo de proposta curricular do estado. Esta proposta, segundo o site oficial da Prefeitura de Manaus, foi elaborada por meio Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC), instituído pelo Ministério da Educação (MEC)<sup>6</sup>. Como o novo currículo ainda está em processo de elaboração, nas escolas do estado a proposta curricular seguida ainda é a de 2012.

---

<sup>5</sup> A Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e 11.494, de 20 de junho 2007 e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Nela é apresentado um conjunto de novas diretrizes, para o ensino médio, a serem implementadas. Em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm). Acessado em: 25/08/2020.

<sup>6</sup> Informação retirada do site oficial da Prefeitura de Manaus. Em: <https://semed.manaus.am.gov.br/educadores-do-amazonas-participam-do-lancamento-da-revisao-da-base-nacional-curricular/>. Consultada em: 15/02/2019

De acordo com o artigo 26 da Lei nº 9.394/1996, que institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação,

- Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Lei nº 9.394/96)

Até a primeira década dos anos 2000<sup>7</sup> os currículos escolares, tanto do município quanto do estado, contavam com a disciplina de Fundamentos de História do Amazonas (FHA), tal disciplina terminou por ser absorvida pela disciplina História, mas não em sua totalidade, pois a mesma acabou perdendo seu número de aulas semanais<sup>8</sup>. O “expurgo” dos saberes escolares sobre História do Amazonas, é a expressão utilizada pelo professor Tarcísio Normando (2014) para essas ações do poder público amazonense que visam de forma gradual nos privar de nossas histórias locais por meio do seu apagamento na história ensinada. Sobre a questão acima e a maneira como isso foi feita em Manaus ele faz a seguinte observação:

O parecer emanado pelo Relator do processo, o conselheiro Francisco de Assis Costa de Lima, e aprovado unanimemente foi claro: mesmo não havendo, em âmbito municipal, previsão legal de obrigatoriedade da disciplina, a orientação era de migração dos conteúdos de FHA para disciplina História que também deveria absorver sua carga horária. Entretanto, a estrutura de sexto ao nono ano do ensino fundamental posta em funcionamento a partir do ano subsequente, desrespeitou a decisão da plenária, pois adicionou apenas metade da carga horária e não dispensou orientações oficiais sobre a intersecção dos conteúdos locais com aqueles tradicionais da História. (NORMANDO, 2014, p.27)

Neste trecho, o autor refere-se especificamente ao que aconteceu na SEMED (Secretaria Municipal de Educação), contudo a extinção da disciplina também ocorreu na SEDUC (Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino)<sup>9</sup>. A situação da história local nos currículos da SEDUC para o ensino fundamental anos finais, chega a ser um pouco mais preocupante que na SEMED, pois nos currículos do município ela está presente do 6º ao 9º ano. Na SEDUC de acordo com a Proposta Curricular para o Ensino Médio do Estado do Amazonas vigente, que data de 2012, a disciplina de História, conta com os conteúdos de história local distribuídos de forma pontual, nas três séries e em algumas unidades, porém no

<sup>7</sup> Segundo Tarcísio Normando, a extinção da disciplina FHA dos currículos da SEMED foi feita em 2010. Embora não tenha dado uma data precisa para esta ação na SEDUC, o autor afirma que a extinção da disciplina se deu por volta de uma década antes ao fato ocorrido na SEMED.

<sup>8</sup> Segundo Tarcísio Normando, a justificativa oficial para essa mudança foi a adequação da rede ao sistema de ensino fundamental de nove anos. Desse modo, as disciplinas FHA e História que antes contavam com dois tempos de aula cada, semanalmente, se unificou apenas em disciplina de história com três aulas semanais.

<sup>9</sup> De acordo com o Decreto Nº 2.682, de 26 de dezembro de 2013 cabe a SEMED oferecer serviços educacionais adequados a diversas faixas etárias e níveis do ensino infantil e ensino fundamental. E a SEDUC cabe, conforme Lei 2.600, de 04 de fevereiro de 2000, a execução da Educação Básica: ensino fundamental e médio e modalidades de ensino. Em: <https://semed.manaus.am.gov.br/estrutura-organizacional/>; <http://www.educacao.am.gov.br/institucional/a-secretaria/>. Acessado em: 20/06/ 2020.

ensino fundamental não consta de forma explícita um conteúdo direcionado que a mencione especificamente, embora conste como um dos objetivos gerais da Proposta Curricular do Ensino Fundamental Anos Finais seja “identificar os fatos e acontecimentos relevantes da História do Amazonas, reconhecendo e valorizando seu povo no contexto socioeconômico, cultural e político” (AMAZONAS, s.d, p.118).

É, no mínimo, contraditório que conste nos objetivos gerais de uma proposta curricular local “identificar os fatos e acontecimentos relevantes da História” deste local sem que ao menos este conteúdo esteja precisamente enunciado na sua configuração. Para não afirmar que conteúdos de História local inexistam na proposta da disciplina de História do Ensino Fundamental do Estado, “as conquistas do nordeste e da Amazônia” são mencionadas como conteúdo a ser ministrado no 7º ano, “a Cabanagem” no 8º ano e “a economia da borracha” no 9º ano do Ensino Fundamental.

Logo, além da base nacional curricular comum, com abordagem predominantemente eurocêntrica, no Amazonas também vivenciamos políticas públicas locais que pouco a pouco diminuem os espaços para o ensino de história local. Não se trata de destacar apenas os aspectos negativos enfrentados na educação, pois é evidente que também tivemos conquistas importantes neste campo, todavia, tais mudanças não foram e nem são suficientes para romper com o sistema que nos submete o tempo todo a padrões eurocêntricos em todas as dimensões do nosso ser. Contudo, ainda que essa realidade nos bata a porta diariamente, enquanto educadores há de se ter um compromisso com a mudança e a tomar como combustível que permita traçar nosso caminho rumo a uma educação libertadora que ultrapasse a serventia utilitarista e nos impulse a insurgências que possibilitem vislumbrar a construção de novas formas de conceber o mundo.

Diante da realidade de currículos predominantemente eurocêntricos, este trabalho percebe o pequeno espaço que é destinado a história local como uma *grieta*<sup>10</sup>, uma fenda no sistema por meio da qual podemos dialogar e agir conjuntamente com nossos alunos em busca de uma educação outra, e, através desse diálogo, tecer redes que nos conectem com nossas histórias, vivências e conhecimentos, ou como diria Catherine Walsh (2013, p.66), construir e procriar “pedagogias que se esforçam em abrir rachaduras e provocar aprendizagens, desaprendizagens e reaprendizagens, desprendimentos e novos engajamentos”. Sob essa perspectiva, o espaço da história local em Manaus, como *grieta* em currículos de história

---

<sup>10</sup> Termo original utilizado pela autora Catherine Walsh para definir as fissuras existentes no sistema moderno/colonial, de onde é possível construir formas outras de pensar-saber-ser- sentir-fazer e viver. (WALSH, 2017)

predominantemente eurocentrados, se apresenta como um caminho proveitoso para questionamentos e problematizações de narrativas hegemônicas.

O processo investigativo utilizado na pesquisa em sala de aula nos aproxima das indagações a respeito da suposta neutralidade tão cultuada pela ciência moderna. Também é possível, por meio dessas entrevistas realizadas pelos alunos, emergirem temas diretamente relacionados com nossas ancestralidades, conhecimentos locais que dificilmente apareceriam em nossos currículos eurocentrados, portanto é uma via que permite valorizar saberes socialmente referenciados advindos de diversos espaços.

Contudo, ao tomar o espaço da história local como meio de (re)existências no espaço escolar, é preciso atentar para que essa prática não se transforme apenas em um momento destinado ao saudosismo local - se atendo apenas a grandes fatos ou a curiosidades locais - como nos lembra Marcelo Abreu (2016) ou, tampouco, para reforçar um regionalismo estereotipado, acentuando hierarquia de saberes que contribuem mais ainda com a reprodução de práticas racistas e discriminatórias.

Ao tecer uma crítica a respeito da “História Regional”, Durval de Albuquerque Jr (2001) nos alerta sobre o perigo do historiador, e aqui tomo a liberdade de acrescentar o(a) professor(a), aceitar uma divisão entre história nacional e história regional, tendo como ponto de partida a concepção hierárquica entre elas, pois ao fazê-lo “conectam-se e reproduzem as relações desiguais de poder entre as diferentes áreas do país; reproduzem uma subordinação, no campo acadêmico, que diz da própria subordinação do espaço que representam em nível nacional”(ALBUQUERQUE JR., 2001, p.30). É importante elucidar que não se trata de inverter as ordens das coisas, e terminar apenas por pensar a história local como mais importante que as demais, mas enxergá-la como igualmente importante na constituição da trama histórica. Por meio do ensino de história local é possível, portanto, trilhar caminhos de aprendizagem que ultrapassem as hierarquizações dos saberes.

No Amazonas essa questão é muito evidente uma vez que, dificilmente, algo relacionado a região é mencionada nos livros didáticos recebidos na rede pública, pois os mesmos restringem-se quase que exclusivamente ao sul/sudeste do país e, dificilmente, a região norte tem representatividade nesses livros que se estendam para além da cabanagem. Nesse tocante, a história local no ensino básico em Manaus nos possibilita pôr em evidência e problematizar narrativas locais acerca de identidades e pertencimentos, além de estimular a reflexão a respeito das histórias que são eleitas para serem contadas e as que são silenciadas. Ao fazê-lo, assumimos e estimulamos, através da prática, o protagonismo e a postura

investigativa e indagadora dos nossos alunos no seu processo de ensino-aprendizagem. Segundo Schmidt e Cainelli:

O trabalho com a história local no ensino de História facilita, também a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.140)

Logo, explorar toda sua potência é um compromisso que professores necessitam assumir, por possibilitar a prática de muitas questões teóricas que há tempos são discutidas no campo do ensino por Paulo Freire (1996), quando nos alertava em seus escritos que o ato de ensinar, dentre tantas outras coisas, também exige dos educadores uma rigorosidade metódica, a pesquisa, o respeito aos saberes do educandos e a criticidade.

Outro ponto importante a ser mencionado sobre história local é que ela “dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos” (SAMUEL, 1990, p.220). Dessa forma, por meio dela também expandimos nossos espaços de aprendizagem além dos experienciados no interior da escola, no caso do projeto Memórias de Manaus o aluno é estimulado a investigar espaços e dialogar com pessoas que estão muito mais próximos da sua realidade adotando uma perspectiva de observação diferente da qual ele já estava acostumado. Contudo, Schmidt e Cainelli (2009) advertem que ao propor trabalhar com a história local no ensino de história:

é importante observar que uma realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo, por processos históricos mais amplos. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.138)

Levando em consideração esta advertência, a história local no ensino básico nos fornece subsídios para discutir e problematizar em sala de aula além das vivências e realidades próximas, cotidianas, também as nacionais e globais, e até mesmo intervir sobre elas. Para Paim e Picolli (2007),

o estudo das questões regionais e locais se faz fundamental para que os alunos possam compreender melhor as relações existentes entre a região onde vivem e o global, pois esta compreensão ajuda-lhes a refletir historicamente sobre os acontecimentos, lhes proporciona uma visão crítica sobre os fatos e assim, podem formar e transformar sua opinião. (PAIM; PICOLLI, 2007, p.114)

É importante lembrar que a escola Frei Silvío fica situada no centro histórico da cidade de Manaus, cujo espaço faz parte do cotidiano não apenas dos alunos dessa

comunidade escolar, mas da população da cidade em geral, pois nele reside o coração do comércio na cidade, o que aproxima ainda mais as memórias compartilhadas entre alunos e idosos. Na edição de 2017, diversas memórias que emergiram nas entrevistas realizadas no projeto Memórias de Manaus, traziam elementos que dialogavam com esses alunos, como por exemplo os espaços da cidade que eles também já haviam frequentado por se localizarem no centro da cidade. Vale lembrar que o processo de expansão significativo da cidade de Manaus ainda é muito recente, coincidido com a instalação da Zona Franca a partir da década de 1970<sup>11</sup>, portanto antes dessa expansão o centro era o principal local frequentado pelos seus habitantes, tanto para o trabalho quanto para o lazer.

Portanto, um dos grandes trunfos, por assim dizer, da história local é que ela exige de nós professores pesquisadores conhecimentos que transcendem nossa disciplina de referência, nos exigindo abrir espaço na prática educativa para as emoções, as vivências cotidianas, a escuta, a conversa em família, assim como perceber as memórias vivas da cidade, ou seja, aproxima o fazer educacional ao lado “humano” e aproxima intimamente o saber histórico escolar ao cotidiano dos educandos e professores. Sob essa perspectiva, Marcelo Abreu (2016) adverte que:

Uma condição necessária a uma boa história local no Ensino de História leva, portanto, a relacionar memória e História. E nisso está implícito reconhecer o aluno como estudante, isto é, aquele que se dedica a uma tarefa de investigação, única disposição possível para ultrapassar a condição de ser de memória para tornar-se também ser de história. (ABREU, 2016, p.5)

No desenvolvimento desta pesquisa, dialogamos com Marcelo Abreu na medida em que a investigação da história local pelos alunos como principal objetivo do projeto Memórias de Manaus, abre espaço para podermos pensar então o protagonismo desses educandos dentro do seu próprio processo de ensino-aprendizagem, pois embora orientado pelo professor, ele se depara com indagações que ele próprio constrói, mediante as suas vivências, e vai à busca das suas respostas. Por meio desse protagonismo, nós, professores, temos a oportunidade de dialogar com nossos alunos e a partir daí desenvolver e estimular, o que Paulo Freire (1996) denomina como “curiosidade epistemológica”<sup>12</sup>, a construção conjunta de conhecimentos, a

---

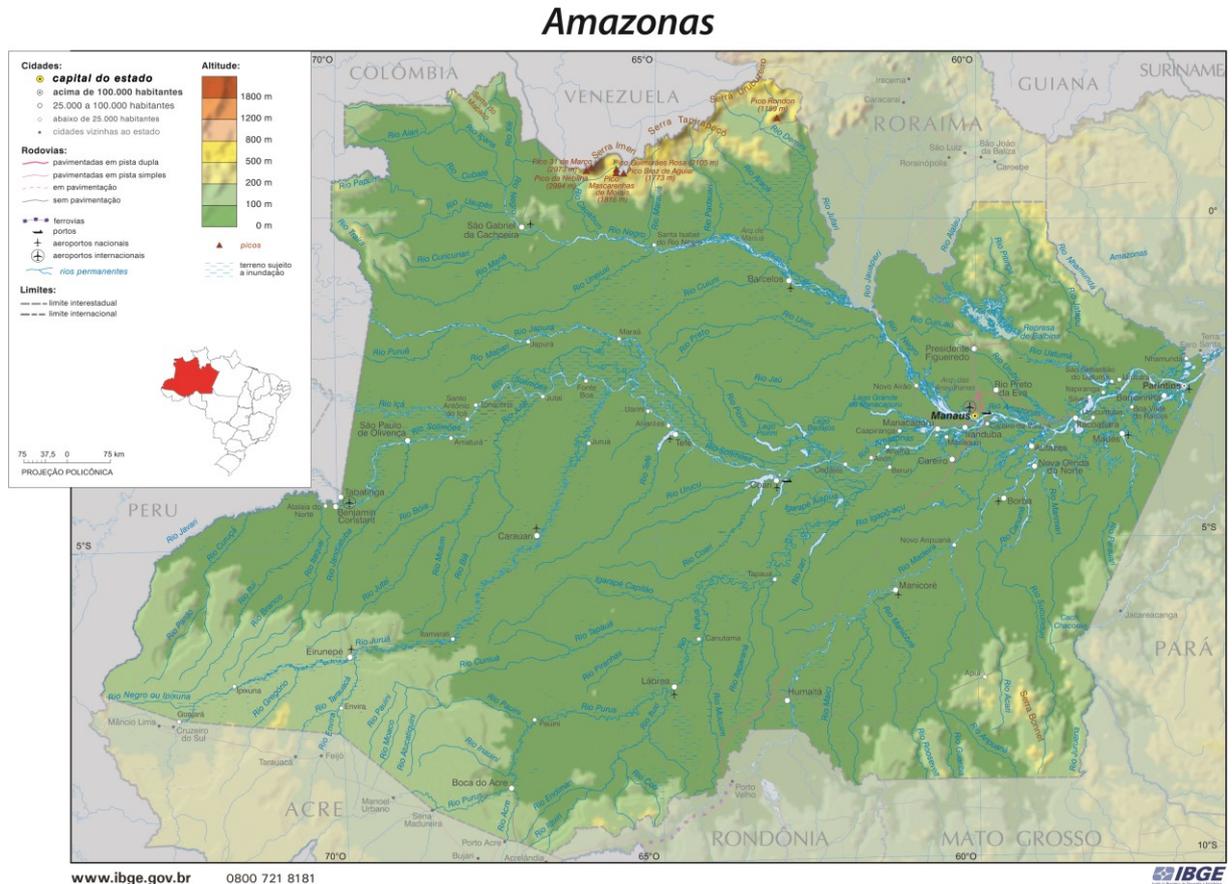
<sup>11</sup> A Zona Franca foi criada em 1967, segundo Agnaldo Figueiredo, com a finalidade de atrair investimentos externos e promover o desenvolvimento regional. As primeiras indústrias começaram a se instalar a partir do início da década de 1970. De acordo com o autor, Manaus passou de 150.000 habitantes (1967) para 600.000 (1975) ocasionando uma expansão desenfreada da cidade. (FIGUEIREDO, 2011)

<sup>12</sup> Para elucidar o termo “curiosidade epistemológica”, Paulo Freire faz a seguinte colocação: “a curiosidade ingênua que “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica”(FREIRE, 1996, p.31).

escuta e vislumbrar práticas educacionais que consigam dialogar, cada vez mais com diferentes espaços e saberes nas suas mais diversas formas.

## 2.2 O LUGAR DE ONDE FALAMOS

Figura 1. Mapa atual do Amazonas indicando a localização de Manaus



Fonte: Site IBGE.

A cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, está localizada na região Norte do Brasil, sua frente é banhada pelos rios Negro (um dos principais afluentes do rio Amazonas) e Amazonas. Na sua organização, Manaus conta com zona urbana e zona rural-ribeirinha, porém a zona urbana é divididas em seis: (Norte, Sul, Centro-Sul, Leste, Oeste, Centro-Oeste). Nos últimos anos a cidade vêm sofrendo transformações intensas seja na sua configuração territorial - com a sua expansão acelerada e desordenada -, seja na sua configuração social – com o número crescente de pessoas que chegam, vindos tanto do interior do Estado quanto de outros países, em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Segundo o historiador Otoni Mesquita (2006), o início da cidade de Manaus data do século XVII, período da exploração portuguesa na região amazônica, onde por volta de 1669 foi levantado um forte denominado fortaleza da Barra de São José do Rio Negro. Diversos povos indígenas já habitavam a região,

“com esses povos indígenas e alguns brancos, iniciou-se o povoamento do lugar, que recebeu diferentes denominações referenciando à fortaleza ou a barra do rio, sendo comuns os termos Fortaleza do Rio Negro, Fortaleza da Barra, Lugar da Barra, Barra do Rio Negro, Barra e Vila da Barra.”(MESQUITA, 2006, p. 24).

Até meados do século XIX não havia modificações significativas na configuração estrutural da cidade. Segundo Ednéia Mascarenhas Dias (2007), apenas a partir de 1890 Manaus “sofre seu primeiro grande surto de urbanização, isto graças aos investimentos propiciados pela acumulação de capital, via economia agrária extrativista-exportadora, especificamente a economia do látex” (DIAS, 2007, p.27). Nesse rastro de urbanização, que buscava o modelo ideal de civilização europeia, diversas obras de modernização foram feitas na cidade e muitos prédios foram construídos para abrigar tanto as instituições públicas quanto os grandes comerciantes da borracha e suas famílias.

Por conseguinte, foi a partir desse pequeno núcleo urbano que a cidade foi se desenvolvendo e assumindo a forma que ainda hoje é possível vislumbrar, mesmo que por fragmentos, no seu centro histórico. Atualmente, essa Manaus antiga que hoje corresponde ao seu centro histórico, está situada na zona sul, e abriga a principal zona de comércio da cidade, pessoas da cidade inteira e dos seus arredores<sup>13</sup> frequentam diariamente o local seja a trabalho, compras, passeio, estudo e/ou locomoção<sup>14</sup>, e é nesse espaço que a escola participante desta pesquisa está localizada.

### 2.3 ESCOLA ESTADUAL FREI SILVIO VAGHEGGI E SEUS ESPAÇOS FÍSICOS

A Escola Estadual Frei Silvío Vagheggi é uma instituição pública que anteriormente ao seu decreto de criação, funcionava como anexo do Instituto Benjamin Constant, também localizado no centro histórico de Manaus e ficou conhecida informalmente como “Benjaminzinho”. Para entender um pouco melhor sobre a escola é preciso conhecer um pouco da sua história.

<sup>13</sup> Manaus é composta por área urbana, área rural e ribeirinha. A área rural corresponde as áreas localizadas na extremidades da cidade, normalmente para acesso ao núcleo urbano as pessoas utilizam as linhas de ônibus que circulam pela cidade; as áreas ribeirinha são as comunidades banhadas pelos rios Negro e Solimões e distante do núcleo urbano, sendo necessário, em muitas delas, o uso de embarcações para chegar até lá. Quando uso a expressão “seus arredores”, além de fazer referência aos municípios vizinhos, também o faço para essas áreas da cidade mais distantes do núcleo urbano.

<sup>14</sup> O Centro é o local que abriga dois portos fluviais da cidade, os barcos são o principal meio locomoção entre os municípios.

Em 1884, seguindo o enalço do processo de modernização da cidade, o então presidente da Província do Amazonas, Theodoro Souto, criou uma escola que se destinava à educação do ensino primário, moral e doméstico para meninas órfãs e pobres; e lhe deu o nome de Asylo Orphanologico Elysa Souto, em homenagem a sua esposa (DUARTE, 2009, p.169). De acordo com o historiador Arthur Reis (1989, p.205) essa foi a origem do Instituto Benjamin Constant. A escola ainda ficou funcionando em prédio alugado por um período. De acordo com Duarte (2009), em 1888 foi transferida para o Palacete Barão de São Bernardo, prédio que havia sido adquirido ainda na administração de Theodoro Souto para abrigar o Museu Botânico da cidade. Em 1892, o Decreto 11 do então governador Eduardo Ribeiro, extinguiu o Asylo e criou o Instituto Benjamin Constant, com a mesma finalidade.

**Figura 2. Instituto Benjamin Constant. In: Álbum Vistas de Manaus. Foto: George Huebner.**



Fonte: Brasiliana Fotográfica. 1890 circa <sup>15</sup>

Segundo Arthur Reis, “à classe sacerdotal, o governo buscava os melhores educadores” (REIS, 1989, p.203), logo, a administração do Instituto ficou por conta da Congregação Filhas de Sant’Anna, embora também houvesse um diretor laico. Após ser

<sup>15</sup> Disponível em: <https://idd.org.br/acervo/instituto-benjamin-constant-2/>. Acessado em: 24/06/2020

desativado em 1969, voltou a funcionar na primeira metade da década de 1970, agora como escola de regime misto e não mais internato (DUARTE, 2009).

Na década de 1980, na administração do governador José Lindoso, foi aprovada, por meio de decreto, uma reorganização administrativo-pedagógica da Secretaria de Estado da Educação e Cultura que visava principalmente a reorganização da rede física escolar. Por meio do Decreto nº 4.870 de 24 de março 1980, o Instituto Benjamin Constant, que naquele momento atendia ao ensino de 1º e 2º graus, foi desmembrado em três escolas com autonomia administrativo-pedagógico. Deste desmembramento, foram criadas a Escola de 1º grau Antenor Sarmiento Pessoa e a Escola de 1º grau Frei Silvio Vagheggi, as três escolas ficavam submetidas à Unidade Educacional da Praça 14<sup>16</sup>. Anteriormente a esse decreto, o espaço destinado a escola funcionava como anexo do Instituto Benjamim Constant e ficou conhecida informalmente como “Benjaminzinho”.

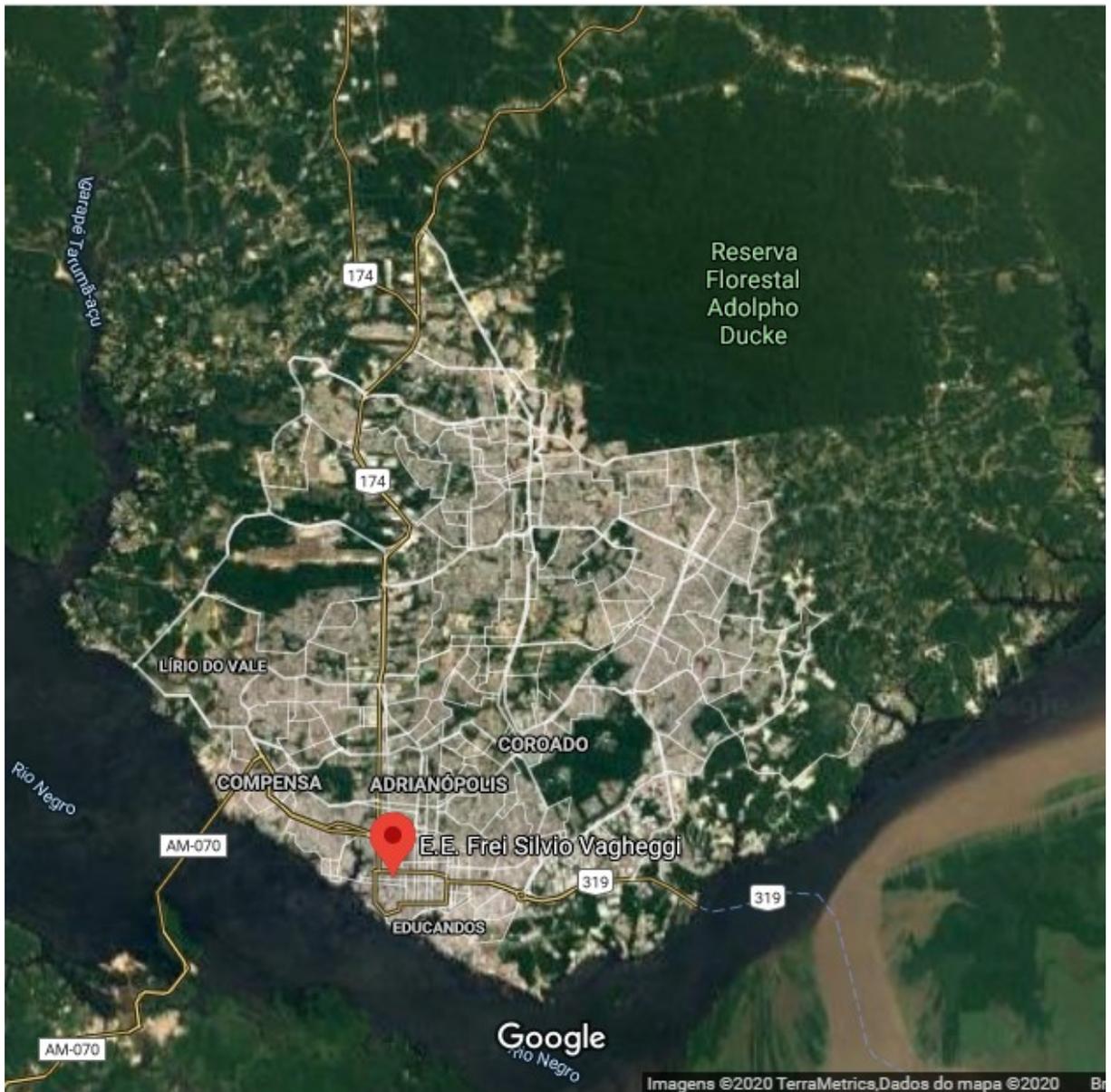
Atualmente, a escola recebe cerca de 600 alunos exclusivamente na modalidade Ensino Médio (diurno) e, desde 2008, também atende alunos com deficiência auditiva/surdez. A E.E. Frei Silvio Vagheggi faz parte das 36 escolas que compõem a Coordenadoria Distrital 1<sup>17</sup>, que atende a zona sul da cidade (Figura 3 e 4).

---

<sup>16</sup> Para efeito de organização administrativa, também foi aprovada por meio deste Decreto o agrupamento de escolas em Unidades Educacionais. Essas Unidades, portanto, tinham a função de articular e integrar as escolas ao macrossistema da Seduc.

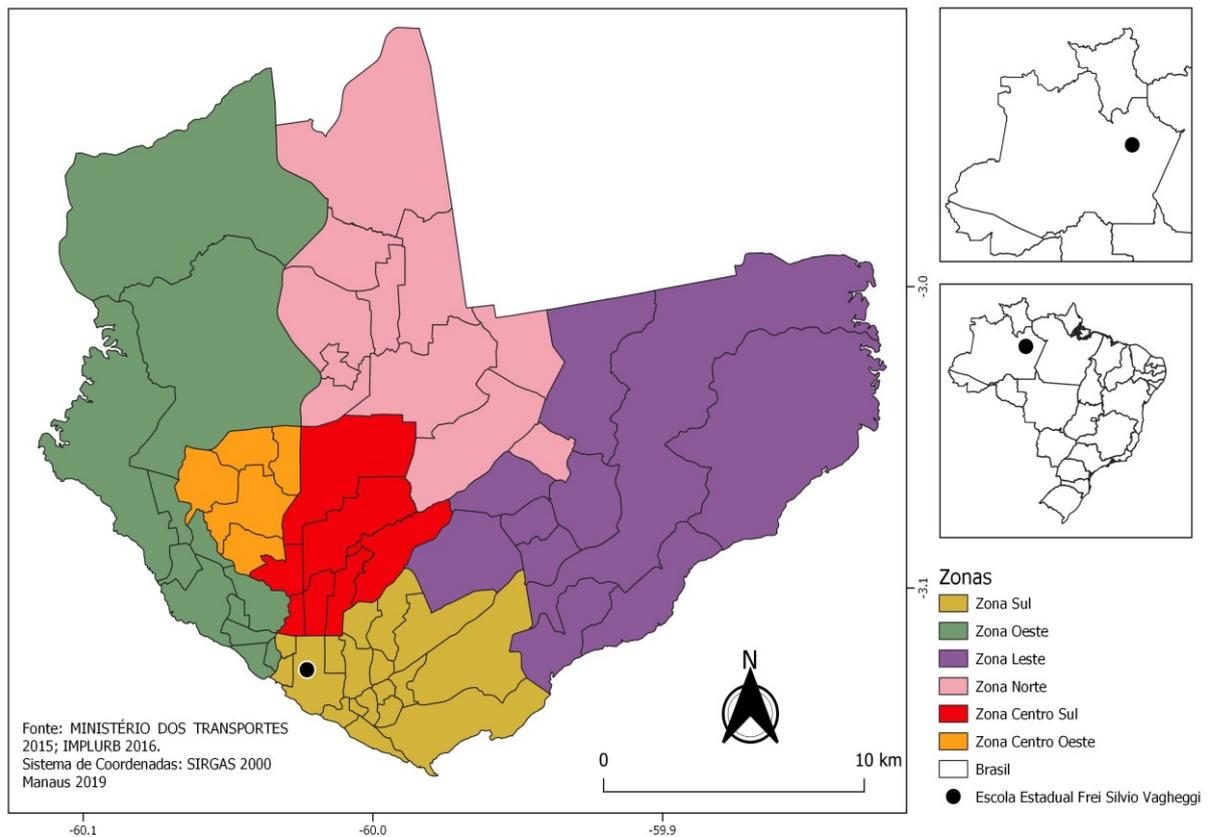
<sup>17</sup> Atualmente a Secretaria de Educação organiza administrativamente suas escolas da capital através de Coordenadorias Distritais de Educação (CDE's), são ao todo sete coordenadorias. Apesar da cidade ser dividida em 6 zonas, a zona norte por possuir um número bem maior de escolas que nas outras zonas foi desmembrada em duas coordenadorias.

Figura 3. Localização da E.E. Frei Silvío.



Fonte: Google Earth. 2020

**Figura 4, Localização da E.E. Frei Silvio em relação as zonas urbanas da cidade.**



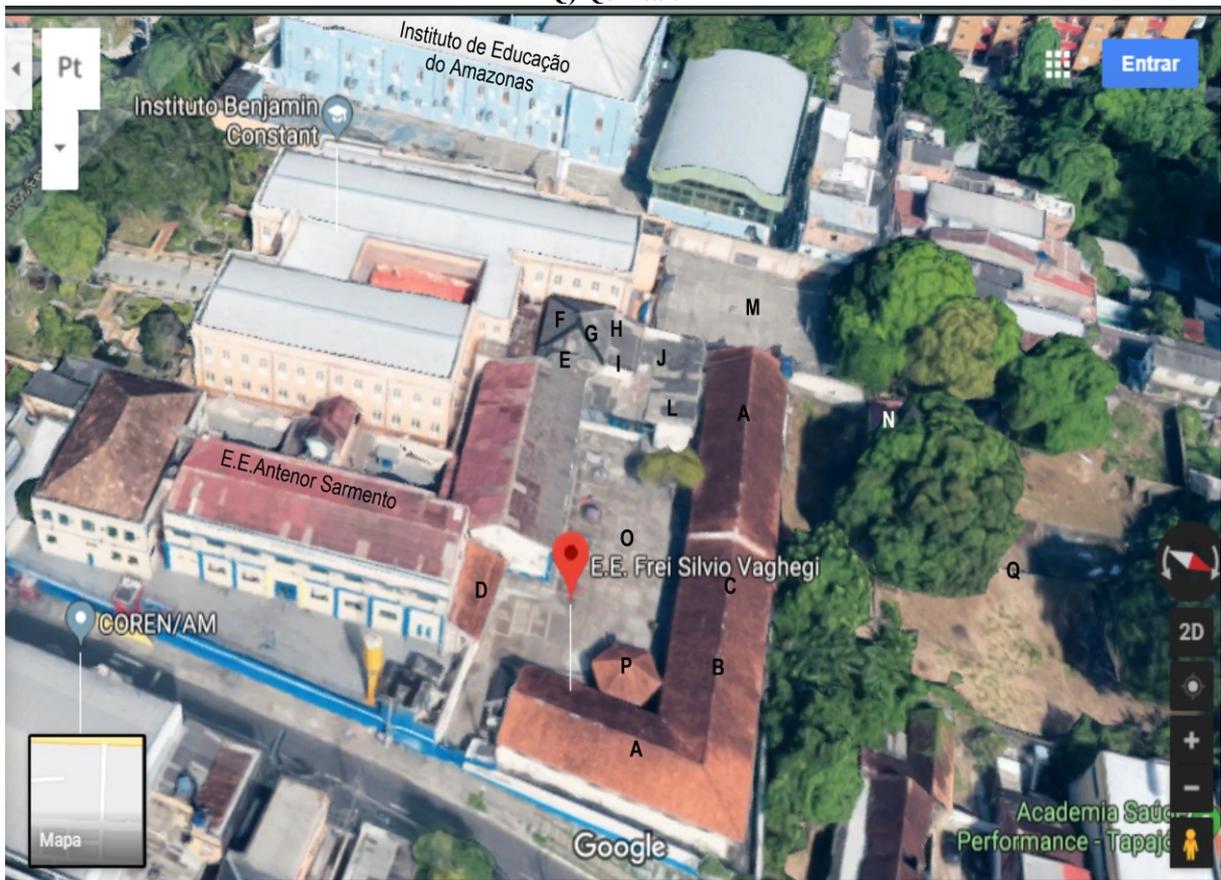
Fonte: Ministério dos Transportes. 2015

Estruturalmente é composta por 9 salas de aulas, uma sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) - que funciona como polo de atendimento a alunos, da região próxima à escola, com necessidades especiais - um refeitório, uma cozinha, um laboratório de informática (que está desativado), uma biblioteca, que começou a funcionar parcialmente apenas em 2019, um laboratório de ciências, uma sala dos professores, um secretaria, uma sala da pedagogia, uma sala da diretoria, um mini auditório, um depósito, um coreto e uma quadra, que é usada juntamente com a escola Antenor Sarmiento que fica ao lado do Frei, logo não é possível utilizá-la todos os dias, pois ambas escolas seguem um calendário de uso.

Como é uma escola, advinda de um anexo de uma outra escola, a estrutura encontrada no “Frei”, mesmo que tenha sido criada na década de 80, ainda hoje tem ares de espaços improvisados, o que dificulta bastante a realização de atividades. O auditório é uma espécie de sala com paredes falsas que nem chegam até o teto, comportando no máximo duas turmas. Como é um dos dois espaços na escola que tem datashow instalado (o outro é o laboratório de ciências), frequentemente é utilizado pelos professores. Contudo, para chegar à sala de

recursos é necessário passar por meio do auditório, o que atrapalha tanto as aulas e atividades no auditório, quanto as aulas que acontecem na sala de recursos. Quando a escola necessita fazer um evento que envolva todas as turmas, costumeiramente é feito um pedido a alguma instituição que fique nas imediações, caso contrário são feitos no seu pequeno coreto localizado no estacionamento/pátio da escola, o que também gera certo transtorno por conta das diversas condições climáticas, seja em dia de chuva ou mesmo em dia de sol intenso. O refeitório também é um exemplo desses espaços improvisados em uma das salas da escola e que não abriga a todos os alunos, muitos deles comem sentados no chão espalhados pelo pátio da escola.

**Figura 5. Divisão interna dos espaços da escola: A) Sala de aula; B) Sala de Informática; C) Cozinha; D) Refeitório; E) Diretoria; F) Sala dos professores; G) Auditório; H) Sala de Recurso; I) Pedagogia; J) Biblioteca; L) Secretaria; M) Quadra; N) Laboratório de Ciências; O) Pátio/Estacionamento; P) Coreto; Q) Quintal.**



Fonte: Google Street View, 2019. Identificação dos espaços elaborada pela autora.

Em 2017, o “Frei” chegou a cumprir um calendário especial, pois foi anunciado para a comunidade que a escola passaria por uma reforma que tinha a finalidade de transformá-la em um CETI (Centro Educacional de Tempo Integral), porém, sem explicações, foi cancelada.

Recentemente, o prédio passou por alguns reparos, porém nada mais foi dito a respeito dessa reforma.

Embora seja uma escola localizada na zona sul de Manaus, sua comunidade escolar é composta por uma comunidade bem diversa, pois, tanto alunos quanto trabalhadores da escola, são advindos de diferentes áreas da cidade, alguns inclusive vindos de cidades do outro lado do rio<sup>18</sup>, e de diferentes condições sociais. Esse público diversificado é característica comum entre as escolas localizadas no Centro, porém o “Frei” tem um diferencial a mais que é o fato de a escola, além de receber alunos com surdez/deficiência auditiva, também ser polo de atendimento a alunos com necessidades educacionais especiais. Como a escola possui uma sala de recursos multifuncionais, conta também com alunos autistas vindos de outras escolas, inclusive do ensino fundamental.

Em seu quadro pedagógico, a escola conta com 28 professores, 2 pedagogos e 4 intérpretes de libras, porém é importante ressaltar que não são todas as salas que contam com intérprete, comumente é um por série dependendo da quantidade de alunos surdos/deficiente auditivo; assim como os alunos, os professores da escola vêm de bairros de diferentes zonas da cidade. Algumas disciplinas contam com professores compartilhados<sup>19</sup>, fator que dificulta o andamento de projetos, pois a organização das turmas conta com professores conselheiros<sup>20</sup> que tem como função auxiliar as turmas nas atividades da escola. No caso do “Frei”, dos seus 28 professores, 11 são compartilhados, sendo comum o caso de professores compartilhados que tem atividades ao mesmo tempo nas escolas em que lecionam, logo sendo apenas possível estar em uma delas, a outra escola resta desfalcada.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Após a inauguração da Ponte Jornalista Phelippe Daou, popularmente conhecida como Ponte Rio Negro, a vinda de alunos de cidades localizadas do outro lado do rio ficou mais comum. Anteriormente à construção da ponte, o deslocamento entre as cidades era feito por balsas que atravessaram o Rio Negro, o que demandava mais tempo, tanto na travessia quanto na espera para o embarque, o que dificultava o acesso às cidades, pois as pessoas também disputavam espaços com automóveis e mercadorias (a travessia por balsas durava cerca de 40 minutos, pela ponte é menos de 10 minutos)

<sup>19</sup> Quando um professor não consegue preencher toda sua carga horaria em uma escola, ele é enviado para outra escola a fim de ter sua jornada completada. Esses professores são chamados de “compartilhados”. Em muitos casos eles não conseguem compartilhar carga numa mesma zona distrital e por vezes chegam a estar lotados em até três escolas. Tal prática gera um prejuízo incalculável não apenas para o desempenho de trabalho de professores, mas também para o andamento das atividades escolares, uma vez que por estarem em várias escolas o professor não consegue participar ativamente e profundamente de nenhuma delas, sem deixar de mencionar, o evidente desgaste físico e emocional causado por tantos deslocamentos, principalmente para professores que compartilham em escolas diferentes e em turnos diferentes.

<sup>20</sup> Todos os anos, no início do ano letivo, tem eleição em todas as turmas de ambos os turnos, para a escolha de professores que farão acompanhamento dessas turmas durante todo o ano, esses docentes eleitos pelos alunos são chamados de professores conselheiros. Os conselheiros são encarregados de ajudar e acompanhar as atividades da turma nos projetos da escola e lhes atribuir as notas a elas relativas para acesso também dos outros professores quando necessário.

<sup>21</sup> Os dados apresentados neste parágrafo correspondem ao ano de 2019.

### 2.3.1 De Meu Velho Amigo à Memórias de Manaus

A história do “Frei” com a memória de idosos tem início em 2011 quando a sua gestora escolar, professora Maria Auxiliadora da Silva Farias, que havia assumido o cargo recentemente e incorporou às atividades da escola o projeto intitulado “Meu Velho Amigo” (M.V.A). A ideia embrionária, do que mais tarde se tornaria o “Meu Velho Amigo”, partiu da própria professora Maria Auxiliadora. Em entrevista concedida em 2018 para esta pesquisa, Maria Auxiliadora compartilhou em sua casa, entre álbuns de fotografias do projeto e até edição de revista<sup>22</sup> impressa com uma reportagem sobre ele, um pouco da história do M.V.A. Em 2002, quando lecionava no Colégio Brasileiro Pedro Silvestre, também localizado no centro de Manaus, verificou que os alunos tinham certa resistência ao falar da situação do idoso. Por meio dessa sua vivência em sala de aula e do incômodo que essa situação lhe causou, a professora teve a iniciativa de promover uma ação solidária com o intuito de “integrar o jovem com o mais velho” (FARIAS, 2018), além de promover práticas que envolviam a escuta, a conversa com os idosos e até arrecadação de alimentos para os idosos de baixa renda.

Ao assumir a gestão da Escola Frei Silvio Vagheggi em 2011, a escola passou então a contar com este projeto por meio do qual, nesse mesmo ano, ganhou o Selo de Escola Solidária<sup>23</sup>. Percebe-se que o recebimento desse prêmio foi um acontecimento muito importante para sua comunidade, tendo em vista que vez ou outra o fato é mencionado em diálogos informais com os professores mais antigos da escola, que já lecionavam no Frei na época do evento; tal fato também é mencionado constantemente em entrevistas e reportagens sobre o M.V.A veiculadas pelos sites de notícias locais. A edição de 2011, na qual o “Frei” foi premiado, segundo Mori (2016), visava premiar as escolas que desenvolvessem projetos de voluntariado educativo visando a melhoria da qualidade de vida da comunidade e da educação oferecida. Ainda levava em consideração que esses projetos pudessem colaborar para a melhoria do desempenho dessas escolas nas avaliações externas.

---

<sup>22</sup>A revista em questão é a Amazonas Educação: Revista do Professor, uma edição de 2012, elaborada pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas divulgando notícias e projetos da Secretaria.

<sup>23</sup>O selo teve cinco edições, sendo a sua primeira em 2003 e a sua última em 2011, ano que a E.E. Frei Silvio foi premiada. Foi um projeto de iniciativa do Projeto Faça Parte, do Instituto Brasil Voluntário, em parceria com o Ministério da Educação, Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e Fundo das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco).  
 Informações retiradas do site:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2692&catid=202](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2692&catid=202). Acessado em: 24/05/2019.

Quando o “Velho Amigo” migrou para o Frei Silvío já contava com 10 anos letivos de existência. A revista “Amazonas Educação”, que na época era um veículo de divulgação impressa das atividades da SEDUC, na sua edição de 2012, afirmava em uma de suas reportagens que o projeto já se encontrava vinculado ao Departamento de Projetos especiais da Secretaria de Estado de Educação e que naquele momento contava com a adesão de 27 escolas da rede estadual e com uma estimativa de 2.408 idosos adotados<sup>24</sup>. Em 2014, o M.V.A passou fazer parte, inclusive, do Projeto Político-Pedagógico da escola.

No início do ano, eram dados para os alunos, pais e professores, folders de divulgação do M.V.A. Em 2016, o M.VA comemorou 15 anos de existência, conforme folder (Fig.6) de divulgação distribuído na escola no início do ano letivo e contou com a parceria de outras instituições.

---

<sup>24</sup> No projeto M.V.A os alunos usam a palavra “adotar” para fazer referência a escolha e acompanhamento dos idosos.

**Figura 6. Folder de divulgação do M.V.A. do ano de 2016**



## PROJETO MEU VELHO AMIGO

O Projeto foi implantado no Colégio Brasileiro Pedro Silvestre, no ano de 2002, pela Professora M<sup>a</sup> Francisca Auxiliadora da Silva Farias. Participando, inicialmente, 09 turmas e 128 idosos. Hoje gestora da Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi, Trouxe o trabalho para ser desenvolvido na mesma. Recebendo no ano de 2011 o Selo de escola Solidária.

Neste ano, estamos completando 15 anos de realização deste projeto que, hoje esta sendo desenvolvido pela escola Estadual Frei Silvio Vagheggi.

O Projeto consiste basicamente na "adoção" de idosos. Cada sala divide-se em grupos de quatro alunos e cada equipe adota um idoso, assumindo a responsabilidade de visitá-lo, observando suas necessidades e, na medida do possível, procurar supri-las. A grande diferença desse ano será feita com 1<sup>o</sup> 01 e 1<sup>o</sup> 02 que adotarão os idosos da casa de repouso São Vicente de Paula, e 3<sup>o</sup>1 ( vinte alunos) que adotarão idosos do SESC dando continuidade a parceria com o Projeto Era Uma Vez, pois nestes anos de realizações sentimos a necessidade de multiplicar o projeto e buscar novos parceiros.

O Projeto funciona durante o ano todo na Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi, de uma forma interdisciplinar, onde são feitos trabalhos de cunho educacional de várias maneiras como elaboração de textos, pesquisas sobre fatos históricos e geográficos, somatória de tempo e espaço e etc. São realizadas reuniões periódicas com os coordenadores de cada sala e acompanhamentos dos grupos pelos professores conselheiros. No decorrer das visitas, os alunos tiram fotos para confecção de painéis os quais são expostos no dia do baile que será realizado no dia 03/10 do corrente ano. Nesse dia, os idosos que conseguem locomover-se são conduzidos à festa e recebem homenagens e cestas básicas, que os alunos arrecadam no período determinado. Para os idosos de leito, as cestas são levadas pelos alunos até sua residência.

Desde o ano de 2005, iniciou-se também a entrega de presentes, na época do natal, aos idosos adotados. Presentes arrecadados pelos alunos nos meses de outubro e novembro, essa cestas serão entregues aos adotados no dia 25/11.

O Projeto tem o objetivo de sensibilizar a juventude para que o idoso seja visto sob uma nova ótica, ou seja, uma fonte de sabedoria e experiência na qual o jovem tem muito a ganhar e assim desmistificar a ideia de que o idoso é um ser inútil e incapaz.

***“RESPEITAR O ANCIÃO É PREVENIR O FUTURO”***

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com proposta interdisciplinar, o projeto visava introduzir o debate a respeito do idoso dentro da especificidade de cada disciplina do currículo escolar, embora sua característica de ação solidária se destacasse mais fortemente. O próprio termo “adotar” utilizado para designar o acompanhamento por meio das visitas, já visava uma ação sobretudo de cunho afetivo e solidário dentro desse processo. O folder de divulgação já anuncia essa característica de projeto social, tendo como objetivo “sensibilizar a juventude para que o idoso seja visto sob uma nova ótica” (Folder de divulgação M.V.A, 2016). Mesmo com sua característica

acentuadamente solidária também há um esforço em mencionar, no folder, porém sem aprofundar, que atividades de “cunho educacional”<sup>25</sup> serão feitas durante o projeto.

Ficava a critério do professor decidir como seriam feitas as atividades de “cunho educacional”, se elas tinham caráter avaliativo e se as notas obtidas eram utilizadas para compor parte das avaliações específicas de cada disciplina.

Diante disso, eram realizadas visitas periódicas pelas equipes de alunos a esses idosos “adotados” durante o projeto. Nessas visitas eles conversavam, faziam companhia e davam cestas básicas, na culminância do projeto realizada em outubro, e de higiene pessoal, no mês de dezembro. O projeto incentivava sobretudo a prática da solidariedade com essas pessoas e funcionou por meio desse formato até 2016.

Contudo, em 2017 a escola passou por diversas mudanças, pois além das trocas de gestão (foram três trocas ainda no primeiro semestre) houve também a adesão<sup>26</sup> ao Programa Ensino Médio Inovador - PROEMI<sup>27</sup>. Além das suas questões internas, é importante mencionar que o cenário educacional nacional também estava passando por mudanças e imerso em meio aos debates a respeito da reforma no Ensino Médio e de ameaças à educação pública do país.

Em meio a estas transformações e diante da sua nova realidade interna, a comunidade escolar Frei Silvio Vagheggi, recebeu o PROEMI, onde fica a cargo da escola construir, de acordo com sua realidade, o conjunto de ações que comporão sua Proposta de Redesenho Curricular (PRC) a partir dos Campos de Integração Curricular (CIC) e das áreas de conhecimento disponibilizadas pelo programa. Há ao todo oito CIC's divididos em quatro campos obrigatórios: Acompanhamento Pedagógico (Língua Portuguesa e Matemática), Iniciação Científica e Pesquisa, Mundo do Trabalho e Protagonismo Juvenil; e quatro campos de livre escolha, devendo a escola adotar no mínimo um: Línguas Adicionais/Estrangeiras, Cultura Corporal, Produção e Fruição das Artes, Comunicação, Uso de Mídias e Cultura

<sup>25</sup> Expressão utilizada no folder de divulgação na figura.

<sup>26</sup> A adesão ao programa deve ser solicitada pelas Secretarias de Educação dos Estados e essas selecionam quais escolas participarão do programa, as escolas escolhidas recebem apoio técnico e financeiro para a implementação e desenvolvimento dos projetos.

<sup>27</sup> O Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI), instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, é um programa/estratégia do Governo Federal que têm como objetivo fomentar o desenvolvimento de projetos de redesenho curricular no ensino médio, segundo a descrição de apresentação do programa no portal do MEC, seu objetivo é apoiar e fortalecer os Sistemas de Ensino Estaduais e Distrital no desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de Ensino Médio, disponibilizando apoio técnico e financeiro, consoante à disseminação da cultura de um currículo dinâmico, flexível, que atenda às expectativas e necessidades dos estudantes e às demandas da sociedade atual. Em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13439:ensino-medio-inovador>

Digital. A PRC do Frei, além de contar com os campos obrigatórios, também adotou o campo de Comunicação, Cultura Digital e uso de Mídias.

No processo de construção das ações para o campo de iniciação científica, primeiramente foi pensado por parte do setor da pedagogia em uma proposta ligada as áreas de química e biologia, contudo, na época eu e outros professores, também havíamos ficado responsáveis por apresentar uma proposta para as áreas de ciências humanas e após diálogo pensamos numa possibilidade de transformar o projeto Meu Velho Amigo em um projeto de iniciação científica. O consenso a que chegamos era que a inserção de um projeto a mais na escola sobrecarregaria mais ainda a todos. Uma grande queixa dos professores em relação a escola era o número exacerbado de projetos. Partindo dessas realidades internas, nasceu o projeto “Memórias de Manaus: A cidade de ontem e de hoje através do relato dos idosos” (Fig.7), que submetido a avaliação do comitê avaliador do programa, juntamente a outros projetos das demais áreas de conhecimento que foram sugeridos, foi aprovado principalmente por ter como proposta o diálogo entre todas as disciplinas do currículo escolar. Embora eu, que na época era professora de História da escola, tenha articulado a escrita e a execução do projeto, entendo que a autoria seja coletiva pela contribuição e participação de parte do corpo docente e da pedagoga nas orientações de como poderia ser o projeto.

**Figura 7. Texto aprovado pelo comitê avaliador do PROEMI.**

<b>Análise do Comitê Gestor do ProEMI 2016/2017, em 23/03/2017</b>
<b>Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi</b>
<b>Campo de Integração Curricular:</b> Iniciação Científica e Pesquisa
<b>Ação:</b> Realizar Projeto Memórias de Manaus – A cidade de ontem e de hoje através dos relatos dos idosos.
<p><b>Detalhamento da Ação:</b> Através dos relatos orais de idosos, que poderão ser tanto da comunidade próxima a escola quanto dos idosos do núcleo familiar dos próprios alunos, pretendemos realizar um resgate de memórias importantes para a construção da nossa história, além de sensibilizar nossos alunos para importância e a realidade do idoso em nossa sociedade e no núcleo familiar. Pretendemos também inseri-los no mundo da pesquisa de modo que tornem-se cada vez mais próximos dos métodos de investigação, da escrita e dos saberes tradicionais, podendo então a partir das suas experiências com o processo da pesquisa fazer um feedback entre os saberes tradicionais e científico, e refletir sobre a importância de ambas.</p> <p>Durante as visitas de campo serão realizadas entrevistas gravadas e escritas, nos encontros na escola serão realizados os relatórios das visitas e transcrição das entrevistas gravadas, estas etapas serão auxiliadas pelos professores de História, Sociologia e Língua Portuguesa. Com o auxílio também do professor de Língua Portuguesa falaremos sobre a variação sociolinguística dos idosos entrevistados. O modo de vida e saúde dos idosos na sociedade também será alvo de investigação e para esta etapa contaremos com o auxílio dos professores de Matemática, Química, Biologia, Física, Educação Física, Geografia, e, por fim, utilizando a documentação produzida no processo de pesquisa, faremos uma exposição audiovisual e fotográfica como modo de divulgar para a comunidade escolar as experiências dos pesquisadores durante o processo da construção do conhecimento, as exposições serão realizadas nas dependências da escola, no mês de Outubro por ser o mês em que se comemora o dia do idoso, esta etapa contará com o auxílio dos professores de Artes e Filosofia. Deste modo cada componente curricular trabalhará o tema dentro da sua área de atuação contribuindo para a construção da pesquisa, auxiliando na escrita dos relatórios, elaboração dos gráficos, investigação do estilo de vida dos idosos, construção da exposição, bem como as mudanças ocorridas na cidade durante o período relatado pelos entrevistados.</p>
<p><b>Área de Conhecimento/Componente Curricular:</b>            Ciências da Natureza e suas tecnologias / Química, Biologia, Física            Linguagens e códigos / Língua Portuguesa, Educação Física e Artes.            Ciências Humanas / História, Geografia, Sociologia            Matemática e suas tecnologias / Matemática.</p>
<p><b>Itens Solicitados:</b> Gravador Digital, Prancheta, papel ofício, caneta, Tela para projeção, Máquina fotográfica, Filmadora, caixa de som, cabos, Notebook, mouse, impressora a laser, toner para impressora, pendrive, hd externo.</p>

Fonte: Acervo pessoal da autora.

O objetivo do projeto Memórias de Manaus, de acordo com a proposta aprovada pelo comitê avaliador (Figura 7), de modo geral, é investigar, durante o ano letivo, a história da cidade por meio de narrativas orais de idosos obtidas mediante entrevistas concedidas aos alunos. Esta nova proposta valoriza, sobretudo, aspectos considerados positivos pelo corpo docente do projeto anterior (M.V.A) como a interdisciplinaridade, a importância da

sensibilização dos alunos perante a situação do idoso e, ainda, inserir os alunos no mundo da pesquisa.

No processo de escolha do entrevistado, os alunos são orientados a escolher um idoso tanto da comunidade próxima à escola quanto do núcleo familiar do próprio aluno, pois assim as chances de “perda” de um entrevistado por conta de distância ou perda de contato diminuem consideravelmente. Essa orientação também advém da experiência do projeto anterior, quando muitos alunos escolhiam idosos que moravam em lugares distantes das suas casas ou da escola resultando em dificuldade de realizar visitas.

Como já mencionado, o Memórias de Manaus preservou muitas características do M.V.A, porém tentou aproximar algumas práticas já existentes nele a um método de pesquisa. Não apenas algumas práticas do M.V.A foram preservadas, mas alguns termos utilizados nele também continuaram, um deles é que o processo de escolha dos idosos entrevistados continuou sendo chamado de “adoção”. Havia também um incentivo aos alunos, por parte dos professores, para que as pesquisas de campo (chamadas de “visitas” assim como no M.V.A) acontecessem com uma certa frequência mesmo que não fosse necessariamente para cumprir atividades do projeto, talvez como um modo de prevenir que seu aspecto solidário não se perdesse com a mudanças ocorridas.

Além disso, concomitante ao processo de investigação da história da cidade, o projeto também busca dialogar e sensibilizar os alunos a respeito da situação do idoso em diversos espaços, de modo que cada componente curricular contribua para o andamento e enriquecimento da pesquisa, fortalecendo então a proposta interdisciplinar do projeto. A organização se dá de modo que cada turma possui um conselheiro, responsável pelo acompanhamento e execução das atividades do projeto e cada professor responsável por inserir assuntos relacionados ao idoso em sua disciplina específica.

Embora houvesse a preocupação em preservar essa característica solidária, uma questão importante a ser observada nesse processo de modificação do M.V.A é que, ao se tornar “Memórias de Manaus”, o corpo docente, de modo geral, achou que seria muito mais pertinente avaliar o aluno por uma atividade pedagógica que envolvesse pesquisa, do que por ações solidárias, como no caso do M.V.A, embora concordassem que elas fossem muito importantes no andamento do projeto. Portanto, ressignificar o M.V.A. por meio do “Memórias de Manaus” foi também uma forma de tentar atender a questões importantes para a comunidade escolar. Desse modo, essas reivindicações docentes reverberaram no texto do

projeto (Figura 7) ao inserir entre os seus objetivos a introdução dos alunos ao mundo científico por meio da pesquisa, da investigação.

As ações desenvolvidas no projeto “Memórias de Manaus” buscam um estreitamento na relação entre a escola e a universidade, repercutindo na escolha de alunos e ex-alunos de iniciação científica e de pós-graduação de História da Universidade Federal do Amazonas como parcerias que auxiliaram em uma das etapas do projeto concernente a metodologia utilizada na pesquisa. As etapas foram divididas em 1- assessoria dos convidados formados/em formação em História; 2- formação de grupos para realizarem as entrevistas; 3- realização das entrevistas e acompanhamento pelos professores conselheiros por meio entrega de relatórios de pesquisa; 4- a confecção de um banner ou vídeo para a exposição de resultados e a própria exposição para a comunidade.

### *2.3.1.1 Etapas desenvolvidas do projeto em 2017:*

#### *2.3.1.1.1 Assessoria Histórica:*

Para iniciar as atividades da pesquisa, a escola solicitou uma ação colaborativa que foi chamada de “assessoria histórica” a estudantes finalistas e egressos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amazonas – UFAM para diálogo com os alunos sobre história oral e seus métodos, transcrição das gravações, realização de entrevistas, dentre outros assuntos relacionados à temática do projeto e para tirar dúvidas dos alunos; entre os profissionais convidados, duas eram mestres, uma graduada e três graduandos. Foram dois dias de assessoria no mês de maio de 2017. Conforme o cronograma, cada convidado ficava durante um tempo de aula na sala com os alunos, e o professor do horário cedia o tempo para a atividade.

**Figura 8. Participantes da assessoria em sala de aula acompanhada da professora do horário.**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Porém, é evidente que apenas um tempo de aula antes de iniciar o projeto não dava conta das demandas que a atividade requer, pois não é tempo suficiente para preparar um aluno para trabalhar com metodologias de pesquisa, apresentar história oral e ainda ensinar como se faz transcrição. O quesito tempo foi lamentado inclusive pelos convidados, que se disponibilizaram a voltar em outros momentos, porém não foi possível recebê-los, pois outro projeto também estava em andamento e perto da sua culminância<sup>28</sup>. Essa etapa não foi acompanhada, em sala, por um professor específico de alguma disciplina. No momento da assessoria o professor que estivesse em sala acompanhava a atividade se pudesse, pois como já foi mencionado, havia um outro projeto em andamento na escola e aos professores cabia auxiliar os alunos.

O turno da manhã foi assessorado por três estudantes do curso de licenciatura da UFAM, duas delas também participavam do PIBID/PIBIC. Cada um deles entrava em uma sala e dava sua contribuição. No turno vespertino, os convidados foram 3 professoras, duas delas mestres em História também pela UFAM, e seguiu a mesma organização do turno matutino. A assessorias foram feitas em dias e turnos alternados.

#### 2.3.1.1.2 Organização de trabalho: Formação de grupos para realização das entrevistas.

Após a “assessoria histórica”, as turmas formaram grupos de 4 a 6 componentes e em seguida escolheram o idoso que iriam entrevistar. Nas orientações do projeto é sugerido aos alunos escolher pessoas que vivam próximas de suas casas para facilitar as visitas para as entrevistas; não foi delimitado um número de entrevistas, porém as equipes teriam que realizar, pelo menos, uma entrevista com roteiro elaborado por eles mesmos, além do modelo de entrevista disponibilizado pelo projeto. Também nesse momento são entregues os documentos que os alunos precisarão para realizarem suas pesquisas. Os documentos são: Carta de Cessão (Anexo 1), Ficha do Relatório de Atividades (Anexo 2), Ficha para a transcrição das entrevistas (Anexo 3) e Modelo de roteiro de entrevista (Anexo 4). A carta de cessão e o roteiro de entrevista foram criados, a pedido da escola na ocasião representada por mim, por uma das historiadoras que prestaram assessoria histórica aos alunos. O seu auxílio foi importante, pois a mesma já tinha experiência no trabalho com fontes orais e foi elucidando no percurso quais documentos seriam necessários para a pesquisa do Memórias de Manaus. A ficha para transcrição de entrevista (destinada as transcrições) foi criada por mim, tendo em vista, principalmente, a necessidade que tínhamos de concentrar o trabalho de

---

<sup>28</sup> Concomitante ao Memórias, estava acontecendo também as atividades do projeto de Povos Indígenas na escola, como esse projeto exige uma espécie de performance, o ambiente escolar estava bastante agitado por conta dos ensaios que estavam ocorrendo.

transcrição em um determinado tipo de documento que ficasse em posse da escola e não apenas no caderno dos alunos, pois todos os documentos produzidos pelo projeto, além de avaliativos, eram comprobatórios do seu andamento à Comissão Avaliadora do PROEMI. Já relatório de atividades foi uma adaptação de uma documentação do M.V.A para o acompanhamento das atividades de modo geral, fossem visitas, entrevistas, reuniões em grupo etc. Ressaltando que esses documentos foram criados após o início do projeto em decorrência das necessidades que iam se apresentando no andamento do trabalho, exceto pelo relatório de atividades, como já mencionado, cujo uso já se fazia desde o M.V.A como um modo de acompanhar as visitas dos alunos aos idosos adotados e um meio de avaliação dos professores para atribuição de nota.

Todos os documentos são entregues às equipes por seus conselheiros. Para a carta de cessão recomenda-se sua devolução à escola logo após assinatura pelos entrevistados, ficando a cargo da escola a guarda desse documento, nela continha espaço destinado aos dados do entrevistado e de dois entrevistadores<sup>29</sup>; já os relatórios de atividades e as fichas de transcrição são entregues bimestralmente aos professores conselheiros e passam por uma avaliação. Mediante essa avaliação, os conselheiros ficam responsáveis pela atribuição de uma nota e posterior disponibilização das mesmas aos demais professores.

O relatório de atividade possui campo para os nomes de todos os integrantes das equipes de pesquisa e também para breves relatos das visitas, além de espaço para informar se o entrevistado tem problemas relacionados à saúde e se faz atividades físicas. Já a ficha de entrevista, destinada a registrar as transcrições, tem espaço para os dados do entrevistado, nome(s) do(s) entrevistador(es) e ainda data, tema e duração da entrevista. Ambas (ficha de entrevista e relatório de atividades) são as documentações que viabilizam as avaliações bimestrais do projeto pelos professores conselheiros de cada turma, com posterior repasse ao setor da pedagogia para arquivamento, caso professores ou alunos necessitem para consulta posteriormente.

O roteiro de primeira entrevista (Anexo 4), elaborado por uma das historiadoras convidadas para a assessoria histórica, é disponibilizado pelo projeto para ajudar o aluno a fazer esse primeiro contato antes mesmo dele elaborar suas perguntas para o entrevistado. Logo em seguida, as entrevistas têm início e são acompanhadas pelos professores através dos

---

<sup>29</sup> Embora não fosse obrigatório um número mínimo e nem máximo de entrevistadores durante a pesquisa de campo, foi acordado entre os professores e setor pedagógico que seria recomendado a seguinte divisão de trabalho: dois alunos para as entrevistas, e o restante se dividiria entre transcrever e preparar o material da exposição final.

relatórios de atividades entregues bimestralmente. Nesse roteiro percebe-se perguntas relacionadas, primeiramente, ao trabalho e que depois vão se direcionando para suas relações no âmbito familiar e pessoal, também nota-se perguntas que aproximam os entrevistadores do modo como esses idosos se sentem em relação a determinados assuntos e como percebem determinadas situações ao seu redor, é o momento do roteiro com enfoque nas percepções pessoais do entrevistado. Contudo é importante mencionar que a aprovação desse roteiro entre os professores se deu, principalmente, pelo diálogo com as demais atividades/debates que aconteciam no interior da escola. Como já foi mencionado, o PROEMI era composto por vários campos de integração curricular e um deles referia-se ao mundo do trabalho, e, portanto, havia diversas ações, entre cursos e palestras, na escola que dialogavam com o tema. Além disso, havia também, até aquele momento, uma prática entre os professores da escola e até uma orientação por parte dos pedagogos de todas as disciplinas contribuírem nas atividades que envolvessem a escola como um todo, desse modo o roteiro se encaixava no diálogo que acontecia internamente na escola.

#### 2.3.1.1.3 Realização das entrevistas e acompanhamento da pesquisa

É nesta etapa que os alunos vão a campo para realizar as entrevistas, ficando acordado entre os professores a recomendação da divisão do trabalho, onde dois integrantes iriam realizar as entrevistas e os outros fariam as transcrições. A proposta é que as entrevistas sejam filmadas e fotografadas pelos alunos. Esse momento, acompanhado pelos professores conselheiros por meio entrega de relatórios de pesquisa, tem se mostrado o mais dificultoso do processo para os professores que acompanharam. Na descrição do projeto, para estas etapas foram feitos os seguintes apontamentos:

Durante as visitas de campo serão realizadas entrevistas gravadas e escritas, nos encontros na escola serão realizados os relatórios das visitas e transcrição das entrevistas gravadas, estas etapas serão auxiliadas pelos professores de História, Sociologia e Língua Portuguesa. (PRC FREI SILVIO, 2017)

Apesar do projeto indicar os professores de História, Língua Portuguesa e de Sociologia, para acompanhamento desta etapa do projeto, a realidade interna foi a de professores compartilhados que, por não estarem cotidianamente na escola, não conseguiam acompanhar todos os trabalhos, sobrecarregando consideravelmente os professores com carga completa na escola a quem se redirecionou a responsabilidade. A solução encontrada por parte do setor de pedagogia para este impasse foi direcionar esse acompanhamento para os professores conselheiros de turma.

Como um dos critérios de escolha de conselheiros era que o professor estivesse o maior tempo possível na escola, coube então aos professores conselheiros acompanhar suas

turmas e auxiliar no andamento das pesquisas. Apesar de cada professor acompanhar somente a turma na qual ele é conselheiro, o fato de não ter um número exato de entrevistas a serem realizadas foi outro fato que ocasionou um número exacerbado de entrevistas para os professores corrigirem. Além do que, nesse quesito, os conselheiros só poderem avaliar a participação dos alunos, conferindo se as entrevistas haviam sido realizadas, pois não tinham conhecimento sobre as questões a serem avaliadas nas atividades, como, por exemplo, as transcrições dos documentos. Ainda assim, houve um esforço evidente por parte dos professores para que o projeto acontecesse.

Outra questão importante a ser mencionada a respeito da realização das entrevistas é que o recomendado aos alunos foi fazer primeiro algumas visitas para conhecer o idoso entrevistado antes da primeira entrevista, levando em conta que leva-se tempo até construir uma “boa” relação até a realização das entrevistas; apesar disso um número considerável de alunos reportou aos professores respostas dos entrevistados como sendo muito “curtas”, referindo-se ao natural retraimento dos idosos diante de perguntas. O que possivelmente se deu tanto pelo próprio roteiro de entrevista disponibilizado pelo projeto, onde há perguntas que envolvem questões voltadas para o campo mais particular das relações familiares, quanto pela ausência de preparo mais direcionado às práticas de entrevista, resultado do pequeno tempo destinado à assessoria. Vale ressaltar que essas observações dos alunos aos professores se deram, principalmente, quando eles haviam feito apenas uma entrevista.

#### 2.3.1.1.4 Mostra de resultados: confecção de banner ou vídeo para a exposição de resultados e para a comunidade<sup>30</sup>

Um dos momentos mais esperado pela comunidade da escola Frei Silvio Vagheggi é a culminância do projeto, normalmente no mês de outubro em alusão ao dia 1º quando se comemora nacionalmente o dia do idoso. Como resultado final da pesquisa as equipes têm a opção de escolher entre a confecção de banner ou vídeo, para compor uma exposição audiovisual aberta ao público externo nas dependências da escola que conta, inclusive, com a presença dos idosos participantes do projeto.

Com a confecção do trabalho final, os alunos são estimulados a revisitarem toda sua pesquisa através dos relatórios feitos ao longo do percurso, seus vídeos, entrevistas e fotografias, ficando a cargo de cada equipe, sob a supervisão do professor conselheiro, escolher partes dos materiais que comporão a exposição final, seja em vídeo ou banner. Uma

---

<sup>30</sup> Optamos por dar ênfase, principalmente, aos banners, pois foi a opção de trabalho mais escolhida pelos alunos modo geral para a mostra.

das características do Projeto Meu Velho Amigo era a entrega de cestas básicas e/ou de higiene aos idosos pelos alunos participantes, porém, com a sua readequação para a nova realidade da escola, essa ação passou a ser opcional.

Às equipes que optaram por expor com banner, foi fornecido um modelo padrão (Anexo 5) para sua confecção. No banner, a orientação era que deveriam ser preenchidos com trechos das entrevistas que eles (os alunos) acharam pertinentes e com fotografias feitas no decorrer da pesquisa.

O resultado dos trabalhos para a exposição foi bem diverso, já que tanto o critério de seleção das fotos para a exposição quanto do trecho das entrevistas que comporiam o banner eram dos membros das equipes de investigação formadas pelos alunos. Contudo, os alunos de todas as séries, de modo geral, tiveram certa dificuldade para transcrever os trechos das entrevistas tanto para o banner quanto para as fichas de entrevistas, percebida pela alta demanda de alunos procurando auxílio dos professores para essa tarefa, desencadeando uma situação de sobrecarga de atividades dos professores, pois como já mencionado, também aconteciam outros projetos na escola concomitantes ao Memórias de Manaus e em todos eles os professores conselheiros deveriam auxiliar os alunos.

Nas figuras 09, 10 e 11, é possível observar banners correspondentes ao 1º ano, 2º ano e 3º ano respectivamente. Esses documentos estão armazenados nos computadores da escola, muitos alunos não enviavam seus trabalhos para averiguação prévia pelos professores conselheiros ocasionando certo déficit no acervo. Desse modo, havia apenas 10 banners do turno matutino e 9 do turno vespertino em posse da escola e aos quais foi possível termos acesso. A opção por esses 3 exemplares, cada um representando uma série, foi feita por evidenciarem em suas fotografias as visitas realizadas, junto com a equipe, ao entrevistado. Outra questão é que eles representam um fenômeno recorrente nesses documentos: à medida que os alunos já tinham mais intimidade com as visitas aos idosos em decorrência da experiência de anos anteriores no projeto M.V.A, mais eles se sentiam a vontade tanto para ir, por exemplo, no fim de semana fazer a visita ao seu idoso, quanto de ir com roupas além do fardamento escolar, o que denota certa intimidade com seus entrevistados, demonstrando, inclusive, que muitos alunos continuaram com os mesmos idosos que já vinham acompanhando no ano anterior ao projeto “Memórias de Manaus”.

Figura 9. Banner confeccionado por uma equipe do 1º ano 02 do turno matutino. 2017





## Memórias de Manaus: a Manaus de ontem e de hoje através do relato dos idosos

---

EQUIPE: EVELYS CRUZ, LUCIANA SANTANA, ANA BEATRIZ CASTILHO, MARCIA CABRAL, MARCO AURELIO, HIGOR ALMEIDA, VICTOR RAPHAEL, EVELYN RAYANNE, ANDERLEY TIAGO  
1 ANO 2 / MATUTINO

**RESUMO:** Através dos relatos orais de idosos, que poderão ser tanto da comunidade próxima a escola quanto dos idosos do núcleo familiar dos próprios alunos, pretendemos realizar um resgate de memórias importantes para a construção da nossa história, além de sensibilizar a comunidade escolar para importância e a realidade do idoso em nossa sociedade e no núcleo familiar. Pretendemos também inseri-los no mundo da pesquisa de modo que tornem-se cada vez mais próximos dos métodos de investigação, da escrita e dos saberes tradicionais, podendo então a partir das suas experiências com o processo da pesquisa fazer um feedback entre os saberes tradicionais e científico, e refletir sobre a importância de ambas.

Entrevistado: Francisco Cordeiro de Carvalho, autônomo, 93 anos, mora há 81 anos em Manaus



“... Aprendi a ler muito tarde, pois trabalhava desde pequeno e não tive a oportunidade de estudar cedo, mas depois que pude aprender criei o gosto pela leitura, amo ler ...”



“... Lembro-me de quando era pequeno e não havia câmeras fotográficas em celular como vocês jovens tem hoje em dia, as únicas e poucas que tinham eram umas que saía fumaça e uma grande luz ...”



“- Entrevistadora: E com relação as mudanças e transformações, oque tem observado na cidade?  
- Entrevistado: Naquele tempo em 1943. Só existiam bondes e a gente andava pelos trilhos, eram muitas pessoas, mas prefiro aa cidade como é agora.”



“- Entrevistadora: Na sua época, como eram os hospitais?  
- Entrevistado: Não eram tão precários como alguns de hoje em dia, tinham poucos equipamentos e era tudo mais simples, quando me sentia mal dificilmente ia no hospital, procurava ficar bom casa, mas quando ia me tratavam muito bem e era bem atendido.

Fonte: Acervo pessoal da autora. 2017.

O banner escolhido para representar o trabalho dos alunos do primeiro ano (Figura 09), traz aspectos comuns encontrados nos trabalhos das turmas que entraram em contato pela primeira vez com o estilo do trabalho naquele ano, como por exemplo, os trechos das entrevistas escolhidos para comporem os banners não seguem exatamente um roteiro. Percebe-se que nos dois primeiros trechos não há indicação da pergunta feita ao entrevistado e os assuntos abordados não são direcionados necessariamente para a vivência na cidade de Manaus. Exceto o terceiro trecho que aborda a percepção do entrevistado sobre as mudanças ocorridas na cidade e que, inclusive, é uma pergunta contida no roteiro de entrevistas do projeto.

Uma questão interessante é a opção da maioria considerável dos alunos pela confecção de banner, embora o custo da confecção fosse responsabilidade da equipe, enquanto as equipes que mais optaram pelo vídeo foram as do primeiro ano, compostas por alunos novos na escola e sem contato com o projeto M.V.A previamente. Outro ponto que deve ser mencionado é a permanência da prática de doação de alimentos insistida por algumas equipes, em especial os terceiros anos. Talvez por, muitos deles, terem permanecido com os mesmos idosos já adotados no M.V.A e com eles já disporem de uma relação de amizade mais consolidada. Nas turmas de primeiro ano, não houve registro de alunos que tenham dado continuidade a essa prática, porém diferente dos alunos das outras séries, estes foram os que mais entrevistaram pessoas da família. Um fator a ser levado em conta para essa ocorrência é que os alunos de primeiro ano são alunos que acabaram de sair do ensino fundamental, ainda não têm tanta autonomia para sair de casa, mesmo que seja para realizar trabalho escolar. Somado a isso ainda foi preciso lidar com a falta de costume dos pais com o projeto e certa desconfiança em relação as saídas para pesquisa de campo, motivando os pais a recomendar a pesquisa junto a alguém da família pelo receio de os filhos irem a lugares desconhecido por eles.

Quanto as escolhas feitas pelos grupos do segundo e do terceiro ano, é possível perceber que ambos, não sei se de forma consciente ou não, tentam seguir um tema nos trechos das entrevistas que compõem seus banners. O banner do segundo ano (Figura 10), por exemplo, se ateve mais ao trabalho e vida profissional da sua entrevistada dona Maria das Graças, ficando mais ligado ao roteiro de entrevista que foi sugerido pelo projeto. Uma situação pertinente em relação a essa equipe é que todos seus integrantes são alunos particularmente competitivos, fazem o perfil do aluno que comumente professores chamam de “aluno interessado”. Estes alunos, percebe-se pelas fotos, fizeram ao menos 3 encontros com

a entrevistada deles e, pelo que pude acompanhar, pois eu lecionava nessa turma, esse número de encontros maiores que a média (normalmente esses alunos faziam 2 entrevistas) tinham o propósito de preparar um material para elaboração do vídeo para a mostra. Porém, a entrevistada sinalizou que ficaria envergonhada com a exibição do vídeo para toda escola, optando a equipe pela confecção do banner para a mostra. É interessante e até satisfatório perceber a responsabilidade e a sensibilidade da equipe com esse desconforto da sua entrevistada e a preocupação em atender o pedido dela mesmo isso significando estar fora da competição dos melhores vídeos.

Figura 10. Banner confeccionado por uma equipe do 2º ano 01 do turno vespertino. 2017.




## Memórias de Manaus: a Manaus de ontem e de hoje através do relato dos idosos

---

Carlos Eduardo, João Carlos, Lorena Karolaine, Miriã Damasceno, Rebeca Nascimento, Rosiane Inês, Thiago Rodrigo  
2º01

**RESUMO:** Através dos relatos orais de idosos, que poderão ser tanto da comunidade próxima a escola quanto dos idosos do núcleo familiar dos próprios alunos, pretendemos realizar um resgate de memórias importantes para a construção da nossa história, além de sensibilizar a comunidade escolar para importância e a realidade do idoso em nossa sociedade e no núcleo familiar. Pretendemos também inseri-los no mundo da pesquisa de modo que tornem-se cada vez mais próximos dos métodos de investigação, da escrita e dos saberes tradicionais, podendo então a partir das suas experiências com o processo da pesquisa fazer um feedback entre os saberes tradicionais e científico, e refletir sobre a importância de ambas.

**Maria das Graças, 66, Cozinheira, Mora há 66 anos em Manaus.**



“Entrevistador: Qual foi o emprego que a senhora mais gostou?  
D. Maria: Eu gostava de fotografia, mas eu não ... Eu gostava mais era de ‘comer’, gostava mais de fazer comida. ..”



“Entrevistador: A senhora notou diferença no comportamento dos seus filhos e dos seus netos?  
D.Maria: Tem, tem diferença (...) a pessoa tava conversando, a mãe olhava e ele já sabia. E se insistisse, quando a visita saía, aí ele ia ‘pegar’ . ..”



“Entrevistador: A senhora já trabalhou de carteira assinada?  
D. Maria: Eu nunca trabalhei fora de carteira assinada (...) era só a gente lá na casa, trabalhava, recebia o dinheiro no final do mês e era assim, não tinha nem um vínculo empregatício, né. ..”



“D. Maria: Então, ele confiava em mim, no meu serviço de mãe, de mulher, de dona de casa. Ele sabia que aquela parte ali, eu tomava conta. E eu também confiava totalmente nele. Ele tomava conta muito bem da parte dele e eu da minha. ..”

Fonte: Acervo pessoal da autora. 2017.

Figura 11. Banner confeccionado por uma equipe do 3º ano 02 do turno matutino. 2017.



**PDE | ENSINO MÉDIO INOVADOR**  
PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR



**FSV**  
FACULDADE DE SAÚDE

## Memórias de Manaus: a Manaus de ontem e de hoje através do relato dos idosos

---

Emilly Rocha; Hitallo dos Santos; Joao Victor; José Wicliff; Kethlen Nice; Kryсна Isabely  
3º ano 02

**RESUMO:** Através dos relatos orais de idosos, que poderão ser tanto da comunidade próxima a escola quanto dos idosos do núcleo familiar dos próprios alunos, pretendemos realizar um resgate de memórias importantes para a construção da nossa história, além de sensibilizar a comunidade escolar para importância e a realidade do idoso em nossa sociedade e no núcleo familiar. Pretendemos também inseri-los no mundo da pesquisa de modo que tornem-se cada vez mais próximos dos métodos de investigação, da escrita e dos saberes tradicionais, podendo então a partir das suas experiências com o processo da pesquisa fazer um feedback entre os saberes tradicionais e científico, e refletir sobre a importância de ambas.

Maria de Fátima, Doméstica, 65anos, mora há 65 anos em Manaus.



“Sou Maria de Fátima, tenho 65 anos, viúva, doméstica, mãe de 8 filhos, avó de 15 netos, Manauara, moradora do bairro de Santo Antonio e praticante de exercícios físicos como caminhada orientada e hidroginástica”



“Entrevistadora: Como estão os monumentos históricos hoje em dia ?  
Entrevistada: Os monumentos históricos hoje em dia estão ficando cada vez mais abandonados, a Santa Casa de Misericórdia era um hospital muito bom, nasci lá , mas infelizmente hoje ela está completamente abandonada.”



“Entrevistador: Que mudança a senhora observa em relação a segurança de antigamente e hoje ?  
Entrevistada: Antigamente a gente podia ficar em frente de nossas casas a vontade conversando com nossos vizinhos, hoje em dia temos que viver trancados dentro de casa, não existe mais segurança, até dentro de nossa própria casa corremos o risco de que alguém faça alguma coisa de errado com a gente.



“...antigamente não existia esse meio de comunicação que vocês usam hoje, para eu falar com a minha família ou amigos que moravam no interior eu tinha que mandar cartas pelo motor e chegava depois de vários dias, hoje existi várias tecnologias de comunicações que pode falar com pessoas do mundo todo.”

Fonte: Acervo pessoal da autora.

O banner produzido pelo terceiro ano (figura 11) é o que mais dialoga com a proposta do projeto de investigação da história da cidade. Nesse trabalho, os estudantes se importaram em apresentar sua entrevistada, além de se sentirem à vontade para colocar no banner as perguntas elaboradas pela própria equipe, com um enfoque nos temas relacionados a aspectos da cidade e as suas mudanças. As questões sobre a memória histórica da cidade que emergiram nesse trabalho são de muita importância para os diálogos de história local em sala de aula, sobretudo por que fazem parte da realidade dos alunos dessa escola, pois, como já mencionado, ela está localizada no centro histórico da cidade, onde também se encontra o prédio da Santa Casa de Misericórdia mencionada no trecho da entrevista. Não significa ser o centro histórico o único detentor das memórias históricas da cidade, porém essas memórias ficam mais evidentes diante do contexto em que a escola está inserida.

Já os vídeos resultantes da pesquisa foram entregues à professora de Artes, a quem coube o trabalho de escolher os “melhores” para a exibição no dia da culminância. As exibições dos vídeos são feitas no coreto da escola, em horário reservado a essa atividade, normalmente os 3 últimos tempos de aula, enquanto os banners são expostos nos corredores da escola e ficam toda a semana em exposição. Na ocasião da culminância do projeto, também é o momento de entrega do certificado de reconhecimento de melhor vídeo produzido, sendo que no ano de 2017 ficou com uma equipe de uma turma do primeiro ano no turno matutino e com uma equipe do terceiro ano no turno vespertino.

O que se pode acentuar aqui, em especial a disciplina de história, é que houve uma imensa dificuldade de acompanhar o andamento das atividades em decorrência de diversos fatores internos da instituição e, principalmente, de orientar metodologicamente as pesquisas. Embora já houvesse uma experiência discente valiosa advinda do projeto anterior (M.V.A), esta não foi suficiente para sanar algumas especificidades do novo projeto (Memórias de Manaus) como uma preparação mais direcionada para prática da pesquisa de campo com as fontes orais. Desse modo, entendemos que a disciplina de história pode contribuir de forma significativa auxiliando na preparação para a pesquisa de campo do projeto que são as entrevistas.

Em decorrência dos prazos curtos, não foi possível também obter um diálogo com os alunos sobre o andamento do trabalho, compartilhar suas experiências, partilhar dificuldades, erros e acertos durante o processo, muito menos ouvi-los a respeito de seus aprendizados. A ausência dessa partilha sobre o projeto, termina por se tornar um obstáculo a se levar em conta na medida que, sem ouvir os envolvidos no processo, não podemos identificar por meio das

diferentes percepções quais as dificuldades mais recorrentes e tentar construir maneiras de superá-las.

Tendo em vista as dificuldades identificadas em relação a preparação de alunos para as entrevistas necessárias ao trabalho, as oficinas propostas nesta pesquisa se potencializam como uma possibilidade para superar os obstáculos encontrados em nosso cotidiano escolar. Ao propormos a construção/realização das oficinas de memória e história oral direcionada a esse público da E.E. Frei Silvio Vagheggi, viabilizamos o estreitamento entre teoria e prática, considerado insuficiente, conforme indicamos anteriormente, não partindo do “zero”, como se os alunos nada soubessem sobre o assunto, mas valorizando suas experiências, suas histórias com o projeto Memórias de Manaus. E oferecendo também, além das oficinas com suas atividades, um momento de troca dessas experiências, para que possamos refletir conjuntamente a respeito da nossa trajetória com a pesquisa, seja nossas dificuldades, nossos êxitos ou nossas percepções sobre como podemos/devemos nos aprimorar tanto professores quanto alunos, sendo pertinente e necessário que estejamos constantemente em diálogo com/sobre nossas práticas. No processo educativo, o diálogo é fundamental para que tenhamos a possibilidade de nos desconstruirmos e reconstruirmos como educadores, alunos e, sobretudo, como pessoa.

Realizar esta pesquisa, em diálogo direto com uma experiência vivenciada no chão da escola é reconhecer e ampliar a potência do ensino básico na construção do conhecimento; endosso, mais uma vez, que o espaço do Profhistória viabiliza a professores e professoras de história pensar e repensar suas práticas de ensino/aprendizagem, que diante das demandas diárias de uma escola, não têm tempo de refletir com mais profundidade, de olhá-las com carinho, mas também com criticidade como nos alerta Paulo Freire (1996). É desse olhar para as nossas práticas com carinho, mas também com criticidade, que por meio dessa pesquisa dialogamos com a minha comunidade escolar para (re)construirmos métodos de ensino/aprendizagem na disciplina de história que venham a contribuir com um projeto que já faz parte da cultura escolar dessa instituição, além de ressignificar e problematizar abordagens e práticas do meu cotidiano como professora de história.

### **3 REVISITANDO PRÁTICAS: OFICINAS DE HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Este capítulo se encarrega de compartilhar os processos e os caminhos que compuseram a construção de nossas práticas docentes e os seus resultados que foram as oficinas. Entendemos que a retomada deste trabalho é resultado das inquietações e das necessidades percebidas enquanto docente da disciplina de História diante de um projeto de iniciação científica, dentro da sua comunidade escolar, que se propunha a usar fontes orais na investigação da história da cidade de Manaus.

Como foi explicitado no capítulo anterior, o projeto Memórias de Manaus conta com a contribuição de todas as disciplinas durante a sua realização. Portanto, as oficinas descritas ao longo deste capítulo são uma proposta de contribuição da disciplina de história para desenvolvimento da pesquisa deste e tem como objetivo, sobretudo, capacitar os discentes para a pesquisa de campo que são as entrevistas. Nossa proposta é baseada no estudo a respeito do projeto, suas práticas e dificuldades, identificadas pela experiência docente no auxílio aos alunos, que desejamos superar.

Desse modo, foram construídas duas oficinas: uma abordando os conceitos de Memória e História Oral e outra abordando as entrevistas inseridas no contexto de História Oral. Por se tratar de oficinas, ambas trazem na sua configuração atividades práticas sugeridas de acordo com o tema trabalhado. O objetivo de ambas é capacitar o aluno com aporte teórico e prático para sua pesquisa de campo e neste interim elaborar o roteiro de uma entrevista.

O capítulo é dividido em subtítulos que correspondem às formas como os trabalhos se delinearam. O primeiro subtítulo (3.1) se encarrega de relatar o caminho percorrido, seus contratempos e soluções até a execução das oficinas propostas; o segundo (3.2) por sua vez se encarrega de apresentar algumas concepções teóricas-metodológicas que nortearam nossas escolhas nas oficinas, enquanto os demais (3.2.1 e 3.2.2) se encarregaram de discorrer a respeito da configuração das oficinas e dos materiais utilizados em seu desenvolvimento.

#### **3.1 CONTRATEMPOS E SOLUÇÕES PARA OS IMPREVISTOS DO AMBIENTE ESCOLAR**

O caminho até a realização das oficinas foi longo, bem mais longo que o esperado. Inicialmente, a ideia desta pesquisa era dialogar diretamente com o projeto Memórias de Manaus em andamento durante o seu ano letivo. Para sua realização foram escolhidos alunos pertencentes ao terceiro ano do Ensino Médio que já haviam participado do projeto em 2017.

Inicialmente havia cerca de 18 alunos, que foram divididos em duplas, portanto 9 duplas. O início previsto para as atividades coincidia com o início do ano letivo, contudo muitos obstáculos foram surgindo no percurso do trabalho.

O primeiro deles se deu por essa pesquisa buscar diálogo junto ao projeto da escola, o que foi dificultado pelo fato de o projeto não estar sendo executado desde 2018. Embora houvesse uma promessa de funcionamento em 2019, tal fato não se cumpriu no andamento do ano letivo. A este imprevisto somou-se outras duas situações: o número maior que o esperado de alunos novatos na turma sem nenhuma experiência com o projeto Memórias de Manaus e uma greve de professores<sup>31</sup>, ainda no primeiro semestre, relativamente longa e que influenciou diretamente nas atividades da pesquisa e na forma como ela foi se desenvolvendo depois, no pós-greve.

Um dos principais objetivos dessa pesquisa é preparar alunos(as)-pesquisadores(as) para realizarem as entrevistas por meio das oficinas, neste interim estimulá-los a perceberem como/se elas influenciam na forma de realizar o trabalho. Porém, os imprevistos me fizeram trilhar um caminho inesperado, pois se o projeto da escola não estava sendo executado, seria necessário criar um cenário em que o projeto todo fosse executado para que conseguíssemos realizar o que havia sido proposto nesta pesquisa. Portanto, uma etapa não prevista inicialmente foi introduzida tendo como objetivo ambientar todos os alunos ao funcionamento do projeto.

O cronograma inicial das atividades que contava apenas com a etapas de oficinas de memória e história oral, oficina de entrevista e a confecção do roteiro de entrevista, contou com a inserção de outras etapas. Se antes nossos encontros seriam para explicar-lhes o funcionamento apenas desta pesquisa e realizar as oficinas propostas, tivemos também que introduzir outros objetivos, como por exemplo, o de (re)apresentar o próprio projeto Memórias de Manaus aos alunos, realizar uma roda de conversa e sensibilização sobre o idoso na sociedade, e auxiliar os alunos a encontrar seus colaboradores que eram ações que deveriam acontecer se o projeto estivesse em andamento.

Portanto, no desenvolvimento das atividades, esta pesquisa foi se delineando em dois momentos distintos, antes da greve de professores e pós-greve<sup>32</sup>. As atividades que antecederam a greve foram pautadas em realizar o projeto Memórias de Manaus conforme ele

---

<sup>31</sup> A greve de professores do estado do Amazonas, oficialmente, durou do dia 15/04 a 30/05, contudo antes dessa data já havia iniciado várias paralisações de advertência. A greve teve como pauta principal a reivindicação de reajuste salarial.

<sup>32</sup> Sempre que necessário usaremos esses termos no decorrer do texto para distinguir as atividades a quais nos referimos e seus momentos de execução.

geralmente acontecia na escola. Já as atividades pós-greve foram as oficinas propriamente ditas. Optamos por fazer dessa forma, pois foi a mais democrática que encontramos de atender também aos alunos novatos e perceber, também, como/se as oficinas os ajudariam nas suas práticas.

Logo as primeiras atividades (que se antecederam a greve) contaram com as seguintes etapas: (re)apresentação do projeto Memórias de Manaus e seu funcionamento, aplicação de um questionário sociocultural (Apêndice A)<sup>33</sup> e sensibilização, uma conversa sobre História Oral e Memória, organização das duplas de trabalho e por fim as entrevistas com os colaboradores. Essas atividades foram organizadas de modo que se assemelhassem às que fazem parte do projeto Memórias (já abordadas no capítulo 1) e foram realizadas, predominantemente, nos tempos de aula de Língua Portuguesa. Além da disciplina ter um número maior de aulas na semana, também era necessário a ambientação da professora no andamento do projeto.

A (re)apresentação do projeto nos gerou uma tensão, em certa medida, por conta da condição de ser apenas uma turma na escola executando o projeto, e tínhamos ter dificuldade na adesão dos alunos ao projeto, pois, embora tenha sido negociado com a professora de língua portuguesa uma nota de participação, também foi deixado bem claro aos alunos que sua participação não era obrigatória tendo em vista que o projeto não estava sendo executado pela escola. Contudo, tal preocupação, pelo menos neste momento, acabou se dissipando, pois os alunos de modo geral foram bem receptivos a retomada do projeto, inclusive gerando entre eles lembranças das entrevistas passadas.

Uma atividade importante que acontecia no andamento do projeto, que não era necessariamente uma etapa dele, mas uma atividade sugerida aos professores que fizessem em sala de aula, era a conscientização a respeito da situação do idoso em nossa sociedade. Aqui também optamos por fazer essa sensibilização com os alunos em forma de roda de conversa. Como ponto de partida para o diálogo utilizamos um mini documentário chamado “O lugar do idoso na sociedade”<sup>34</sup> e dados sobre idosos no Amazonas<sup>35</sup> expostos em slides. Ambos os

---

<sup>33</sup> O questionário socioeconômico, aplicado na etapa de (re)apresentação do projeto, não fazia parte do projeto da escola, porém achamos necessária sua aplicação pois tínhamos que, devido ao tempo curto da aula, nem todos os alunos conseguissem se expressar em relação a algumas questões que naquele momento eram importantes para nossa coleta de dados em relação aos conhecimentos prévios dos alunos. Somado a isso, o questionário nos ajudou a conhecer melhor e individualmente cada aluno. Por meio dele podemos identificar onde esses alunos moram, quais seus interesses, quais espaços da cidade eles costumam frequentar, entre outros aspectos que nos auxiliaram a traçar um perfil da turma antes de dar prosseguimento às outras etapas da pesquisa.

<sup>34</sup> Minidocumentário produzido pelo produtor audiovisual Michell Lima. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1mdB4gD0rw&t=1s>

materiais utilizados, são importantes pois levantam problemáticas pertinentes em relação a situação do idoso na sociedade. O mini documentário “O lugar do idoso na sociedade” traz uma reflexão sobre o lugar desse grupo na sociedade capitalista na qual estamos inseridos, e aborda questões contempladas pela literatura que utilizamos, como a função do idoso e sua importância nas trocas de experiências intergeracionais. Os dados sobre os idosos no Amazonas são imprescindíveis para aproximar essa reflexão à realidade local com que esses alunos entram em contato direto.

Após a sensibilização, organizamos as duplas de trabalho, opção feita uma vez que a turma era pequena. Deste modo, teríamos uma quantidade razoável de duplas envolvidas na atividade. Durante a conversa que tivemos sobre história oral e memória, incentivamos, também por meio do texto de apoio, que o colaborador escolhido para as entrevistas fosse alguém próximo a algum integrante da dupla e isso foi reforçado novamente durante a organização das duplas de trabalho.

A conversa sobre história oral e memória foi baseada num material (Apêndice A) breve pois assim como aconteceu na edição anterior do projeto também optamos, nesse primeiro momento, em fazer uma explanação de apenas um tempo de aula, pois o intuito foi o de criar um ambiente semelhante ao que normalmente acontece no andamento do projeto. Com o tempo curto, o material utilizado é composto por pequenos trechos de textos com o objetivo de apresentar aos alunos, somente para se ter uma noção, do que é história oral e memória, quais as modalidades de entrevistas e algumas dicas para a realização do trabalho deles.

Após a organização das duplas foi o momento de realizar a primeira entrevista, pois o projeto Memórias de Manaus disponibilizava aos alunos um roteiro que seria utilizado na primeira delas, e somente após esta atividade o aluno poderia confeccionar o seu próprio roteiro. E é nesse espaço entre a primeira entrevista e a confecção do roteiro da segunda que buscamos abrir o diálogo junto aos alunos e auxiliá-los, por meio das oficinas, na realização dos seus trabalhos, pois neste momento os alunos já teriam realizado um contato com o entrevistado e já teriam experienciado um pouco do funcionamento desse processo. Deste

---

<sup>35</sup> Os dados utilizados nesta atividade foram retirados de uma reportagem do jornal local chamado A Crítica e de um artigo da Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia: FIGUEIREDO NETO, E. M.; CORRENTE, J. E. Qualidade de vida dos idosos de Manaus segundo a escala de Flanagan. In: Rev. bras. geriatr. gerontol. Vol.21, n.4. Rio de Janeiro: jul./ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562018021.180013>  
Reportagem do Jornal A Crítica: Idosos Empoderados em Manaus falam dos desafios para manter a qualidade de vida. Em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/idosos-empoderados-falam-dos-desafios-para-manter-a-qualidade-de-vida>.

modo, tornando viável a integração de alunos que não participaram do projeto anteriormente, pois assim como os demais que haviam participado, teriam a chance de refletir sobre suas práticas em relação a antes e após a intervenção das oficinas. Desse modo, o período destinado a realização da pesquisa de campo, seria em torno de duas semanas, que deduzimos que seria o tempo de encontrar o idoso colaborador e realizar a primeira atividade de entrevista.

Contudo, nesse intervalo de tempo foi deflagrada uma greve de professores com duração de cerca de um mês e meio e que foi determinante para o andamento do restante das atividades, pois seu início deu-se ainda no primeiro bimestre e se estendeu por metade do segundo bimestre. Tendo em vista esse cenário, as atividades relacionadas ao projeto também ficaram paralisadas.

Porém, após a greve, delineou-se um cenário totalmente diferente daquele que havíamos encontrado antes dela acontecer, pois houve um número considerável de alunos transferidos e outra questão ainda mais complexa acabou surgindo no meio do caminho que foi a junção de turmas em decorrência da redução do número de alunos frequentando a escola<sup>36</sup>. Em decorrência desta situação, uma nova turma acabou se formando como resultado da unificação das duas turmas de terceiro ano que existiam na escola, ou seja, era uma turma completamente diferente da que havíamos iniciado o trabalho do projeto. A solução encontrada para este imbróglio foi de continuar as atividades apenas com os alunos que já haviam iniciado as atividades antes da greve e realizado a primeira entrevista, sendo assim, restaram seis alunos-colaboradores<sup>37</sup> que dividimos em duplas de trabalho, portanto 3 duplas.

Havíamos planejado um calendário que coincidissem o término das atividades junto com a chegada do mês do idoso (outubro), contudo essa também foi outra questão que tivemos que modificar em decorrência do calendário escolar pós-greve. Com as atividades e projetos do primeiro e segundo bimestre acumulados, o tempo que destinávamos as atividades foi reduzido consideravelmente, pois além de não poder mais executá-los em sala de aula, pois somente alguns alunos participavam das atividades, os professores também, de modo geral, já não estavam mais dispostos a abrir espaço para o projeto em suas aulas, o que é totalmente

---

<sup>36</sup>Já mencionamos aqui anteriormente que esta comunidade escolar sofre há alguns anos com um número alto de alunos desistentes no turno vespertino e esse ano não foi diferente. Houve desde o início do ano, inclusive, uma dificuldade formar turmas, sendo a turma escolhida para a realização deste trabalho exemplo dessa dificuldade, já que é uma turma pequena em relação as turmas da mesma série do período matutino.

<sup>37</sup> Chamamos aqui de alunos-colaboradores pois antes da greve a professora de língua portuguesa havia decidido atribuir uma nota às atividades do projeto, pois as mesmas estavam sendo executadas nas suas aulas, porém após a greve não foi possível trabalhar com a turma toda e nem nos seus tempos de aula, logo não houve a possibilidade de atribuir pontos como normalmente acontece no projeto Memórias de Manaus. Os alunos que participaram das atividades o fizeram para colaborar com a pesquisa.

compreensível tendo em vista a alta demanda de trabalho pendente na escola em decorrência da paralisação das aulas. Logo, solicitar a dispensa dos alunos-colaboradores das aulas nos dias das atividades planejadas também foi algo que se tornou inviável.

Para contornar essa situação, decidimos realizar as oficinas após todos os projetos do ano letivo finalizarem, desse modo os professores não estariam tão sobrecarregados e poderiam ceder esses alunos-colaboradores para os trabalhos da oficina. Tal estratégia acabou dando certo e alguns professores concordaram em ceder os alunos. Desse modo, diferente do que havíamos planejado inicialmente, que era trabalhar com uma turma completa dividindo as atividades entre tempos de aulas das disciplinas de História e Língua Portuguesa, terminamos por concentrar nossas tarefas em duas semanas, porém em sala separada apenas com os seis alunos-colaboradores que optaram por continuar nas atividades da pesquisa. Na primeira semana utilizamos três tempos consecutivos para a Oficina I-Memória e História Oral e na segunda semana também utilizamos três tempos consecutivos para a Oficina II- Entrevista.

### 3.2 AS OFICINAS: CONSIDERAÇÕES TEORICO-METODOLÓGICAS

É importante salientar, novamente, que essas atividades se localizam dentro de um diálogo com o projeto Memórias de Manaus, onde buscamos auxiliar os alunos na sua preparação para realização de entrevistas que acontecem no decorrer do projeto. Partindo de uma perspectiva docente, uma das dificuldades encontradas no decorrer do projeto, foi a escassez preparatória para algumas atividades relacionadas a pesquisa que o projeto Memórias de Manaus exigia. Uma dessas atividades que careciam de um pouco mais de atenção, em relação a preparação prévia para sua execução, eram as entrevistas, no entanto apesar de existir uma dificuldade, também existia a possibilidade e a oportunidade de superá-la.

Em busca da superação das nossas dificuldades, tendo em vista este contexto, encontramos um caminho viável por meio das oficinas pedagógicas. Por meio delas acreditamos ser possível alcançar a meta desejada, por nós professores, de unir teoria e prática. Apoiadas nos estudos de Ander-Egg, Elaine Vieira e Léa Volquind (2002), afirmam que a oficina pedagógica

(...) se trata de uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combinar trabalho individual e a tarefa socializada, garantir a unidade entre a teoria e a prática. (VIEIRA; VOLQUIND, 2002, p.11)

O trabalho realizado pelas oficinas estimula o aluno a refletir sobre sua realidade e suas próprias práticas, ora individual, ora coletiva, uma vez que seu trabalho é em parceria. Neste tocante nos alinhamos mais uma vez à Elaine Vieira e Léa Volquind (2002, p.12) ao

afirmarem que a oficina pode e deve ser caracterizada como uma realidade que integra três instâncias: O pensar, o sentir e o agir. Em consonância com este pensamento. Neires Paviani e Niura Maria Fontana fazem os seguintes apontamentos:

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva. (PAVIANI; FONTANA, 2009, p.78)

Esse tripé (sentir-pensar-agir) mencionado pelas autoras nos auxiliou, junto aos outros autores com que vínhamos dialogando na confecção do material de estudo das oficinas, a pensar em atividades alinhadas ao que desde o início já achávamos importante neste trabalho que entendemos como sensível, pois buscamos conectar teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem de história escolar, porém sem esquecer que dentro dele existem sujeitos com corpos, rostos, histórias e emoções. Outra questão relevante a ser observada, em nosso caso, é que já existiam vivências prévias dos alunos com o projeto, com experiências de práticas de entrevistas e, a partir de outros conhecimentos - agora teóricos- poderiam experimentar suas práticas de outras formas, ou seja, construir outras formas de ação.

Após a escolha do trabalho com as oficinas alguns aspectos foram levados em consideração, como por exemplo, os 6 tempos de aulas, cada uma com 48 minutos, que teríamos para realizá-las, a quantidade de alunos-colaboradores participantes (6 alunos) e, por fim, quais os assuntos seriam abordados levando em consideração esse tempo disponível. Ora, se o objetivo era, sobretudo, preparar alunos para realizar entrevistas com pessoas idosas, dentro do nosso entendimento, era necessário primeiro entender as responsabilidades de se trabalhar com memórias e com pesquisa, e também compreender que a sua pesquisa tem um método para assim abordarmos a questão numa dimensão prática. Desse modo, nos organizamos para que a Oficina I fosse direcionada para abordarmos sobre memória e história oral, com o intuito de apresentá-los ao conceito e ao método sem esquecer da especificidade do projeto que era com pessoas idosas, e a Oficina II fosse direcionada à entrevista, a parte prática mais ligada a atuação dentro do projeto Memórias de Manaus.

Como já foi mencionado anteriormente, antes das oficinas propriamente ditas realizamos algumas atividades, entre elas, uma roda de conversas para debater a situação do idoso em nossa sociedade de modo geral e também no Amazonas. Esse processo inicial de reconhecimento se deu por meio de uma roda de conversa, pois com ela é possível compartilhar pensamentos e perspectivas de um jeito mais descontraído na sala de aula, praticar a escuta, aprender com o outro e a partir do outro, de acordo com Mélló et al. (2007)

A Roda de Conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações, possibilitando fluidez de discursos e de negociações diversas entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro. (MÉLLO et al., 2007, p. 30)

A prática da pesquisa pressupõe, de modo geral, que se tenha conhecimentos prévios acerca do que há de ser pesquisado, porém abordar a temática durante as oficinas novamente não seria viável devido ao tempo que tínhamos disponível para a sua realização, desse modo foi imprescindível a roda de conversa e o tempo que tivemos com as atividades que antecederam à greve para que pudéssemos pôr em pauta essa questão. Tanto os dados do IBGE, quanto o vídeo que utilizamos para essa roda de conversa enfatizam que, embora sejamos uma população cada vez mais velha, somos um país que ainda não está preparado, em diferentes setores da sociedade, para existências de pessoas idosas. Este fato, evidentemente, apareceu no debate e foi reforçado por meio de histórias de dificuldades e solidão que os alunos contaram sobre seus avós, parentes idosos e inclusive sobre seu idosos “adotados” na outra edição do projeto Memórias.

Ainda no andamento das atividades que se antecederam a greve, outra questão que adveio dos alunos por meio de um questionário sociocultural foi o fato de que dos dezoito alunos que o realizaram, dez alunos acham que a histórias das pessoas idosas são importantes por que elas “lembram” e “informam” sobre o passado da cidade e sobre “nossas raízes” para as pessoas; cinco alunos acham importante por que essas pessoas ajudaram a “construir a cidade” ou “construíram coisas importantes” (sem especificar quais “coisas” eram essas); dois deles não responderam e um respondeu apenas que considerava importante essas histórias, porém sem justificar<sup>38</sup>. Essas atividades foram muito valiosas para que tivéssemos um norte da abordagem e dos autores com quais dialogaríamos nas oficinas, fazia-se necessário portanto abordar primeiramente o conceito de memória com o qual trabalharíamos, depois o conceito de história oral para, por fim, chegarmos as entrevistas e as suas práticas dentro do conceito de história oral.

Ao perceber essas concepções que emergiram dos alunos por meio do questionário sociocultural e da roda de conversa, sobretudo em relação a função de lembrar e a produção de algo (sempre no passado), evocamos Ecléa Bosi (1994) que afirma que, embora cada sociedade lide de forma diferente com o envelhecimento de homens e mulheres, a sociedade industrial é maléfica para a velhice na medida em que a pessoa velha já não apresenta a

---

<sup>38</sup> As palavras entre aspas foram as palavras mais utilizadas pelos alunos.

mesma produtividade no campo do trabalho, pois, para ela, “perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor” (BOSI, 1994, p.77). Por outro lado, é comum que em povos originários, suas tradições, crenças e conhecimentos sejam passados por meio da oralidade, e que essa função de passar adiante esses conhecimentos seja delegado às pessoas idosas, seus anciãos. Alguém que por meio da sua vivência, experiência e das suas memórias pode ajudar as novas gerações nos mais diversos aspectos do ser e a manter suas histórias vivas.

Para Bosi, ao deixar de exercer ativamente suas funções relacionadas ao trabalho, à pessoa idosa restaria a função de lembrar, embora os graus de expectativa ou de exigência em relação a função não sejam as mesmas em toda a parte (BOSI, 1994). A velhice “é o momento de desempenhar a alta função da lembrança” (BOSI, 1994, p.81). Um aspecto singular ao eleger lembranças de pessoas idosas para estudo, de acordo com ela, é que:

nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p.60)

Continuando sua reflexão, em diálogo com Halbwachs, Bosi afirma que quando uma pessoa jovem ou adulta evoca sua memória, ela o faz num momento de “relaxamento da alma”, de “repouso”, por outro lado, a pessoa idosa quando o faz “não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1994, p.60). A memória não é estática, passiva, a memória também é moldada pelo presente; a memória também é movimento. Para Bosi “na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” por isso para a autora, “ a memória não é sonho, é trabalho”, o exercício de lembrar e construir narrativas que conectem passado e presente exige ações, mobiliza os diversos sentidos de uma pessoa, e por esse esforço então é trabalho. Por interagir com nosso presente é necessário que o olhar depositado sobre essas lembranças seja cauteloso, pois quando evocado, o passado não será tal como aconteceu.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente* exclui a

identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p.55)

Para ela, a *memória de velhos*<sup>39</sup> nos ajuda a refletir a memória enquanto função social, pois “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória de velhos”, além de auxiliar na compreensão de outros tempos por aquele que não os viveu “e até humanizar o presente” (BOSI, 1994, p.82).

Outro autor que levanta questões importantes a respeito da memória e com qual dialogamos é Jacques Le Goff (2003) que afirma que um dos aspectos importantes da memória e da história é que elas nos auxiliam em nossas buscas de sentido à vida (OTTO, 2015, p.3), e que “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”(LE GOFF, 2003, p. 471), logo, a ela é destinado o ofício de nos conectar não apenas no tempo, mas também nos espaços. Contudo, Le Goff (2003, p. 471), também diz: “Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” e mulheres, desse modo podemos também atribuir às memórias a tarefa de tensionar diferentes narrativas. Por meio das memórias, que neste caso são dos idosos, podemos também problematizar a ideia de história única, o que é um fator importante ao se trabalhar com memórias de modo geral, mas que no ensino básico tem uma potência acentuada, sobretudo pelo estímulo à percepção de diversos pontos de vistas das narrativas e as diferentes formas que eventos históricos são sentidos pelas pessoas. Não romantizando-as a ponto de tomá-las como verdades absolutas, mas com rigor metodológico, fornece subsídios para ultrapassar a curiosidade ingênua e alcançar a curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996).

Ao propor aos professores alguns saberes necessários para a prática docente, Paulo Freire (1996) enfatiza a importância da rigorosidade metódica, da pesquisa e da criticidade para nossas práticas e no processo de ensino-aprendizagem, porém sem abrir mão ou hierarquizar saberes dos alunos advindo das suas experiências de vida, nos lança o seguinte questionamento: “Por que não estabelecer uma *intimidade* entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduo?” (FREIRE, 1996, p. 30). Nesse sentido, Paulo Freire enfatiza que não há

na diferença e na distância entre ingenuidade e criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao critica-se, tornando-se então, permito-me repetir,

---

<sup>39</sup> Termo utilizado pela autora.

curiosidade epistemológica, metodicamente “rigorizando-se” na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (FREIRE, 1996, p. 31)

A experiência adquirida pelos alunos ao longo do projeto Memórias de Manaus foi um combustível potente para a aproximação da prática investigativa com a realidade dos alunos, esta articulação de saberes é componente inestimável do ensino de história, e por meio do diálogo da memória junto à história oral pode ser posta em prática no cotidiano escolar. O diálogo com a memória de pessoas idosas potencializa a vivência dos alunos pois transcende as exigências do currículo formal das disciplinas, suas fronteiras e os espaços formais de educação. Trazer essas memórias para dialogar na sala de aula com nossos alunos, e mais que isso, levar esses alunos até essas memórias, por meio da realização de entrevistas com essas pessoas, é construir junto a eles uma prática de pesquisa que seja sobre e também seja com essas pessoas. É humanizar espaços de pesquisa, aprendizagem, é fazer do processo educativo um momento de troca. É abrir espaço para que outras epistemologias adentrem nossos espaços escolares.

A proposta de interdisciplinaridade do projeto Memórias de Manaus no seu formato em 2017, também foi uma característica valiosa, pesando bastante na escolha das configurações das oficinas e norteou nossas concepções acerca da história oral.

Tratando dessa possibilidade de interação entre as disciplinas do currículo escolar e também partindo dessa realidade, uma vez que no projeto Memórias de Manaus todas as disciplinas que compõem o currículo são convocadas a participar dentro da sua especificidade, nos apoiamos em Verena Alberti ao afirmar que a história oral “trata-se de uma metodologia interdisciplinar por excelência” (ALBERTI, 2005, p.156). Para a autora,

a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2005, p.18)

Nessa mesma direção, Paul Thompson ao responder às perguntas sobre o que seria história oral, a descreve como uma abordagem ampla:

[...] a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas. A habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar. Gostaria de enfatizar que considero a história oral como um campo interdisciplinar. Ela não é simplesmente histórica, mas também sociológica – eu mesmo trabalho num departamento de sociologia, na Universidade de Essex –, antropológica e é parte dos estudos culturais em geral, pois ela se baseia nessa forma fundamental de interação humana, que transcende as disciplinas. (THOMPSON, 2006, p. 20).

Quando Paul Thompson afirma que “a habilidade fundamental da história oral é saber escutar”, ele levanta outra questão muito cara não apenas no cotidiano da sala de aula entre professores e alunos desta comunidade escolar, mas também para as pessoas idosas que, de modo geral, apareceram tanto no projeto Meu Velho Amigo, como no Memórias de Manaus. Nas falas desses idosos que participaram do projeto até o ano de 2017, era comum a afirmação que não tinham quem os escutasse ou o lamento pela solidão a que involuntariamente haviam sido submetidos. Portanto, ao fazer a escolha de dialogar com a memória de pessoas idosas junto ao ensino de história em espaço escolar, é imprescindível que estejamos atentos a sensibilidade do ato da escuta, pois talvez esse seja um dos principais desafios da nossa vivência enquanto ser humano, já que ouvir antes de tudo é um exercício de empatia. Pollak toca nessa questão ao nos advertir que “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (1989, p.6).

Nessa perspectiva, Alessandro Portelli (2016) ao compartilhar seus aprendizados junto a história oral faz uma observação valiosa no seu relato em que narra o seu aprendizado com seu entrevistado Dante:

“Aprendi através de Dante que a ideia de que estamos “dando voz” a quem não tem voz não faz sentido. Dante não era alguém sem voz; eu sim. Eu não sabia cantar, não tinha histórias para contar, e só podia escrever porque pessoas como Dante davam, para mim, uma voz. Eu devolvi o favor escutando e amplificando suas vozes.” (PORTELLI, 2016, p. 32)

Em espaços educacionais que cada vez têm menos momentos para ouvir e ser ouvido, e com crianças/adolescentes que buscam por sentido em suas existências e espaços para que eles possam existir, vejo como fundamental a prática da escuta também como um meio de perceber a relevância das narrativas e histórias de pessoas comuns.

Para Selva Fonseca (2006, p.137), “os projetos de história oral na educação básica pressupõem uma concepção de ensino de História que envolva a investigação, a pesquisa, a produção de saberes”, logo, tendo em vista esta concepção, podemos pensar que a História também “tem o papel de auxiliar o aluno na busca de sentidos para as construções e reconstruções históricas. Espaço e tempo não são duas categorias abstratas, mas preenchidas de historicidade” (FONSECA, 2006, p.137). Portanto, trazer para o campo do ensino de história as memórias de pessoas que vivenciaram diferentes temporalidades “torna-se um trabalho de compreensão da formação da identidade plural do lugar onde vivem” (FONSECA, 2006, p. 134), logo podemos também problematizar a história universal, pois “a história deixa de ser única e homogênea, deixa de privilegiar as vozes dominantes a favor da multiplicidade de outras vozes e sujeitos históricos que construíram e constroem a história local”

(FONSECA, 2006, p. 134). Além disso, a prática da entrevista é capaz de mobilizar diferentes habilidades dos alunos e dos professores envolvidos no processo.

Em vista da nossa proposta de trabalhar especificamente com a preparação para a realização das entrevistas, se fez necessário atentar, no processo de estudo para a realização das oficinas, se esta ação dentro do projeto se tratava de história oral. Primeiramente é imprescindível elucidar quais os requisitos necessários para que um projeto escolar seja inserido na modalidade de história oral. Para Valéria Magalhães e Ricardo Santhiago (2015, p. 60-64) é necessário que o projeto (seja interdisciplinar ou temático) contenha as etapas de preparação dos alunos (corresponde ao treinamento para o trabalho com história oral onde estão inseridas a preparação para as entrevistas, as confecções dos roteiros de entrevistas etc.), atividades de campo com os alunos (as entrevistas propriamente ditas), a realização das etapas pós campo (transcrição, edição, discussão sobre as impressões das entrevistas, análise e divulgação dos resultados), a finalização do material e o seu arquivamento e difusão. Logo o projeto Memórias de Manaus insere-se dentro da modalidade.

Afunilando ainda mais em direção a nossa proposta com as oficinas, ao abordar a temática das práticas com a história oral em sala de aula, Valéria Magalhães e Ricardo Santhiago (2015), afirmam que é possível sistematizar as especificidades das entrevistas que estão inseridas dentro do método de história oral da seguinte forma:

Quanto ao objetivo, a entrevista de história oral produz uma fonte oral, utilizada como matéria prima para a produção de conhecimento. Todas as entrevistas podem servir como fontes, mas a gravação de história oral é intencionalmente produzida com essa finalidade.

Quanto ao *processo*, uma entrevista de história oral segue técnicas específicas de contato, gravação, transcrição e uso do documento final [...] e implica responsabilidade com o entrevistado.

Quanto ao *resultado*, uma entrevista de história oral tem como produto final uma gravação e/ou um texto que, em sua íntegra, poderão ser arquivados para consulta pública, utilizados para fins de análise ou publicizados através de diferentes recursos e suportes. (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.23-24)

Logo, as práticas das entrevistas realizadas no projeto poderiam ser consideradas inseridas dentro da metodologia, pois havia intenção/finalidade nessas entrevistas (investigar a história da cidade). As entrevistas eram gravadas e gerariam um produto, que no andamento do projeto Memórias de Manaus, caso estivesse sendo executado, seria exposto na sua culminância. Também havia, no andamento do projeto Memórias, as etapas de transcrições das entrevistas, embora aqui nossa proposta não tenhamos desenvolvido especificamente esta etapa. Desse modo, identificando que nosso trabalho se encontrava dentro da metodologia, fizemos nossas escolhas a respeito do que seria pertinente abordar nas oficinas.

### 3.2.1 Oficina I- Memória e História Oral:

Esta oficina possui atividades planejadas para serem distribuídas em 3 aulas com a duração 48 minutos cada. Foram utilizados um total de três textos, sendo que dois deles fazem uso de uma linguagem formal mais próxima da acadêmica, já o outro se trata de uma história de literatura infantil, é um texto em linguagem literária. O seu objetivo é, sobretudo, apresentar noções teóricas dos conceitos de memória e história oral à alunos do 3º ano do Ensino Médio e refletir sobre a importância de ambos na pesquisa.

Para esta finalidade, dois dos textos que utilizamos foram elaborados para esta oficina com base em historiadores e autores estudiosos da Memória e da História Oral (Verena Alberti, Ecléa Bosi, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Alessandro Portelli, Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa Magalhães) e o outro, um texto de literatura infantil intitulado Guilherme Augusto de Araújo Fernandes da, escritora e educadora, Mem Fox que tem como tema a memória.

As atividades foram divididas em momentos teóricos e práticos, sendo a parte teórica uma atividade de leitura compartilhada. Os textos foram organizados para serem trabalhados da seguinte forma respectivamente: texto 1-História e Memória (Apêndice C), texto 2-Guilherme Augusto de Araújo Fernandes (Anexo 6) e texto 3-O que é história oral? (Apêndice D), a sequência de leituras ficou organizada de modo que um texto de linguagem acadêmica (Apêndice C) conversasse com o texto de linguagem literária (Anexo 6); e o terceiro texto, com o tema história oral, já dialogasse com a próxima oficina onde o tema abordado seria a entrevista.

A primeira atividade de leitura compartilhada foi com o texto História e Memória (Apêndice C), que aborda algumas questões relacionadas a memória, com o intuito de apresentar/introduzir juntos aos alunos aspectos importantes do tema para a realização das suas pesquisas no projeto da escola e exercitá-la na prática por meio da atividade proposta. O texto foi pensado para que tivesse a mediação do professor no processo de leitura, pois embora seja um texto curto, também traz consigo uma linguagem mais próxima da acadêmica, compreensível à alunos de terceiro ano do Ensino Médio, mas que ainda torna necessário o acompanhamento de um leitor mais experiente que no caso da sala de aula é a figura do professor.

Devido ao tempo que dispúnhamos, foi necessário eleger questões que entendemos como fundamentais no desenvolvimento do trabalho de pesquisa proposta pelo projeto Memórias de Manaus e pela nossa proposta de capacitá-los para a atividade de campo.

Neste primeiro texto, de autoria própria, intitulado de História e Memória focamos em abordar questões que consideramos indispensáveis na preparação para um trabalho com entrevistas dentro da metodologia de história oral. A pesquisa como prática pedagógica, no Ensino Médio e na educação básica como um todo, é fundamental na construção/estímulo da autonomia intelectual discente. Contudo, quando esta prática está inserida especificamente no campo de ciências humanas, é importante que demarcemos os lugares de onde partem nossas concepções. Desse modo, baseadas nas experiências prévias com o projeto Memórias de Manaus, o texto 1 tem como objetivos conceituar/diferenciar História e Memória, apresentar conceitos do estudo da/com a memória e justificar a importância do estudo com a memória de pessoas idosas.

Para as autoras Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli, o estudo de conceitos históricos em sala de aula permite ao aluno a “instituição do poder conceitual” que elas explanam como “o poder que o aluno tem de identificar e ordenar cientificamente os elementos da realidade social e que pode auxiliá-lo na organização, no reconhecimento e na interpretação do mundo”(SCHMIDT;CAINELLI, 2009, p.85). No estudo de conceitos históricos em sala de aula se faz necessário levar em consideração duas questões: o respeito pelo conhecimento do aluno e, com base em suas representações, o aluno seja capaz de formular ele próprio suas “próprias ideias sobre os fenômenos e objetos do mundo social” (SCHMIDT;CAINELLI, 2009, p.84). O conhecimento do aluno é fundamental, mas é importante elucidar que ele deve servir como ponto de partida. Assim, é preciso estarmos atentos para não os centralizar, pois a construção de conhecimento se dá de forma dialógica e ultrapassa as fronteiras do que já conhecemos, além do que “certas compreensões podem ser insuficientes para explicar a realidade” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.83)

Assim como a organização do texto, a leitura também teve sua organização com paradas programadas, visando estimular os alunos a compartilhar suas concepções e possibilitar a troca de ideias a respeito delas. Foram feitas 4 paradas no texto, a primeira trata do conceito de memória, cujo entendimento é fundamental para este trabalho. Nele utilizamos o conceito de memória-trabalho da Ecléa Bosi (1994) com intuito de debatermos a concepção da memória, do esforço que o ato de lembrar exige e, também, sobre a memória individual e coletiva.

Dentro da proposta de trabalhar com a pesquisa envolvendo memórias é necessário o entendimento de quão flúidas elas são, inclusive em seus compartilhamentos, onde não existe uma linearidade fixa nos relatos, sobretudo quando as memórias são de pessoas idosas. Nesse

primeiro momento era importante conceituar o que era memória, pois é a matéria prima da pesquisa do projeto memórias de Manaus. Sem esquecer de alertar as diferenças entre história e memória para que os alunos pesquisadores tivessem esse entendimento em suas práticas e em suas análises. É importante ressaltar que essas definições são importantes também pois não existe trabalho com história oral que esteja desvinculado do trabalho com a memória.

Na segunda parada buscamos fazer apontamentos para diferenciar história e memória, de acordo com as concepções de Pierre Nora (1993), esta parada é importante na medida que os alunos precisam estar atentos que em suas pesquisas o trabalho com a memória necessita estar apoiado por uma metodologia científica. Nesse sentido, o autor nos alerta:

Porque é afetiva e mágica a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. (NORA, 1993, p.9)

E como metodologia, a história oral nos fornece subsídios para tratar com fontes orais de acordo com suas especificidades, desse modo “o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem” (PORTELLI, 2016, p.18), sendo assim “a história oral, então, é a história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória.” (PORTELLI, 2016, p.18).

Outra questão abordada no texto, diz respeito aos exemplos *lugares de memória* e *evocadores de memória*. Na atividade de sensibilização, que ocorreu no período que se antecedeu a greve, houve diversas partilhas sobre experiências em 2017. As experiências que dizem respeito às visitas foram muito valiosas para a escolha de abordar especificamente lugares e evocadores de memória, diante de tantas outras que são igualmente importantes ao falarmos sobre memória. Os alunos compartilharam conosco, e entre si, que em suas visitas muitos idosos faziam questão de pegar seus álbuns e conversarem/contarem suas histórias usando, orgulhosamente, suas fotografias e que em muitas delas haviam monumentos históricos da cidade ou traziam como pano de fundo lugares da cidade que eles conseguiam reconhecer, embora em outra época. Portanto, a terceira parada é para elucidarmos sobre o que são *lugares de memória* e *evocadores de memória*, de acordo com Pierre Nora, e estimular a percepção sobre o quão relevantes eles são. Esta parada é importante, principalmente, por que são muito utilizados, na prática das entrevistas e, quando em diálogo

com o texto 2, os alunos são instigados a perceber que eles próprios podem ser evocadores de memória quando realizam as entrevistas.

Na quarta e última parada, buscamos conscientizá-los da importância das suas pesquisas com as pessoas idosas e da humanização das suas práticas. Ainda que não esteja explícito no texto, nessa pausa entendemos como relevante abordarmos o fato que a possibilidade de troca de saberes, conhecimentos, experiências não se dá, apenas de forma unilateral e estática, do “mais velho” repassando seus conhecimentos ao “mais novo”, mas compreender que o idoso assim como o jovem também se encontra em fase de aprendizado, porém com mais tempo e mais experiência em sua bagagem. Nesse sentido a autora Tania Maria Scuro Mendes, ao refletir a respeito do envelhecimento humano e apresentar-nos ao conceito de *envelhecimento*, afirma que:

Como não há velhice absoluta, nem a melhor idade desejada, e sim um processo pelo qual a pessoa, imperceptivelmente, transita e no qual é, sobretudo, aprendente, pode-se descortinar o sentido da expressão “envelhecimento”. Essa dá a ideia de continuidade que não é, necessariamente, dirigida a decadência física, cognitiva e psicológica, mas que se envereda ao desenvolvimento, o qual decorre de experiências refletidas. (MENDES, 2012, p. 93)

Desse modo é fundamental que este debate esteja presente, pois assim como o aluno (aqui no papel de entrevistador) está em processo contínuo de aprendizado, o seu entrevistado também o está, portanto, as trocas interculturais e intergeracionais se dão de forma contínua e dialógica. A oportunidade de troca intercultural e intergeracional por meio da prática da entrevista presente em projetos de história oral em espaço escolar é muito rica, para os autores Magalhães e Santhiago (2015):

Esse método pode instituir pontes entre gerações, possibilitando um diálogo entre diferentes sucessões geracionais ou entre membros de diferentes grupos. Muitas vezes, o narrador sente que tem o dever de transmitir experiências para as gerações mais jovens – que devem estar preparadas para ouvi-las. As entrevistas suscitam a curiosidade dos alunos sobre pessoas mais velhas ou de outras culturas: o que nos faz iguais ou diferentes? O que mudou ao longo dos tempos? Como um hábito social se apresenta? (MAGALHAES; SANTHIAGO, 2015, p.57)

Portanto, dialogar com memórias de idosos na cidade de Manaus nos proporciona lançar nossos olhares para o ensino de história local de outra maneira, através humanização do nosso processo educativo, do questionamento da história única. Por meio dessas memórias em sala de aula é possível perceber que existe outras perspectivas para olharmos para o passado, onde a memória não é, “apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações” (PORTELLI, 1997, p. 33). A memória está em constante movimento e, através dos nossos idosos, está viva e por meio deles está viva em nós.

O outro texto utilizado nessa oficina se chama “Guilherme Augusto de Araújo Fernandes”, da autora Mem Fox, cuja temática gira em torno do questionamento sobre o que é memória<sup>40</sup>. Ao utilizarmos este texto, priorizamos a parceria feita com a professora/disciplina de língua portuguesa e compreendemos que um texto de literatura, ainda que seja direcionado ao público infantil que não é a faixa etária os alunos que participaram da pesquisa, daria `a articulação com o texto anterior (texto 1) um diálogo mais fluido. Prezamos também pela cooperação entre as disciplinas, cuja prática adveio da experiência anterior (do projeto Memórias de Manaus).

Neste texto sensível, Guilherme Augusto de Araújo Fernandes é uma criança que mora próximo a um asilo, o jovem tem amizade com seus moradores, “mas a pessoa que ele mais gostava era a Sra. Antônia Maria Diniz Cordeiro, porque ela também tinha quatro nomes, como ele. Ele a chamava de Dona Antônia e contava-lhe todos os seus segredos” (FOX, 1995, p.8). Certa vez, ouviu uma conversa entre seus pais a respeito de Dona Antônia, ela havia perdido a memória, e a partir daí começa a aventura investigativa do garotinho em busca de resolver o mistério do que é memória.

O texto traz importantes elementos a serem trabalhados quando o assunto é memória, porém numa linguagem literária, além de sua narrativa estar imersa em um contexto semelhante ao dos alunos, pois se passa com pessoas idosas. O texto dialoga com os conceitos de memórias com que trouxemos no texto 1, uma vez que é possível, pelas indagações que Guilherme Augusto, perceber que as pessoas têm concepções diversas a respeito do assunto. Outro ponto, são os objetos recolhidos por Guilherme Augusto que, em seu olhar, tinham a ver com as respostas que ele tinha obtido em sua investigação, esses objetos funcionam como evocadores de memórias na tentativa dele de ajudar Dona Antônia a recuperar sua memória.

Embora este texto seja extremamente sensível e suave em sua abordagem, havia um receio de nossa parte por um ser mais um texto e não um vídeo como havíamos programado, acabando por se tornar cansativo. Obviamente que os recursos audiovisuais teriam ajudado muito a configuração das oficinas, porém tivemos outra experiência possível, a de leitura compartilhada que foi bem positiva. Diante dessa possibilidade de diálogo entre os textos, elaboramos a atividade desta oficina, uma atividade em que os alunos, em dupla com seu/sua

---

<sup>40</sup> Este texto, foi encontrado durante os estudos prévios para a confecção das oficinas. Ao discutir sobre a memória, a autora Clarícia Otto (2012) o referencia e, no imprevisto de utilizarmos um vídeo com narrativa semelhante, optamos por utilizá-lo para o nosso diálogo. As atividades que antecederam a greve puderam contar com os recursos audiovisuais presentes na escola, porém nas atividades da oficina não foi possível, pois nenhum deles estava funcionando corretamente. Então o vídeo chamado “Dona Cristina perdeu a memória”, que havíamos selecionado acabou não podendo ser utilizado. O vídeo pode ser encontrado no Youtube no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=GB3adGkOQmw>.

parceiro (a) de pesquisa, buscam, conjuntamente, identificar no texto 2 quais conceitos presentes foram estudados por meio do texto 1.

O último texto dessa oficina, O que é história oral? (texto 3), foi uma compilação de conceitos e apontamentos centrais para o seu entendimento, para o qual utilizamos como base as autoras Valéria Barbosa Magalhães, Verena Alberti e Ricardo Santhiago. Nele, nos atemos a conceituar o que é história oral, explicar sobre seu método e sobre sua importância. Neste texto não houve uma atividade específica voltada apenas a ele, tratou-se então de uma leitura compartilhada com o objetivo de apresentar aos alunos o método de história oral, para que na próxima oficina já iniciássemos abordando a entrevista em si. A ausência da atividade se deu, principalmente, pela questão da escassez de tempo. Como já tínhamos uma oficina toda para dissertarmos a respeito da entrevista e para exercitá-la, optamos por nessa primeira oficina darmos ênfase ao exercício em relação a memória.

Este texto, como já foi mencionado possui três eixos centrais de discussão, onde ocorrem as paradas programadas na leitura: o conceito, o método e a sua importância. Para o seu conceito utilizamos a definição da autora Verena Alberti que a conceitua como um método de pesquisa, que também pode ser utilizado em outras áreas, cujo o trabalho “consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea” (ALBERTI, 2003, p.1). Ao conceituar o que é história oral, caminhamos para a segunda parte do texto que se encarrega de diferenciar a entrevista dentro do método de história oral e neste trabalho utilizamos os apontamentos de Valéria Magalhães e Ricardo Santhiago quando classificam seu objetivo, processo e resultado (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.23-24). Esta parada programada da leitura foi importante para uma explanação sobre o porquê de as entrevistas realizadas no projeto Memórias de Manaus serem consideradas história oral. E por fim, abordamos a importância do trabalho com a história oral que, ainda que científico, também se trata de um trabalho que valoriza os sentidos e significados para as pessoas que dela participam, além de ampliarmos as investigações abrindo espaço para outras narrativas.

### **3.2.2 Oficina II – Entrevista:**

Esta oficina possui atividades planejadas para serem distribuídas em 3 aulas com a duração 48 minutos cada, assim como a oficina de Memória e História Oral, esse número de aulas foi calculado levando em consideração o total de 8 aulas mensais da disciplina de história. Utilizamos um texto (Apêndice E) baseado nos estudos que fizemos com os autores

que dialogamos no processo de confecção desta pesquisa. O seu objetivo é apresentar e discutir o gênero entrevista junto a alunos do 3º ano do Ensino Médio, refletir sobre sua importância na pesquisa e introduzir noções dos procedimentos necessários para a sua realização em história oral. As atividades foram realizadas em dupla, pois a intenção primeiramente é de exercitar a escrita do roteiro, levando em consideração os conteúdos trabalhados na oficina, ao mesmo tempo que promove mais intimidade entre os parceiros de trabalho.

Diferente das outras atividades da oficina I, esta conta com a participação direta da disciplina de língua portuguesa na confecção do seu material, na sua organização e em sua execução<sup>41</sup>, desse modo, nessa oficina em especial, contamos com a participação de duas professoras na sua execução. Os autores utilizados consultados para a confecção deste texto foram: Verena Alberti (2005), Carolina Macedo e Carolina Müller e Silvia Albert (2018), Alessandro Portelli (2016), Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa Magalhães (2015). O texto utilizado conta com uma apresentação do conceito de entrevista, enquanto gênero textual, e suas modalidades, depois se divide em tópicos explicativos do que fazer antes, durante e depois das entrevistas. A metodologia adotada também foi a leitura compartilhada e explanação, seguida das atividades práticas. Este texto não adota um formato de texto contínuo como os outros, pois prezamos por trazer a discussão procedimentos que consideramos indispensáveis no ato de entrevistar adicionando cuidados a se tomar com o trabalho em dupla.

O trabalho com o texto então ficou dividido em dois momentos: explanação do conceito e das modalidades de entrevistas trabalhados no projeto, seguidos pelos tópicos de apontamentos sobre o procedimento das entrevistas. A oficina foi iniciada com a explanação e acompanhamento da leitura compartilhada pela professora Larissa, que pertence ao quadro de professores da escola lecionando a disciplina de Língua Portuguesa, neste momento foi utilizado o que tínhamos de recurso na escola, o quadro branco e texto que foi entregue aos alunos. Na explanação da professora, além do conceito em si, de entrevista, ela focou nas modalidades de entrevistas específicas utilizadas pelos alunos no andamento da pesquisa do projeto Memórias de Manaus que são: entrevistas de história de vida e entrevistas temáticas.

---

<sup>41</sup> Embora este trabalho tenha contado, desde o início, com o auxílio da disciplina de Língua Portuguesa (nas atividades que se antecederam à greve, com a cedência dos tempos de aula para as atividades, e nas oficinas, com a cedência dos alunos para as atividades da oficina, enfim, com a mediação na organização das oficinas), somente neste momento contamos com sua participação direta nas atividades.

A ideia de trabalhar o conceito de entrevista, enquanto gênero textual, surgiu da própria configuração do projeto Memórias que, como já foi mencionado diversas vezes conta com a participação de todas as disciplinas, porém foi reforçada por outra questão interna além do projeto. No decorrer do ano, no calendário escolar, havia uma mostra de gêneros textuais que assim como o projeto Memórias de Manaus, também alcança a escola inteira com todas suas turmas, séries e turnos. Nesta mostra cada turma fica com um gênero específico para trabalhar e apresentar algo referente aquele gênero. E seguindo o formato de feiras culturais<sup>42</sup>, também há uma comissão avaliadora que escolhe, baseado em critérios criados pelos professores, as turmas que desenvolveram mais satisfatoriamente os trabalhos. Desse modo, ainda que neste ano atípico por conta das paralisações, não houvesse a feira, ainda assim optamos por permanecer com a parceria, pois o tema ainda faria parte de conteúdos abordados durante o ano letivo.

Ao abordar o tema das entrevistas, não nos distraímos da sua inserção na abordagem metodológica da história oral, portanto, ainda que no material desta oficina o foco seja, sobretudo, fazer apontamentos ligados à sua técnica, concordamos com Cremilda Medina (2011) quando a autora afirma que, embora seja uma técnica eficaz “certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta — fria nas relações entrevistado — entrevistador — não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo” (MEDINA, 2011, *on-line*). A autora ainda afirma que:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. (MEDINA, 2011, *on-line*)

Ao debater sobre história oral, Alessandro Portelli (2016, p.10) afirma que a “história oral é, primordialmente, uma arte da escuta” composta por um conjunto de relações. Entre as relações abordadas pelo autor temos, primeiramente, a relação entre entrevistados e

<sup>42</sup> Em Manaus, as feiras culturais são atividades avaliativas feitas de forma coletiva, por toda a classe/turma, que normalmente envolvem toda a escola. Nela os alunos abordam um tema e o desenvolvem com apresentações, normalmente as salas são ornamentadas para o evento, onde são avaliados por uma comissão avaliadora formada por professores convidados de universidade ou de outras escolas. Normalmente há um critério de avaliação criados pelos professores da instituição que promove a feira, e no final é feita uma contagem de pontos decidindo qual é a turma que melhor desenvolveu o trabalho, em muitos casos a recompensa é a nota máxima na avaliação para todos os alunos da turma. Contudo no Frei Silvío, havia uma cultura em que a turma que melhor desenvolvesse as atividades/projetos no decorrer do ano ganhariam, além da nota máxima, um passeio coletivo de lazer com a turma no encerramento do ano letivo.

entrevistadores, ou seja, o diálogo. Desse modo o autor nos convoca a refletir sobre questões importantes relacionadas a prática das entrevistas e ao diálogo decorrente dela:

[...] a entrevista estrutura-se sobre um solo comum que torna o diálogo possível, mas também se estrutura sobre uma diferença que a torna significativa. Seria um equívoco pressupor que só a similaridade permite que os entrevistados se expressem, que só a similaridade estabelece a “confiança” na qual o diálogo se funda. Por definição, na verdade, uma troca de conhecimento só tem significado se esse conhecimento não está previamente compartilhado – isto é, se entre os sujeitos envolvidos existe uma diferença significativa [...] (PORTELLI, 2016, p.13)

Ambos, tanto Medina quanto Portelli trazem apontamentos importantes sobre aspectos fundamentais da entrevista para que, além da técnica, possa alcançar uma comunicação que seja mais humana, desse modo se estabelecendo um diálogo no qual a troca seja feita de forma respeitosa, compreendendo que nessa relação ambos estão em processo de aprendizagem.

Segundo Magalhães e Santhiago (2016, p. 108), toda entrevista exige um processo de preparação, “a entrevista não começa no momento da gravação, mas muito antes: com o projeto, com a elaboração dos temas a serem abordados, com a preparação de um roteiro e com o contato com o entrevistado”, logo, no segundo momento do texto, após as explicações conceituais da professora de Língua Portuguesa, temos então as etapas das entrevistas. Estas etapas foram divididas em: preparação para a entrevista, durante a entrevista e após a entrevista.

Deste momento em diante, o texto foi dividido em tópicos. O motivo de ser elaborado assim, é que a sua leitura deve ser seguida por pausas para explicações/comentários a cada tópico lido, principalmente, porque aqui também temos dicas da organização e planejamento do trabalho da dupla. Também, durante sua leitura, com as paradas para as explicações os alunos tiraram mais dúvidas sobre a parte prática.

Ao tratar a respeito da preparação para as entrevistas, discorremos tanto sobre questões técnicas como a escolha de um local adequado a entrevista, a decisão prévia da dupla sobre quem e como vão gravar as entrevistas, quanto sobre a ética na pesquisa, e o respeito pelo entrevistado. O planejamento para a entrevista é fundamental, ainda que ocorram muitos imprevistos, o que é comum acontecer em atividades escolares. Quando ele é realizado conjuntamente com os alunos, as chances de o aluno desenvolver um compromisso com a atividade é maior, pois ele sente que faz parte. A ética na pesquisa é outra questão que não pode deixar de ser mencionada, tanto quando trata de questões legais, conscientizando o aluno que “histórias narradas consistem em uma propriedade intelectual que deve ser respeitada” (Magalhães e Santhiago (2016, p.50) quanto a questões mais sensíveis voltadas a dimensão do

emocional, da vontade do entrevistado e da responsabilidade com a divulgação das entrevistas.

Na etapa “durante a entrevista” pontuamos, primeiramente, sobre a importância do roteiro, não como algo rígido, porém fundamental nesse processo. Embora essa etapa exija uma preparação técnica, atenciosa com os materiais utilizados, também é uma das etapas que mais requer o foco em outras habilidades que vão além da esfera “intelectual”. Elencamos uma série de demandas do campo das relações humanas como tentar criar um ambiente amigável, demonstração de interesse e respeito pela fala do entrevistado, também nesta parte do texto relembramos aos alunos utilizarem os evocadores de memória, a exemplo das fotografias, como estratégias em suas entrevistas. Ao fazer uma autoetnografia de suas práticas, Alessandro Portelli, mais uma vez, traz considerações importantes no tocante das relações humanas na história oral:

A história oral lida com histórias, e as histórias não podem ser reduzidas a um significado único. [...] História oral é uma coisa que fazemos com outras pessoas, ela vai além do nosso “trabalho” – ou, pelo menos, nosso “trabalho” não pode ser realizado a menos que o inserimos em um contexto mais amplo das relações humanas. Trabalho é uma coisa útil, mas relações pessoais, amizades que duram a vida toda, diálogo e confrontação com outros, são fins em si mesmos. (PORTELLI, 2016, p.43)

As relações humanas, tão valorizadas por Portelli em seus escritos, não se finda quando a entrevista acaba, pois, a responsabilidade com essas memórias, e o trabalho a ser desenvolvido com elas de forma ética, também integra essas relações. Sendo assim, embora este não seja o foco das oficinas, também pontuamos procedimentos recomendados após as entrevistas, na última etapa da entrevista apontada no texto. Nela orientamos os alunos a guardarem com cuidado seus materiais e arquivos, também elucidamos sobre a importância das transcrições, e, principalmente, da reflexão sobre seu próprio trabalho e suas entrevistas, assim como a etapa de divulgação desse trabalho.

Nas observações finais, demos três dicas de como elaborar o roteiro. Essas dicas foram colocadas no final do texto para abordarmos as práticas das atividades propostas logo em seguida. As dicas foram: Elaborar perguntas que o entrevistado possa responder além de “sim” ou “não”; elaborar perguntas direcionadas para o tema escolhido para a entrevista; levar em consideração o tempo necessário para fazer a entrevista na hora. Na primeira atividade pedimos: “Escolha um tema e elabore um roteiro curto de entrevista direcionado para seu parceiro de pesquisa e o entreviste. Não esqueça de consultar as dicas de elaboração de roteiro. Após esse momento, tente listar suas dificuldades nessa atividade”. Durante a atividade estipulamos um tempo máximo de 15 minutos para a elaboração das perguntas e

para a entrevista, com o intuito de estimular, principalmente, o trabalho com essas três dicas que entendemos como fundamentais para um roteiro, e também estimular a identificação, por parte dos alunos, das dificuldades do trabalho, pois não é tão simples quanto parece.

A outra atividade, a última, enunciava assim: “Baseado na sua escolha de entrevistado, elabore um roteiro de entrevista direcionada especialmente para ele. Não esqueça das dicas que foram dadas durante a oficina”. Esta atividade tem o foco na elaboração do roteiro a ser utilizado na segunda (pois na primeira entrevista é utilizado o roteiro disponibilizado pelo projeto) entrevista da dupla para sua pesquisa. Embora acreditássemos que por se tratar de um texto que, por sua configuração em tópicos, fosse ser mais rápido que os textos da primeira oficina, por se tratar de uma oficina de ordem prática e com paradas explicativas durante cada tópico apresentados, a realidade se mostrou diferente. Com o tempo curto, não foi possível finalizar os roteiros em sala com os alunos, necessitaria de pelo menos mais um tempo de aula para que o trabalho fosse totalmente finalizado, pois esta etapa ainda contaria com a revisão dos roteiros e seria auxiliado pelas professoras.

Ainda que o tempo estipulado não tenha sido suficiente para executamos até o fim o que havíamos planejado, foi neste tempo que as duplas, como veremos no próximo capítulo, elaboraram seus roteiros finais. Tivemos contratempos, mas também encontramos coletivamente nossas soluções, e, apesar dos poucos recursos, contamos com a disposição e cooperação dos alunos nessa caminhada, seja em sua participação, seja apresentando possibilidades de melhoramento. Tivemos muitas trocas significativas, experiências, dificuldades e entendimentos compartilhados durante as oficinas, e sobre e com essas partilhas dialogaremos no capítulo seguinte.

#### 4 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

Este capítulo se encarrega de compartilhar experiências e percepções dos participantes da pesquisa, professores e discentes, em relação as oficinas. Para esta etapa do trabalho foram utilizados os vídeos gravados das conversas com as duplas de trabalho e um depoimento escrito da professora de Língua Portuguesa e os áudios das entrevistas produzidas pelos alunos. Os vídeos das conversas foram feitos no dia 04 de dezembro de 2019, das três duplas (Figura 12) que participaram das oficinas, apenas duas delas participaram desta conversa, pois uma delas não quis participar, pois não havia conseguido realizar a entrevista com o idoso<sup>43</sup>.

**Figura 12. Alunos-colaboradores participantes das oficinas.**



Fonte: Acervo da autora. 2019

A roda de conversa para o compartilhamento a respeito das oficinas havia sido planejada para ocorrer coletivamente, porém por questão de conciliação de horários com as atividades de recuperação de notas que estavam acontecendo na escola, no período que

<sup>43</sup> Como mencionado no subtítulo 3.1, seis alunos aceitaram participar das oficinas, formando então três duplas. Contudo, uma das duplas teve um contratempo com o entrevistado, pois o mesmo viajou, e terminaram por não conseguir encontrar a tempo outro idoso para entrevistar e resolveram não participar da troca de experiências, embora tenham participado das oficinas.

havíamos marcado a atividade, elas terminaram por acontecer de acordo com a disponibilidade de cada dupla separadamente e por meio de depoimento escrito no caso da professora de Língua Portuguesa Larissa Sarmento.

O capítulo se organiza em subtítulos que se encarregam de trazer os relatos dessas experiências. Eles se organizam em três eixos norteadores dos nossos diálogos e que podemos dispô-los como sendo momentos de observações pessoais a respeito das nossas dificuldades, dos êxitos e dos apontamentos para superação das nossas dificuldades. Não tínhamos um roteiro específico de perguntas a serem feitas na ocasião, mas sim temas que achávamos importantes abordar, pois entendemos que por se tratar de um momento de partilha buscaríamos então uma conversa mais espontânea, ainda que vez ou outra fosse necessária uma intervenção por perguntas que iam surgindo de acordo com o andamento da conversa.

Embora nossos diálogos acabaram tomando uma outra configuração, diferente do planejado, eles delinearão-se dentro de três principais questões que foram abordadas por ambas as duplas, por isso nossa escolha de compartilhar essas percepções de forma temática neste capítulo. Assim sendo, o subtítulo 4.1 traz as percepções das dificuldades encontradas e enfrentadas pelos participantes da pesquisa de modo geral, com foco nos relatos dos alunos acerca desta problemática, porém sem nos furtar de também expor as percepções dos docentes. No subtítulo 4.2 nos encarregamos de trazer o que foi percebido na fala dos participantes como êxito em relação a contribuição das oficinas e por fim o item 4.3 traz sugestões dos alunos de melhorias das oficinas na prática em sala de aula.

A primeira dupla de trabalho é formada por Giovanna, de 17 anos, e Kevem, de 18 anos, cuja entrevista foi feita como senhor Jaime Figueiredo de 69 anos, avô da aluna Giovana. A entrevista foi realizada na casa da própria aluna, com um roteiro elaborado após a oficina pelos dois integrantes da dupla e foi registrada por meio de vídeo. A divisão do trabalho ficou definida dessa forma: Giovanna realizou as entrevistas e Kevem a auxiliou na elaboração do roteiro. O aluno Kevem já havia participado do projeto Memórias de Manaus no ano de 2017, quando ainda estava no primeiro ano do Ensino Médio, diferente da aluna Giovanna que, por ter ingressado na escola Frei Silvío apenas em 2019, teve sua experiência com o projeto restrita às atividades realizadas no período que antecedeu a greve de professores.

Como foi mencionado no item 3.1, as atividades que antecederam a greve foram organizadas de modo a se assemelhar o máximo possível das atividades desenvolvidas no projeto Memórias de Manaus, pois seu objetivo era proporcionar aos alunos novatos uma

experiência prévia do funcionamento do projeto, criando uma possibilidade, assim como foi para os alunos que já haviam participado, de refletir sobre/com suas práticas com as entrevistas antes e depois das intervenções das oficinas. No caso da aluna Giovanna, diferente do Keven que já tinha uma experiência prévia, sua experiência com as entrevistas está inserida nesta situação específica.

A segunda dupla de trabalho é formada pelas alunas Karolaine, de 17 anos, e Girlane, de 18 anos, cujo trabalho foi realizado com a senhora Odinéia Assunção de 76 anos, avó da aluna Girlane. Ambas integrantes da dupla já haviam participado do projeto no primeiro ano do Ensino Médio, em 2017. A entrevista foi feita pela aluna Girlane na casa da dona Odinéia e foi registrada por meio de áudio. Na organização do trabalho da dupla, Girlane se encarregou de executar a entrevista e Karolaine de ajudá-la na elaboração do roteiro.

Outra contribuidora das oficinas é a professora de Língua Portuguesa da escola Frei Silvío Vagheggi, Larissa Sarmiento, de quem utilizaremos um depoimento, por escrito, acerca da sua experiência pessoal com o projeto e toda essa trajetória que traçamos coletivamente desde o início do ano letivo, antes disso até, quando este trabalho era apenas uma ideia.

#### 4.1 NOSSAS DIFICULDADES: “ELA NÃO ESTAVA PREPARADA PRA AQUILO, ENTÃO A GENTE ESPEROU ELA ESTAR PREPARADA”<sup>44</sup>

Desde as minhas primeiras experiências vivenciadas na escola Frei Silvío com os projetos, de Meu Velho Amigo à Memórias de Manaus, me incomodava, além das preparações que julgava insuficientes, a ausência de um momento formal de retorno das experiências dos alunos em relação a essas atividades. Também sentia falta de uma partilha que tivesse um espaço de escuta que ultrapassasse os corredores com as conversas rápidas entre nós, professores e alunos. Sempre que havia oportunidade de conversas informais de corredor de escola entre mim e os alunos sobre os projetos, também havia diversas histórias curiosas das visitas, casos que os idosos contavam, a experiência do trabalho em grupo, aniversários comemorados com os idosos adotados. Me instigava saber/ouvir o que eles pensavam sobre, como era essa experiência para eles, quais os pontos positivos, quais os negativos, o que eles tinham a dizer sobre como poderia ser melhor. Pois ainda que houvesse em seus relatos as reclamações sobre a falta de tempo, das eventuais brigas por conta do trabalho em grupo, da atividade trabalhosa que eram as visitas, também havia o carinho pelo

---

<sup>44</sup> Trecho da fala da aluna Karol ao relatar sua percepção em relação as dificuldades do projeto. Vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019

idoso, a preocupação em ir ver o “meu velho”, como eles costumavam falar, a preocupação em ir arrumado para as entrevistas ou levar um presente.

Desse modo, quando as oficinas foram pensadas para o desenvolvimento desta pesquisa, era imprescindível que houvesse um espaço para as trocas, as partilhas, o momento da fala e da escuta. Mais do que partilhar algo com meus alunos, também buscava a partilha deles comigo. O que eles tinham para me ensinar dessa vez? Onde poderia melhorar?

Em nossas oficinas houve muitos imprevistos, foi um ano atípico na escola, mas pensando bem a respeito, a escola é recheada de imprevistos, pois ela é feita por pessoas e não há roteiro e nem previsões que dê conta das relações humanas internas e externas presentes em uma escola. Como já mencionado, o dia que marcamos para realizar nossa roda de conversa, a ideia era realiza-la coletivamente, porém, no dia marcado haviam várias atividades de recuperação na escola por se tratar de fim de ano e fechamento de notas do 4º bimestre, no universo escolar, não é raro ter que adaptar as suas imprevisibilidades. Uma das duplas não necessitava realizar as atividades, e foram para a escola apenas para participar da roda de conversa, contudo as integrantes da outra dupla necessitavam, optamos por escolher fazer nossos diálogos separadamente, de acordo com o tempo disponível das duplas.

Iniciamos nossa conversa então com a dupla formada por Giovanna e Kevem (Figura 13). Como não tínhamos muito tempo, Giovanna já chegou contando de forma espontânea que tentou ser rápida na entrevista com o avô, mas tentou investigar um pouco mais sobre o cinema, pois é o assunto o qual ela tinha curiosidade. Gravaram a entrevista, na sala de sua casa, arrumou um cenário, colocou uma árvore de natal (já era fim do ano na época da sua entrevista) e fez questão de colocar uma roupa “mais arrumada” para a ocasião, Giovanna fez a entrevista, o Kevem a ajudou com o roteiro.

**Figura 13. Giovanna e Kevem durante as atividades da oficina de Memória e História oral.**



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2019

Já a dupla formada por Karolaine, que chamamos de Karol e chamaremos assim de agora em diante no texto, e Girlane (Figura 14) entrevistou a dona Odinéia, avó de Girlane, na casa dela numa terça à noite. As perguntas utilizadas na entrevista foram feitas em sala de aula no dia da oficina de entrevista. Karol não participou da entrevista em si, mas ajudou na formulação do roteiro. Girlane afirma que apesar desta entrevista não ter vídeo, apenas áudio, para ela foi “bom” em relação ao vídeo anterior, pois dessa vez sua avó “falou mais, ela riu, por que da outra vez ela estava muito séria”.

**Figura 14. Girlane e Karol durante as atividades da oficina de Memória e História oral.**



Fonte: Acervo pessoal da autora.2019.

A dupla Giovanna e Kevem realizou duas entrevistas com seu Jaime Figueiredo, a primeira ainda nas atividades antes da greve e segunda após as oficinas. Relatou que suas dificuldades em relação ao projeto em si, além da “questão de criar as boas perguntas”<sup>45</sup> foi também o nervosismo. Contudo, apesar desses itens que a aluna elencou como dificuldades, ela também frisou que o restante da atividade “foi ok, ele também falava, ele queria participar”. Quando Giovanna menciona sua preocupação em “criar as boas perguntas” entendo que ela esteja se referindo ao fato de dialogar de modo que suas perguntas estimulem respostas que não se encerrem no “sim” ou no “não”, mas que tenham fluidez, como menciona seu colega de trabalho Kevem. Contudo, todo processo de ensino-aprendizagem também é um processo de investigação, e neste processo as boas perguntas são aquelas que nos movem, nos levam a conhecer além daquilo que sabemos ou, muitas vezes, achamos que sabemos, como é o caso dela mesma que ao entrevistar seu avô (seu Jaime) se deparou com muitas histórias sobre ele que ela nunca ouvira antes.

Para Kevem, suas dificuldades são relacionadas ao tempo, pois ele trabalha durante a semana em uma loja localizada no centro e que, apesar de ser localizada na mesma região onde o Frei Silvío está localizado, sua saída é muito próxima do horário de entrada na escola. Somado a isso, ele tocou numa questão interessante, em suas palavras, “tem também o caso de ser um idoso né, porque muitas das vezes como se trata de ser de uma geração diferente é meio difícil ter essa fluidez na conversa né, com o idoso”. É importante frisar que, aqui o aluno se refere, principalmente, a sua experiência em 2017, pois foi junto a sua equipe realizar entrevistas, diferente das entrevistas aqui proposta que apenas Giovanna realizou.

O apontamento de Kevem a respeito de uma certa dificuldade de comunicação devido a diferença entre as gerações, é algo que acompanhei de perto junto aos alunos nos anos em trabalhei nesta comunidade escolar. Quando monitorava as atividades dos alunos nos projetos, em conversas em sala de aula, os alunos sempre demonstravam certa preocupação em adotar um idoso com o qual não conseguisse conversar, porém o fato de irem em grupos as visitas amenizava essas apreensões, pois em grupo não recaía apenas em uma pessoa a responsabilidade de estabelecer um diálogo.

Inclusive essa foi umas das questões debatidas durante as oficinas quando abordávamos direcionamentos de como se comportar em situações sensíveis, explicitando o que fazer ao se deparar com uma opinião de um idoso, julgada pelos alunos como

---

<sup>45</sup> Expressão utilizada pela aluna

preconceituosa. A realidade é que ninguém está preparado o suficiente para uma situação preconceituosa, porém ali na intersecção entre o imprevisto<sup>46</sup> inerente a prática docente, a experiência em sala de aula ao lidar com diversas opiniões cotidianamente em todos os anos de profissão e orientada pelos estudos desta pesquisa, respondi que de forma respeitosa, e, se possível, afetuosa, caso houvesse chance do diálogo, seria interessante expressar seus pontos de vistas, pois todos nessa situação estavam continuamente em aprendizado.

Para Girlane, quando indagada sobre as dificuldades para realizarem o trabalho, ela não se referiu necessariamente ao trabalho e suas complicações referentes a questões mais organizacionais do mesmo, mas a algo especificamente ligado a uma pergunta na entrevista, segundo ela, ela sentiu dificuldade quando perguntou a sua avó se ela se sentia valorizada, então ela conta “ela respondeu “sim...”, “é...”, aí falei: mas a senhora liga pro que as pessoas falam? Mas a senhora se sente valorizada, aí ela respondeu: “sinto...talvez...”, aí não quis mais perguntar né...”, inclusive mencionando que esse foi um dos momentos que “lembrou” da oficina quando falávamos sobre respeitar o entrevistado e não insistir caso ele demonstrasse incômodo sobre um determinado assunto. Outra questão abordada por ela, foi sobre a vergonha que ela sentiu, principalmente no primeiro ano em 2017, de fazer a entrevista com sua avó e que se questionava continuamente sobre o que sua avó acharia sobre ou se ela iria gostar de participar.

Já para Karol, sua dificuldade também foi em relação ao tempo, mas diferente de Kevem que mencionou suas diversas atividades, dentre elas seu trabalho, como um fator que dificultava ter tempo para realizar as atividades do projeto, para ela essa questão do tempo está muito mais atrelada ao tempo do entrevistado, sobre o qual ela fez a seguinte fala sobre:

Por que não é a questão de falar “ah eu quero tal dia”, não, não foi assim. Tem que falar “ah vó a gente quer fazer um trabalho, quando dá pra senhora?”. Aí a dificuldade foi o tempo, por que ela não estava preparada pra aquilo, então a gente esperou ela estar preparada, “não, hoje eu posso, hoje dá pra mim fazer a entrevista contigo”, então acho que foi o tempo dela, não de eu ter ocupação, mas o tempo que ela levou pra aceitar.<sup>47</sup>

Quando Karol mencionou essa questão, lembrei que em uma das nossas conversas informais nos corredores da escola, estávamos lembrando coisas curiosas que aconteceram no projeto passado e Girlane lembrou dessa situação do tempo da sua avó nas entrevistas, que as vezes era trabalhoso conseguir entrevista com ela, não porque ela se recusava a participar,

---

<sup>46</sup> Aqui me refiro a um imprevisto advindo das diversas experiências vivenciadas pelos docentes e não de um imprevisto fruto de uma falta de planejamento ou até mesmo de uma displicência por parte docente.

mas porque ela queria que tudo estivesse “perfeito” para receber os “jovens” na sua casa, ela não gostava de dar entrevista sem que ela tivesse um lanche para oferecer, ou se sua casa estivesse desarrumada e que, por sua avó sofrer de algumas doenças e ter dias em que não se sente bem, também não gostava de receber ninguém em dias em que, por estar adoentada pareceria menos arrumada em sua aparência. Essas são questões que precisamos estar atentos em nossas práticas quando nos propomos a trabalhar com idosos.

Na percepção da professora Larissa, embora ela tenha encarado nossa experiência, em sua totalidade, como algo positivo, suas angústias em relação ao mesmo também decorreram dos percalços encontrados em nossos caminhos. Em seu relato, ela relembra esses momentos:

Porém, infelizmente, no nosso caso, ocorreu de passarmos por um processo de redução de turma ao longo da aplicação do projeto, o que fez com que, ao final, alguns não participassem inteiramente dele. Além de alguns contratemos terem surgido, fazendo com que nos adaptássemos a menos tempo de oficina do que esperávamos.<sup>48</sup>

Ainda que gerem momentos de intensas preocupações, essas situações não são raras no ambiente escolar, ainda que não seja por estes mesmos motivos relatados até aqui, o universo em que a escola está envolvido é sujeito constantemente a modificações aos quais em alguns momentos nos adequaremos naturalmente e por outras vezes seremos inquiridos a isso. Em nosso caso, se fez necessário se adaptar à nova realidade que se impôs a nós naquele momento, porém também é possível vislumbrar, além das dificuldades, nossos êxitos nesse processo e sobre eles falaremos a seguir.

#### 4.2 NOSSOS ÊXITOS: “A ENTREVISTA ABRE VÁRIOS CAMINHOS”<sup>49</sup>

A aluna Giovanna entrevistou seu Jaime por duas vezes, como já mencionamos, a primeira vez nas atividades anteriores a greve de professores e a na segunda vez após realizar as oficinas. No início das nossas atividades houve um certo receio que pelo fato de ela não ter uma experiência de mais tempo com o projeto, já que um dos objetivos do trabalho também era de estimular o aluno a refletir sobre sua própria prática baseado em suas experiências anteriores. Como optamos por fazer as atividades antes da greve, com o intuito destas se aproximarem das atividades realizadas pelo projeto Memórias de Manaus, já que o mesmo não estava sendo executado naquele ano (2019), sua participação foi possível. Portanto, do grupo de alunos que participaram da pesquisa, apenas Giovanna, possui uma trajetória diferenciada em relação as experiências prévias.

<sup>48</sup> Larissa Sarmiento. Professora da E.E. Frei Silvio Vagheggi. Depoimento escrito enviado por e-mail em 01 de julho de 2020.

<sup>49</sup> Fala da aluna Karol em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

Em relação a primeira experiência, a aluna Giovanna não se aprofundou muito, porém em conversa informal após uma das oficinas ela chegou a comentar que, apesar de ser seu avô, ela se sentiu muito nervosa, inclusive, ficando trêmula em alguns momentos. Já em nosso momento de partilha, ao ser indagada sobre a segunda entrevista, após as oficinas, Giovanna afirma: “na primeira como eu lhe falei, foi muito automático, eu fiz as perguntas e só fazia transcrever, mas na segunda com o aprendizado aqui né, com as nossas conversas foi mais natural. Me senti mais segura, tanto que eu queria ficar bonita e tal”<sup>50</sup>. Ela afirma que ficou menos nervosa, por conta dos trabalhos desenvolvidos na oficina, e isso reverberou inclusive em sua forma de se portar em sua entrevista, buscando assumir uma postura mais investigativa uma vez que, além das suas roupas mais formais, por assim dizer, também incluiu em seu roteiro perguntas que ela já havia mencionado, em nossas discussões durante as oficinas, ter curiosidade.

**Figura 15. Giovanna e seu Jaime na entrevista.**



Fonte: Arquivo pessoal da autora. 2019

Giovanna tinha a curiosidade de saber um pouco mais sobre como era o cinema na cidade, “no tempo” do seu avô, na época em que ela explicitou isso, não diretamente a mim, mas para seu colega de dupla de pesquisa Kevem, fiquei meio acanhada em perguntar o porquê, já que ela não havia falado diretamente para mim, porém em nossa partilha por ela mencionar que havia incorporado essas perguntas ao roteiro de entrevista, resolvi perguntar:

Eu: Por que tu queria saber de cinema?  
Kevem: é bem redação do Enem...

<sup>50</sup> As entrevistas realizadas serão abordadas mais adiante no item 4.2.1.

Giovanna: é, tem essa questão de redação, porque eu sou a doida da redação, tipo, porque cai no Enem. E eu não sei...eu queria saber o que ele fazia entendeu? Como eram os encontros amorosos dele, se ele ia pra festa, se ele ia pro cinema...Eu queria saber como eram os romances antigamente também entendeu? Só que ele não tocou muito nessa parte sabe, ele ficou meio com vergonha...

Eu: Mas tu queria saber! (risos)

Giovanna: (risos) eu queria muito, mas não consegui (simulando uma cara triste). Vai que ele conheceu minha avó assim no cinema também ou na festa, entendeu, eu queria saber dessa parte...

Eu: Então tu tinha uma curiosidade...

Giovanna: É, eu tinha um interesse por trás, da vida amorosa (risos).<sup>51</sup>

É interessante perceber que mesmo que Giovanna não tenha obtido as respostas que estava curiosa por saber ainda sim ela julga que o trabalho foi bom para conhecer mais o seu avô, em suas palavras: “se fosse um estranho aí eu não ia nem saber o que fazer direito, como era o meu avô e eu já tinha interesse em saber mesmo, então foi só uma oportunidade pra conhecer melhor ele”. E seu interesse pelo Enem, também é percebido em outro momento quando ela fala sobre suas motivações com o trabalho:

Uma coisa que, tipo, me deixou mais interessada que é eu fiquei pensando “já pensou se isso fosse tema de redação” por que já caiu “estudar o passado para compreender o presente”, acho que por isso que eu tentei ler, tentei fazer, tipo, o melhor de mim entendeu? Por que eu pensei “vai que cai na redação” entendeu? Eu já ia saber um pouco.<sup>52</sup>

Embora o Enem seja assunto que movimenta o ano inteiro de alunos do terceiro ano do Ensino Médio, não havíamos pensado nessa questão tocada pela aluna, ainda que costumeiramente boa parte das atividades voltadas aos alunos de terceiro ano sejam voltadas para provas de ingresso nas universidades. Tal observação de Giovanna, demonstra como nossos alunos também nos ampliam as possibilidades e o alcance das nossas práticas, nos mostrando coisas que nem sempre enxergamos. Outra questão que deve ser mencionada sobre a experiência da Giovanna com as entrevistas é que em determinado momento ela faz a seguinte menção em relação ao projeto:

[...] graças a esse...eu decidi que vou guardar esse vídeo né por que, deus me livre algo de ruim aconteça, aí eu fiquei pensando “pô, é melhor eu guardar por que é uma grande lembrança pra mim”, essa é a melhor parte, que eu pensei foi isso, que eu ia ter uma lembrança do meu avô.<sup>53</sup>

Ainda que essas palavras naquele momento fizessem muito sentindo, afinal de contas, além do parentesco, há um vínculo afetivo entre eles, ou seja, totalmente compreensível que ela quisesse guardar lembranças de seu avô. Trazendo essa reflexão para nossa atualidade, em

<sup>51</sup> Trecho da conversa registrada em vídeo entre mim, Kevem e Giovanna. Vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

<sup>52</sup> Fala da aluna Giovanna em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

<sup>53</sup> Fala da aluna Giovanna em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

2020 em face do COVID-19, traz outra carga de interpretações em que ter um vídeo se seus entes queridos, sobretudo idosos que foram os mais afetados com essa doença, como algo precioso para se guardar.

O fator segurança na hora de realizar as entrevistas foi algo mencionado também pela Girlane, que apesar de já ter entrevistado Dona Odinéia, oficialmente, 3 vezes (uma para o seu trabalho em 2017, outra para as atividades antes da greve e a última após as oficinas) também afirma que ela ficava muito nervosa. Para ela, a melhor entrevista de todas foi a última, ainda que ela julgue que a primeira (em 2017) também tenha sido boa, pois sua vó adora estar no meio de pessoas jovens. Ainda assim, mesmo sem o vídeo, pois sua avó não havia aceitado gravá-lo, somente o áudio, ela considera a melhor entrevista porque sua avó falou mais coisas. Nesse momento, ela menciona que inclusive no dia da entrevista, dona Odinéia, esperou uma pessoa da casa ir para o quarto para poder realizar a entrevista com a presença apenas da Girlane. Ao explicitar esse fato, entendemos que Girlane o frisa como algo importante que proporcionou a ela e a sua avó um momento de intimidade e cumplicidade entre elas, em suas palavras: “Pra mim, foi melhor pra saber das coisas por que a gente riu, brincou...eu me senti mais aberta com ela”.

Tal aspecto também aparece quando perguntamos se ela conseguiu identificar alguma diferença na sua prática com as oficinas, ela respondeu que encontrou diferença por que na outra vez (em 2017) tinham mais pessoas e dessa vez era apenas ela e sua avó, desse modo ela pôde conversar melhor, e que lembrou das oficinas quando ela marcou um dia e sua avó não queria, ela não insistiu e lembrou da oficina onde falamos sobre não forçar a entrevista, que teve que esperar um tempo até sua avó poder participar das entrevistas, pois sua avó tem complicações de saúde (problemas no joelho e diabetes).

**Figura 16. Girlane e dona Odinéia<sup>54</sup>**



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2020

Ainda que algumas histórias familiares e pessoais da dona Odinéia não apareçam no áudio da entrevista oficial, Girlane afirma que todo o trabalho desenvolvido com sua avó lhe proporcionou conhecê-la melhor:

A experiência que eu tive com ela foi de poder conversar, ela poder me contar mais sobre a vida dela, porque todos os filhos dela são adultos, ela não conversa mais. Ela tem mais netas, mas também não conversam com ela, são mais velhas que eu, eu sou a mais nova. Aí eu peguei e fui começando a conversar com ela, conheci mais. Não sabia que ela tinha dado início...que ela foi técnica em enfermagem, que ela cuidava, que ela madrugava quando as meninas iam ter filhos. Aí ela me contou tudinho, mas ela é assim quando dá início não quer mais parar, aí é difícil (risos). Mas eu tive uma experiência boa dela assim que eu vou levar né...<sup>55</sup>

Segundo Girlane, toda experiência foi importante pois em suas palavras ela achava que ela (sua avó, Dona Odinéia) “era uma coisa, mas ela era outra”, e então numa provocação perguntei: “Mas isso foi bom ou foi ruim?”. E em resposta bem humorada, ela respondeu parafraseado a fala de sua avó durante a entrevista feita por ela: Não foi bom, foi ótimo! Pra mim foi bom conhecer porque em todas as escolas que passei, nunca teve isso”. Nesse momento do nosso diálogo, em que Girlane expôs isso, Karol pediu a palavra e prosseguiu:

Karol: A entrevista abre vários caminhos, como a Girlane falou né, conhecer melhor aquela pessoa. Quando ela chegou, ela pensou a avó dela de um modo diferente e conforme as perguntas que a gente fez pensando em obter resposta com aquelas perguntas, ela foi se abrindo, ela foi falando tanto como era, como é que ela vivia,

<sup>54</sup> Como a entrevista da Girlane com a dona Odinéia foi apenas registrado por áudio, após a entrevista ela encaminhou essa foto delas juntas para constar na dissertação.

<sup>55</sup> Fala da aluna Girlane em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

como era a rotina dela. Então, através da entrevista ela pôde conhecer melhor outro lado da avó dela que ela não sabia.

Girlane (continuando a fala da Karol): a dificuldade que ela tinha antigamente, nada disso eu sabia, como foi pra ela cuidar os filhos dela né, que ela teve filho muito nova aí ele teve que criar sozinho por que a mãe dela também não apoiava, um monte de coisas...<sup>56</sup>

A Karol, como já mencionamos, não realizou a entrevista, apenas ajudou na elaboração do roteiro, contudo suas colocações a respeito da sua experiência atual com as oficinas dialogaram com sua experiência anterior no projeto Memórias de Manaus. Desse modo, perguntamos a ela: você acha que se você tivesse feito as oficinas no trabalho passado, seria diferente? Ela respondeu:

Sim. Porque no primeiro ano quando a gente foi fazer a entrevista, a gente tava iniciando, então a gente não tinha mais ou menos uma ideia de como a gente ia fazer, do modo como a gente ia fazer. Por que a gente teve aulas curtas, aquilo era só...a gente não tinha mais ou menos uma base de como iniciaria, tinha as perguntas, já tinha elaborado as perguntas (se referindo ao roteiro da escola) e nesse caso aqui não, foi diferente, a gente pesquisou mais pra saber o que era história, memória, como a gente ia iniciar as perguntas pra ela, como seria as perguntas, pra gente entrar num diálogo e no decorrer ir encaixando as perguntas e respondendo né? Então na oficina a gente pôde perceber, como a gente pesquisou lá o que era história, o que era memória, como é que a gente ia usar alguns métodos pra que ela lembrasse como era antes pra poder nos contar. E antes não, a gente só chegava lá, como já tinha as perguntas, a gente só seguia o roteiro, fazia as perguntas e ele respondia e não era uma coisa bem detalhada que a gente já soubesse como a gente ia fazer, a gente fazia meio que na marra (risos), a gente chegava lá e já fazia, já falava com o senhor (se referindo ao idosos entrevistado). E agora não, a gente já tinha uma base de como chegar, e conversar. Como ela já era avó da Girlane, ela (a Girlane) já tinha, mais ou menos, uma intimidade com ela, acho que isso facilitou mais o trabalho.<sup>57</sup>

Assim como Karol, Girlane também teve sua experiência anterior em 2017, no início do projeto, e também contribui com sua fala sobre a mesma pergunta que foi feita a Karol. Em relação a essa pergunta, ela concorda com a Karol sobre o fato de ter um idoso entrevistado que seja mais próximo, como da família, é mais fácil para realizar o trabalho e continua:

Girlane: Se tivesse sido como a senhora explicou (se referindo as atividades da oficina), teria sido melhor por que já teria uma base do que a senhora explicou, dos papéis, da história que a senhora contou, eu acho que seria muito melhor por que no primeiro ano só chegavam e falavam que a gente tinha que adotar um idoso e que era valendo ponto. E assim, no meu ponto de vista, no primeiro ano não levaram muito a sério, só falaram assim “oh tem que adotar um idoso e vai valer ponto”, muita gente se interessou só por causa dos pontos e não por causa do idoso.<sup>58</sup>

Girlane em nossas conversas, sobretudo informais, durante nossos encontros pela escola, costumeiramente gostava de enfatizar a importância que essas conversas poderiam ter para os idosos que participavam do projeto e que uma das suas motivações era poder conhecer

<sup>56</sup> Diálogo entre Karol e Girlane em trecho da conversa registrada em vídeo. Vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019

<sup>57</sup> Fala da aluna Karol em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

<sup>58</sup> Fala da aluna Girlane em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

mais e melhor sua avó, e levantava a crítica a respeito do interesse apenas pela pontuação das notas e do modo como, no seu ponto de vista, a escola conduzia o projeto sem o diálogo que ela julgava necessário para a compreensão dos alunos sobre a importância e a seriedade do trabalho que seria feito. E, para além da importância/seriedade do projeto, Gírlane também explicita sua compreensão da importância dos nossos estudos nas oficinas. Aproveito e retomo aqui a fala de Giovanna, quando menciona que uma das suas motivações no projeto foi a possibilidade de ajudá-la com o Enem, acrescida de uma curiosidade pessoal de saber um pouco mais sobre as relações pessoais e afetivas do seu avô e de modo geral, para ressaltar como são diversas as percepções de nossos alunos sobre as atividades que nos propomos a trabalhar junto a eles.

Algo que foi unânime entre as alunas é que consideram que realizar a entrevista com uma pessoa próxima, da família, um fator que facilita o trabalho, ao contrário de Kevem que acredita que para ele, caso fizesse individualmente, seria mais difícil pois não tem muita intimidade com o avô e por considerá-lo meio mal-humorado. Contudo, fazendo em dupla, ele concorda que fazer com alguém da família do (a) seu/sua parceiro (a) é mais fácil por questão de intimidade, caso contrário, em suas palavras “acho que seria mais difícil, por que a gente teria que pegar intimidade, começar a ter conversa com pessoa, por que essa é a parte mais difícil”.

Giovanna também concorda afirmando: “a gente ia ter que pensar mais, eu fiz pergunta por que eu conheço um pouco meu avô”. Ao pensarmos nessa possibilidade do idoso entrevistado não ser alguém da família e se elas achavam que seria diferente o trabalho, em diálogo com Karol e Gírlane, elas fazem as seguintes falas:

Karol: acho que sim, professora. Primeiro porque...pelo fato de a gente ser um pouco tímida né. Aí, como eu vou começar a falar com ela né, aí depende, porque tem aquele idoso que vai logo na esportiva, conversando, mas tem aqueles idosos que não, ele é mais fechado. Mas aí é que tá, com a suas aulas que a gente teve, a gente também pôde ver que se ele for conversar contigo, tu vai conversar com ele, tu vai interagir com ele, mas se ele for mais fechado tu não vai deixar ele lá do lado e tu aqui, e fazer só aquelas perguntas, roboticamente, não, tu vai procurar fazer aquelas perguntas, fazer com ele se interesse a responder tuas perguntas, mas não só responder, tu vai fazer com ele se abra mais e tu converse com ele, não só sobre aquilo que tu quer saber, mas um pouco mais sobre a vida dele. Até por que a maioria dos idosos, como ela falou na questão da avó dela (se referindo a Gírlane), tem filho em casa, mas não é aquela mesma ligação, nem aquela conversa de chegar “ ah mãe vou conversar com é que foi” ou sentar pra conversar como é que era antes, entendeu? Nem...não se vê mais coisas assim. As pessoas chegam em casa, cansada, entra no quarto, vai pro outro, a gente já perdeu aquele hábito de sentar, conversar e não tem mais quase isso, quando quer conversar manda uma mensagem no celular e já era! Então, por isso que acho que os idosos vão ficando um pouco esquecidos, acho que o projeto ajuda bastante nessa questão também, Como ela (falando sobre a Gírlane) chegou com a avó dela, ela soube mais sobre a avó dela, a

avó dela teve a companhia dela, ela não ficou só, ela conversou com ela, falou sobre a vida dela, então acho que ajuda bastante.

Girlane (complementando a Karol): Tanto que, ela deve se abrir comigo por que ela deve se sentir muito só, por que na casa dela é só ela e uma neta dela, só que ela não fala com ela, elas não se relacionam muito bem. Aí os filhos dela tudo moram longe, só tem um que vai lá de vez em quando e eu acho que ela se sente só. Pra senhora ter noção, quase todo dia eu vou pra lá, eu moro na Praça 14, da Praça 14 eu vou me embora pro Boulevard, quase todo dia. Porque quando eu não vou ela diz que é por causa de namorado, disso e daquilo...ela fica imaginando que eu vou esquecer ela, eu acho que ela tem muito medo de que eu esqueça dela, já percebi isso. Um dia ela falou assim: “Ah no dia que tu se casar não vai esquecer de mim”. Tanto que quando eu iniciei esse projeto, eu pensei “acho que isso vai ser pra mim uma base pra conhecer como é ela, o que ela sente, o que ela não sente, por que acho que ela se sente muito só, assim por ter passado algumas coisas com as netas dela, que deram... a única que não deu trabalho fui eu, mas o resto...desde 10, 11 anos eu sempre morei com ela, mas agora moro em outra casa.”<sup>59</sup>

Em face dessas observações feitas por eles, percebemos como importante a metodologia adotada pelo projeto Memórias de Manaus de ir acontecendo durante do ano letivo de forma gradual, pois proporciona aos alunos que não tem a oportunidade ou que não desejam realizar o trabalho com alguém da família, para ter um tempo de adaptação e (re)conhecimento com a pessoa que pretendem realizar as entrevistas.

Retomando a questão das oficinas e da pergunta se elas teriam feito diferença aos alunos em suas experiências anteriores, Kevem, assim como Karol, não participou da entrevista dessa vez, somente da confecção do roteiro. Também deu sua opinião pensando em como teriam sido suas entrevistas caso tivesse participado das oficinas em 2017:

Eu acho que sim, mas antes, eu acho que eu não preciso muito da oficina pelo fato de eu já saber, meio que naturalizar as conversas né. Então eu acho que se tivesse as oficinas daria mais pra elaborar um caminho para as conversas. Só que tem diferença, é claro, parece que agora a gente tá mais preparado pra fazer as perguntas, só que antes eu acho que correu de forma bem natural por causa da minha equipe, ocorreu de forma bem natural mesmo, não foi essa coisa automática, mas com certeza né, não eram todos que ficavam assim, mas se tivesse pra todos ia ser melhor mesmo.<sup>60</sup>

Embora Kevem acredite que não necessita das oficinas para aprender a desenvolver uma conversa de forma “mais natural”, ele julga que a importância delas seria para apontar direcionamentos de como encaminhar as conversas. Essa fala sobre elaborar um caminho, apontar uma direção, foi recorrente. Para eles, é importante e fundamental, saber como iniciar as conversas, inclusive, uma das principais indicações/sugestões para possíveis próximas oficinas, é que, além de fornecer ferramentas para desenvolvê-las, também seria necessário ilustrar/mostrar como iniciar essas conversas, esses apontamentos abordaremos mais à frente no 4.3.

<sup>59</sup> Diálogo entre Karol e Girlane em trecho da conversa registrada em vídeo. Vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019

<sup>60</sup> Fala do aluno Kevem em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019

#### 4.2.1 O roteiro das duplas

Embora o tempo da oficina de entrevista tenha se revelado insuficiente para a finalização total da última atividade que incluía a revisão dos mesmos com ambas professoras ministrantes da oficina, ainda assim as duplas conseguiram formular seu roteiro durante a atividade, o que eles julgam como positivo, pois não teriam tempo para se encontrarem fora da escola para elaborá-lo. Cada dupla de trabalho realizou apenas uma entrevista pós-oficina, resultando em entrevistas curtas, pois como a sirene que sinaliza o fim das aulas do dia tocou, ele terminaram por não elaborar tantas perguntas, ficando em torno de 8 o número de perguntas feitas no roteiro.

As entrevistas (Anexo 7/ Anexo 8) foram tiradas do vídeo/áudio registrado pelas duplas. Uma questão interessante notada nesses registros, é que, tanto Girlane quanto Giovanna mencionam que uma das melhores coisas de realizar as entrevistas foi o fato de saberem mais coisas a respeito de seus avós, ou que eles falaram mais nesta entrevista que na entrevista anterior. Embora essas alegações apareçam em nossa conversa, elas não aparecem necessariamente no vídeo/áudio gravados, como por exemplo quando Girlane afirma que descobriu que sua avó havia sido técnica de enfermagem, que acompanhava meninas no parto, sobre as dificuldades de sua avó ao se tornar mãe “muito cedo”. São conversas, concluo, que se deram “extraoficialmente” podemos dizer assim, o que não é raro em de acontecer quando se trabalha com fontes orais.

Alessandro Portelli ao afirmar que a história oral é a arte da escuta, conta a história de uma das suas entrevistas quando investigava sobre o massacre das Fossas Ardeatinas. Um dos objetivos de sua entrevista, segundo ele, era “entender como os sobreviventes, especialmente as mulheres, haviam convivido com a perda e com as lembranças” (PORTELLI, 2016, p.11). Ao entrevistar a senhora Ada Pignotti, no entanto ele teve uma experiência acidental, em suas palavras, que mais tarde o fez atentar para outras questões em sua pesquisa. Sobre essa experiência ele relata:

Foi acidentalmente, no entanto, quando pensei que a entrevista havia acabado, que tropecei em uma das memórias mais dolorosas. [...]Felizmente, eu tinha deixado a fita rodando. Embora pensasse que a entrevista havia chegado ao fim, sabia que a arte da escuta envolve respeito – e não se demonstra respeito desligando o gravador, como que para anunciar ao entrevistado que daquele momento em diante você já não está interessado no que ele pode ter a dizer. Assim, o tema inesperado do assédio apareceu em minha pesquisa, e mais tarde eu pude encontrar confirmação em outras entrevistas. Ninguém havia falado sobre aquilo antes; as próprias viúvas quase não o tinham discutido entre elas mesmas. Era algo privado demais para ser discutido em público e, mais importante, até muito recentemente nem os historiadores nem as próprias mulheres estavam cientes de que isso também era história. A pressuposição era a de que o evento histórico era o massacre; os sobreviventes deveriam interessar somente enquanto suas testemunhas, e suas próprias vidas seriam relevantes. Além

disso, é claro, não se considerava que a história das mulheres e a história da sexualidade tinham significado histórico quando essas senhoras estudaram História na escola.” (PORTELLI, 2016, p.13)

Esse caso relatado por Portelli nos remete novamente a outra fala do autor em que ele diz que “o que há de mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho de história oral é que ele não termina com a entrevista”, e que no caso de nossos alunos, podemos fazer um adendo, com todo respeito, na fala do autor e dizer que a história oral não se inicia ou termina com a entrevista, existem muitas relações e aspectos da história oral que devem ser levados em conta quando fazemos esse trabalho, sobretudo no ensino básico. Existem relações de intimidade a serem cultivadas antes das entrevistas de fato acontecerem, até mesmo quando o entrevistado é da família, que os alunos demonstraram certa preocupação em obtê-la como fator importante para o sucesso dos seus trabalhos.

Além disso, também podemos pontuar as relações entre o público e o privado, aquilo que pode ou não ser dito de forma “oficial” em uma entrevista para um trabalho escolar ou por ser questões entendidas como “uma questão pessoal, sem interesse histórico” (PORTELLI, 2016, p. 15), nesse sentido, “as fontes orais, então nos ajudam a questionar as fronteiras que dividem o que diz respeito à História e o que não diz” ((PORTELLI, 2016, p. 15). Ainda que, neste momento, não seja o objeto da investigação, pois não se trata diretamente de um conteúdo relacionado a história da cidade, mas de relações vivenciadas nesta cidade e que podem se tornar debates importante para serem levados para a sala de aula.

Quanto a cidade e suas transformações, foram possíveis perceber na entrevista de seu Jaime (Anexo 7), principalmente, por meio de questões ligadas a espaços da cidade que também são lugares onde os alunos do Frei Silvío, de modo geral, tem acesso facilmente por estarem localizados no centro da cidade, mesma área onde está localizada a escola. Já na entrevista de dona Odinéia, a percebemos relatando sobre suas relações pessoais nesta cidade e as mudanças sociais percebidas por ela.

Seu Jaime tem 69 anos e é assistente administrativo aposentado do Porto de Manaus. Em sua entrevista foi perguntado sobre os pontos turísticos de Manaus, quais ele achava melhores e o porquê. Em sua resposta, mais que rapidamente, ele afirma que o melhor ponto turístico da cidade é porto de Manaus, popularmente conhecido como Roadway e a Praça da Saudade, lugares onde ele levava suas filhas para passear e os caracteriza como lugares importantes da cidade. É interessante que seu Jaime tenha lembrado do Roadway não apenas como seu lugar de trabalho, mas também de lazer. O artista plástico amazonense Moacir

Andrade, ao falar sobre os carregadores do porto em sua obra clássica *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*, de 1984, faz o seguinte relato em relação ao porto:

O cais do porto constituía para a mocidade daquela época um verdadeiro parque de devaneios, divertimentos, namoros, desfiles de elegâncias, onde regorgitavam os vendedores e balões coloridos, pipocas, pirulitos, puxa-puxas, doces, refrescos, cascalhos, bananas frita, filhós, pasteis e muitas outras guloseimas que despertavam apetite.

As chegadas e as saídas de navios de todos os tipos e tamanhos era uma festa deslumbrante para os olhos e para a imaginação de uma mocidade que não tinha outra opção que não fosse ir ao “roadway” às tardes, principalmente aos domingos nos meses de verão, quando todo o trapiche ficava cheios de moças e rapazes, trocando olhares, sorrisos e promessas. (ANDRADE, 1985, p.114)

É importante que o roadway tenha surgido nas falas de seu Jaime, pois abordar este assunto em sala de aula traz a história da cidade e suas transformações por meio de diversas lentes. Podemos pensar no trabalho e nos trabalhadores que estavam no porto e ao seu redor, nos lugares de lazer destinados ao habitantes da cidade, na própria história do porto, cujo o nome pelo qual é popularmente conhecido também advém de sua origem por ter sido construído por uma companhia inglesa nas primeiras décadas do século XX. Outra característica importante do porto a ser debatida em sala de aula, diz respeito a tecnologia, pois sua ponte acompanhava a cheia e a seca do rio, sendo motivo de orgulho e sinal da modernidade na cidade, como podemos ver no relatório do engenheiro Olympio Leite para *Dicionário Histórico e Etnographico do Brasil para o Centenário da Independência*:

“O Serviço de embarque e desembarque de passageiros, é excelente. Os vapores de qualquer calado atracam ao grande caes fluctuante, onde os passageiros desembarcam com suas bagagens, seguindo pela ponte denominada Roadway, que dá acesso ao caes de alvenaria. Esta ponte é uma obra admirável, construída sobre uma fileira de cilindros fluctuantes estanques, divididos em secções ligadas por meio de dobradiças de aço de grande resistência. O lado de terra se acha ligado à superfície do caes de alvenaria e a outra extremidade ao caes fluctuante onde se acham montados grandes armazéns, de maneira que a ponte Roadway acompanha pelo lado do rio o acréscimo ou decréscimo das águas, nas grandes enchentes fica a ponte quase no nível do caes de alvenaria, ao passo que nas grandes vazantes do rio, se transforma em um perfeito plano inclinado. Pelo centro da ponte é feito o serviço rápido de carga e descarga das mercadorias conduzidas pelos vapores de grande e pequena cabotagem”.<sup>61</sup>

Além do roadway, a Praça da Saudade (antigo Largo da Saudade, Praça Washington Luís e Praça 5 de Setembro<sup>62</sup>) também era um dos poucos locais da cidade destinados ao lazer em família, foi inaugurada, segundo Otoni Mesquita (2006) em 1865. Diferente do roadway que fica um pouco mais distante da escola, a Praça da Saudade fica localizada bem próxima da instituição e, embora atualmente já não seja um ponto turístico tão frequentando por

<sup>61</sup> Informação retirada do site oficial do Porto de Manaus: <https://www.portodemanaus.com.br/?pagina=historia>. Em 10/08/2020.

<sup>62</sup> Informação retirada do site do IBGE: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=442535&view=detalhes>. Em: 10/08/2020.

famílias em busca de lazer, acabou se tornando ponto de encontro de estudantes das escolas localizadas no centro e suas imediações nos horários de saída das aulas. Esse vínculo dos alunos com esses espaços, também é algo que deve ser encarado como um ponto positivo, não apenas como estímulo ao conhecimento de uma história oficial, mas também para levantarmos questionamentos a respeito da história (ou das histórias) que foram “enterradas” por essas obras de urbanização e modernização da cidade, sobretudo as histórias indígenas e negras que foram apagadas nesse processo. Um exemplo disso também faz alusão ao seu nome mais popular, Praça da Saudade, que segundo Otoni Mesquita (2006), num texto promocional produzido na administração do prefeito Manoel Ribeiro, em 1986, destaca-se “ a hipótese de que fora em decorrência de sua localização, próxima ao cemitério São José, cujo espaço atualmente é ocupado pelo Atlético Rio Negro Clube” (MESQUITA, 2006, p.288).

A própria sede do Atlético Rio Negro Clube, inaugurada em 1942, também foi um dos espaços citados por seu Jaime em sua entrevista, como um espaço de divertimento, um dos lugares frequentados por ele, com festas que, em suas palavras, “eram muito animadas na época, fim de semana, sexta, sábado, domingo”, e conserva até os dias atuais a característica de sediar festas na cidade. O Atlético Rio Negro Clube é um clube social e esportivo amazonense, fundado em 1913, cuja importância é inegável para a história esportiva do Amazonas.

A sede do clube, mencionada por Seu Jaime, também tem uma história estreita com a Praça da Saudade, uma vez que o terreno reivindicado para sua construção havia sido o terreno no qual a praça foi construída<sup>63</sup>. É incrível perceber como essas histórias da cidade se cruzam com a história dos alunos e dos lugares que eles têm acesso, no centro de Manaus, numa trama profundamente potente para um ensino de história escolar que seja significativo para todos, não apenas para o alunos, mas para professores que também tem suas vidas enredadas nessa trama. Nesse sentido, Clarícia Otto (2012, p. 80) afirma que “saber história não se resume a tão somente saber o conteúdo, trata-se antes, de atribuir-lhe um sentido. Esse tipo de aprendizagem em história implica em ir além da memorização, requer uma relação com as experiências e com o cotidiano dos estudantes”, ressaltando que o conteúdo é importante, mas como diz a autora “é meio e não um fim em si mesmo”.

Além do Atlético Rio Negro, seu Jaime também menciona o Olímpico Clube, fundado em 1938, que também é um clube esportivo amazonense que tem uma trajetória

---

<sup>63</sup> Informações retiradas do site: <https://portalamazonia.com/historias-da-amazonia/athletico-rio-negro-clube-o-apogeu-de-uma-epoca>. Em 10/08/2020.

relevante na cidade, não apenas no quesito esportes, mas também fazendo parte da história dos festejos de carnaval com o tradicional Baile da chegada da Kamélia<sup>64</sup>. O baile acontece há 79 anos, e marca o início do carnaval em Manaus desde a década de 50 e em 2015 a Kamélia foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Amazonas<sup>65</sup>.

Esses bailes, festas, e até mesmo os cinemas, vivenciados na cidade e tidos como lazer para o seu Jaime, não passaram de vontades para dona Odinéia, que em sua entrevista (Anexo 8) enfatiza que em sua juventude tinha vontade de se divertir, dançar quadrilha, ir pra uma festinha para dançar, porém lamenta nunca ter tido essa liberdade. Essas diferentes vivencias da cidade podem se dar por diversos motivos e certamente, um deles, se deve ao fato que estamos falando de uma mulher jovem em meados da década de 50/60, e essas diferentes percepções, embora não fale diretamente da cidade, mas de experiências pessoais que foram vivenciadas nesta cidade, também são igualmente valiosas quando trabalhamos com história oral. Nesse tocante Alessandro Portelli (2016, p.16) firma que:

A fronteira móvel e esquiva entre a História e as histórias é uma das relações que torna a história oral significativa. Em última instância, a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e ao impacto pessoal das questões históricas, por outro.

E é nessa relação entre a História e as histórias que a entrevista de dona Odinéia se desenrola, é por meio das suas percepções sobre as mudanças ocorridas, ora em Manaus, ora em suas relações sociais no decorrer do tempo, que podemos dialogar com nossos alunos sobre as temporalidades. Sobre isso, podemos tomar como exemplo, quando ela associa a sua idade a uma época ao dizer “sou da idade que a gente andava de bonde”, ou quando fala que “antigamente um adolescente não podia perguntar certas coisas por idosos que era considerado desrespeitoso”.

O bonde mencionado por dona Odinéia, funcionou até o ano de 1957, o início do seu funcionamento em Manaus data de 24 de fevereiro de 1896 e:

Em 1897, conforme relatório do governador Fileto Pires Ferreira, a companhia já construíra 16 km de linhas, possuindo 25 bondes para carga e dez para passageiros, tendo transportado 171.783 pessoas. O preço da passagem era de 250 réis. Para a movimentação dos bondes, que funcionavam das 5 h às 22 h, foi instalada uma usina hidrelétrica em um dos igarapés da cidade. (STIEL, 1984, p. 195)

A instalação de um serviço de transporte público, com bonde elétrico, é reflexo de um período de intensas transformações urbanas na cidade advindas da exploração comercial do látex nas últimas décadas do século XIX e início do XX, sendo propiciada, inclusive, pelo

<sup>64</sup> Informações retiradas do site: <https://www.alternativasports.com/site/olympico-club-80-anos-de-historia/>. Em 10/08/2020.

<sup>65</sup> Informações retiradas do site: <http://www.manaus.am.gov.br/noticia/kamelia-carnaval-2019-em-manaus/>. Em 10/08/2020.

serviço de iluminação pública por meio da eletricidade que havia chegado na cidade no mesmo período. Embora haja uma certa imprecisão nas datas a respeito da chegada da luz elétrica (alguns dizem que Manaus foi a primeira cidade do país a receber luz elétrica e outros dizem que foi a segunda), o fato é que todas essas transformações, que acentuaram-se sobretudo a partir da década de 1890, são uma tentativa por parte do poder público de se alinhar as grandes metrópoles, exemplos de modernidade, e atrair novos investidores na região (MESQUITA, 2009). E, assim, de forma abrupta, a Manaus dos naturalistas vai se transformando “na Paris dos Trópicos, Capital da Borracha, cidade moderna e elegante, na “cidade do fausto”.” (DIAS, 2007, p.27)

É importante atentar que ao debatermos esse tema em sala de aula, é imprescindível problematizarmos que, embora exista um esforço por parte de uma memória oficial de exaltar de forma nostálgica todas essas transformações, essa “prosperidade” não fazia parte do cotidiano da maioria das pessoas, ficando restrito a um pequeno nicho da população. Em sua obra intitulada “A ilusão do fausto”, Edineia Mascarenhas Dias (2007, p.118-119) faz um debate valoroso em relação a este assunto e a autora afirma:

Para alguns observadores, o desenvolvimento e o progresso da cidade foram acompanhados de um quadro muito grande de miséria. Essas observações, muitas vezes, são publicadas nos jornais locais, que registram as marcantes contradições sociais existentes na cidade, que, nos discursos dos grupos dominantes, aparece como farta, pacífica, harmoniosa e sem os grandes males que afetam outras cidades. Fica evidente que a imagem da cidade oferecida ao mundo foi captada na exata proporção de suas finalidades, ou seja, informar ao mundo as grandes potencialidades da região, as oportunidades de investimentos e o desejo de mostrar a capacidade de acompanhar o mesmo ritmo de progresso e prosperidade de outros centros. Entretanto, para os observadores “in loco”, o quadro geral da cidade real é chocante [...]. O espaço urbano pensado, idealizado e organizado para se fazer conhecer, impressionar e atrair os investidores estrangeiros, ao mesmo tempo que projeta para o mundo prosperidade e civilização, dentro da visão burguesa de uma cidade ideal, cria também as próprias contradições.

A cidade passou então a atrair muitas pessoas vindos de diversos lugares do país e do mundo, contudo, como evidencia Dias (2007, p.119), nem todos “tendo as mesmas condições de sobrevivência daqueles que vão usufruir a vida de “fausto” que a borracha propicia”, aos montes pela cidade, a pobreza então passou a incomodar a elite local, pois esta atrapalhava o “embelezamento” da cidade. Desse modo, criou-se uma série de estratégias políticas que afastava cada vez mais do centro urbano a população pobre, marginalizada e “tudo que significasse ameaça à imagem de uma cidade civilizada, impossibilitando os possíveis investimentos de capitais e o desenvolvimento do trabalho, passa ser objeto de preocupação, por parte de setores dominantes” (DIAS, 2007, p. 120), empurrando, dessa forma, trabalhadores para os arredores da cidade, cada vez mais longe de seus lugares de trabalho.

Aos trabalhadores são destinadas as áreas mais desvalorizadas e distantes. A área urbana amplia-se com a criação de novos bairros, segregando a pobreza, pois a maioria deles, além de distantes, eram separados do centro por igarapés, sendo o meio de transporte realizado por muitas catraias, muitas vezes serviço de péssimo atendimento.” (DIAS, 2007, p.124)

Desse modo, com o intuito de afastar a pobreza dos olhos da elite local, foram surgindo diversos bairros, próximos ao centro de Manaus, nos quais muitos desse alunos moram atualmente e esses idosos também, inclusive dona Odinéia que é moradora do bairro Praça 14, considerado berço do samba na cidade e onde tem o segundo quilombo urbano do Brasil considerado desde 2015 como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Amazonas<sup>66</sup>.

Dona Odinéia, também trouxe em sua fala outra questão com a qual dialogamos neste trabalho, e que faz parte dos trabalhos com história oral, ao responder à pergunta de Girlane sobre gostar da convivência com seus filhos, netos, sobrinhos e amigos ela diz: “Gosto, gosto muito. Com eles eu também tenho muito a aprender, coisas que eu não tive na minha infância, na minha adolescência, hoje eu to vendo nos adolescentes de hoje, nos netos que conversam já sabem até mais do que eu...”. Sua fala traz muito do que é a envelhecimento, como nos coloca Scuro (2012), no seu aprendizado contínuo, ainda que seja com pessoas que viveram muito menos do que ela, e também nos traz muito sobre o que é este trabalho com a história oral e as entrevistas realizadas pelos alunos, afinal de contas, em uma entrevista, os “pontos em comum fazem com que a comunicação seja possível, mas é a diferença que a torna significativa” (PORTELLI, 2016, p.14). Desse modo, não podemos considerar uma única posição de “ensinante” ou aprendente, todos estamos continuamente ensinando algo e aprendendo também, e, partindo desta perspectiva, o próximo subtítulo nos traz apontamentos dos participantes do trabalho para o melhoramento das oficinas.

#### 4.3 NOSSOS APONTAMENTOS: POSSIBILIDADES PARA OUTRAS EXPERIÊNCIAS

No percurso de nossas oficinas, houve muitos imprevistos, e muitos caminhos antes já traçados tiveram que ser refeitos, adaptados as novas situações/condições etc. Como já mencionamos, o nosso momento de partilha de experiências envolveu vários aspectos que julgamos valiosos para o aprimoramento constante de nossas práticas, docentes e discentes. Desse modo, neste momento do nosso diálogo iniciamos abordando questões que, como docentes, sentimos falta nas oficinas e posteriormente todos foram fazendo seus apontamentos sobre o assunto.

---

<sup>66</sup> Reportagem sobre o Quilombo de São Benedito: <https://g1.globo.com/am/amazonas/manaus-de-todas-as-cores/2017/noticia/luta-e-superacao-marcam-historia-do-quilombo-de-sao-benedito-em-manauis.ghtml>. Acessado em 13/08/2020.

Uma das questões que mais nos incomodaram foi a ausência de recursos audiovisuais nas oficinas, pois entendemos que é necessário levar outras ferramentas para dinamização das aulas e não apenas para os alunos, mas também para professores. Então, no meio do diálogo em que estávamos falando sobre esse assunto e sobre os vídeos que haviam sido selecionados para nos auxiliarem, os interpelamos sobre a ausência desses recursos nas oficinas, e sobre o que eles achavam sobre isso ou se sentiram falta. Uma questão interessante a respeito apareceu na fala da Karol, ela diz que com o recurso “seria muito melhor, por que ainda que você consiga aprender lendo, é muito melhor quando você lê e visualiza aquilo que você está aprendendo” e compara essa situação em sala de aula a um tutorial: “é que nem tu ver um tutorial no youtube, tu só leu e não tá entendendo nada, mas se tu vir alguém fazer, tu vai pegando a prática facilmente”.

Em relação as atividades desenvolvidas nas oficinas, tanto Giovanna quanto Kevem sugeriram aumentar o tempo para executá-las, pois como havíamos um tempo restrito, eles acharam insuficientes 15 minutos apenas, o que é totalmente compreensível, pois também queríamos ter tido mais tempo para esmiuçá-las melhor. Ao perguntar sobre o número de aulas que eles achavam que daria tempo para fazer os exercícios com mais tranquilidade, eles afirmaram que um tempo de aula apenas não daria para fazer, precisaria ao menos dois tempos apenas para as atividades.

Giovanna então, voltando ao assunto, diz que nas oficinas não faltaram apenas recursos visuais, mas interesse dos próprios alunos (se referindo aos alunos que não quiseram participar das oficinas), e então desencadeia o seguinte comentário de Kevem: “tem que ser empate na aula né, um lado tem que querer dar aula e o outro tem que ouvir né, mas muitas vezes os alunos acabam ignorando, mesmo que as vezes a aula seja, pô, legal pra caramba, o aluno não quer aprender”. Aqui ainda em relação ao interesse (ou a falta dele) dos alunos e sobre o que é ou não atrativo a um aluno nas aulas, segue um diálogo curioso entre Kevem e Giovanna, onde externalizam suas opiniões discordantes sobre o assunto, Kevem afirma que “esse trabalho não é muito alegre, legal e por isso o desinteresse dos alunos” e contrapõe como exemplo de atividades “alegres” ir para a quadra na aula de educação física, que segundo ele, todos gostam. Porém, mais do que depressa Giovanna se posiciona afirmando que ela não gosta de ir e que prefere ficar em sala, realizando atividades como leitura.

As contradições na fala de Kevem ao justificar o desinteresse dos alunos pelo trabalho pois o mesmo não é “alegre” ao passo que também afirma que ainda que as aulas sejam interessantes muitas vezes o “aluno não quer aprender”, somada as discordâncias entre ele e

Giovanna, sobre o que pode ou não ser considerado atrativo nas atividades escolares. Nos faz perceber, que ainda que nossos alunos não estejam totalmente dedicados e abertos, em nosso entendimento, em relação às nossas atividades, metodologias, conteúdos, diálogos, ninguém passa ileso a uma sala de aula, nem alunos, nem professores, todos saem, em alguma medida, atingidos pelas nossas vivências no espaço escolar.

Retomando os apontamentos feito por eles, assim como Karol, Giovanna e Gírlane fizeram as observações referentes a demonstração em vídeos de como se faz uma entrevista, ainda que tenhamos discutido as ferramentas para realiza-las, elas se sentiriam falta de uma exibição de uma entrevista real, sendo sugestão da Giovanna, inclusive levar para as oficinas os vídeos das entrevistas feitas pelos outros alunos que participaram do projeto Memórias de Manaus anteriormente. Gírlane para justificar essa sugestão, citou o exemplo de como foi na primeira vez das suas entrevistas com dona Odinéia, e que como ela nunca havia feito algo parecido com sua avó, ela ficou meio sem graça de falar, que por isso ela acha que “os vídeos demonstrando seriam melhores” para auxiliarem, sobretudo, para a primeira entrevista.

Ainda sobre esse tema, a Karol citou o exemplo da atividade da Feira de Matemática onde eles tinham que elaborar jogos para um demonstração prática da matemática, e afirmou que nessa atividade ela pôde perceber, usando suas palavras, a “dificuldade que o aluno tem em aprender em só chegar na sala de aula e ver o professor escrever no quadro e não conseguir entender o que o professor está falando”, porém esses jogos usavam materiais como sementes de frutos da região, pois o jogo também tinha o objetivo de conhecer mais sobre Manaus, aí ela abre um parêntese em sua fala: “por que a gente tá aqui, mas não sabe praticamente nada dos municípios”. Aí ela continua falando sobre a atividade de matemática, que nela era necessário “demonstrar, representar” a questão, e ela pôde perceber como era “tão fácil” e ela não conseguia perceber, e ela diz: “é aquele bloqueio que a gente tem na mente da gente de só ler e não entender e na prática é possível perceber que nem sempre as coisas são como a gente pensa”. Na opinião dela:

Quanto mais recurso a pessoa tem pra fazer aquela aula, mais o aluno se entrosa com o professor, ele interage, ele aprende. Ele não relaxa que vai só escrever e não entender nada, tanto pro professor quanto pro aluno. O professor, pela facilidade que ele vai ter, pela atenção, que é o principal, que ele vai conseguir daquele aluno pra ele (o aluno) entender o que ele (o professor), realmente quer passar, por que o professor vai conseguir.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> Fala da aluna Karol em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

Usando as palavras da Karol, quando ela menciona que “nem sempre é como a gente pensa”, eu perguntei se em relação ao trabalho com o projeto, as oficinas também a ajudaram a pensar assim e ela respondeu:

Sim, por que quando a senhora chegou aqui e falou “a gente vai fazer o projeto de novo”, a gente pensou “como é que gente vai fazer?”. Aí a senhora chegou e mostrou, conversou, trouxe como recurso os papéis que a senhora deu pra gente ler e entender o que era, claro que não foi do jeito que a senhora gostaria, mas como o seu modo de explicar a gente entendeu aquilo de uma forma diferente, como eu falei, a senhora conseguiu nossa atenção pra entender o que a senhora queria passar com o seu trabalho, que é isso que falta, na maioria das vezes para os professores. Com o recurso que a senhora trouxe a senhora ajudou a gente a entender melhor e a sua explicação também ajudou bastante, fez a gente compreender o que a senhora queria.<sup>68</sup>

A importância da prática para uma melhor compreensão dos conteúdos em sala de aula também esteve presente no relato da professora Larissa Sarmiento, ao refletir sobre as oficinas ela diz:

O processo de pensar as oficinas foi muito enriquecedor, pois, como professora da disciplina de Língua Portuguesa, pensar na interdisciplinaridade com a disciplina de História era pensar na literatura e no contexto histórico, apenas. Porém, a ideia era relacionar essas duas matérias para a geração de uma entrevista que tratasse da história de pessoas velhas e a cidade de Manaus. Assim, essa relação já começou positiva ao me enriquecer e mudar meu olhar sobre a disciplina.

Depois, é importante salientar o olhar em que o tema oralidade foi tratado, sido por um viés acadêmico e cultural, aproximando a mim e aos alunos da temática. Lembro bem do dia da primeira oficina e como pareceu que o tempo foi curto, pois trocamos ideias, emocionamo-nos, rimos e aprendemos sobre o termo “velho”, sobre a importância da oralidade para a ciência e para o entendimento de cidade, das nossas histórias.

A forma como as oficinas foram pensadas também foi algo muito positivo, já que os alunos prepararam um material para a entrevista sem mesmo a oficina sobre esse gênero; conversaram com seus idosos; houve a oficina sobre os tipos de entrevista e como produzi-la; prepararam um novo material baseado na aula e retornaram aos seus velhos. Dessa forma, é possível observar dois pontos muito importantes: o primeiro, os alunos viram um gênero textual de fato tomar vida, por assim dizer, ao passo em que esse texto foi pensado para um público-alvo real, chegando até ele, saindo da relação aluno-professor; o segundo ponto é que nessa organização das oficinas o próprio aluno consegue enxergar o que faltou no texto anterior, quais as funções e finalidades de cada elemento do gênero textual estudado, observando onde pode fazer as adaptações e melhorá-las.<sup>69</sup>

Pegando “carona” na fala da professora Larissa, ao mencionar que um dos pontos positivos das oficinas é que existe a possibilidade de autoaprimoramento dos alunos e de suas práticas a partir do seu olhar crítico, ou nas palavras de Paulo Freire, passando da curiosidade ingênua a epistemológica, por que agora fornecemos e construímos subsídios para tal. É importante mencionar que não apenas as oficinas nos proporcionam esta reflexão, mas o partilhar entre nós das nossas experiências também é um exercício reflexivo, pois ao

<sup>68</sup> Fala da aluna Karol em vídeo gravado em Manaus em 04 dezembro de 2019.

<sup>69</sup> Larissa Sarmiento. Professora da E.E. Frei Silvio Vagheggi. Depoimento escrito enviado por e-mail em 01 de julho de 2020.

verbalizar nossos pensamentos, em muitas das vezes, é que nos damos conta de coisas que antes nos passaram despercebidas. Por isso, a importância desse momento de ouvir/partilhar sobre nossas experiências coletivamente, não apenas para discentes, mas docentes também, pois são nesses momentos que nossas experiências se cruzam e podemos perceber que o alcance das nossas ações teóricas/práticas em sala de aula. Como é possível perceber na fala da professora Larissa:

Por fim, acredito que, assim como ocorreu comigo, os alunos guardaram informações para além de conteúdo acadêmico, como estudar sobre oralidade, ver na prática como se dá a produção e execução do gênero textual entrevista, além de um olhar diferente sobre essas duas disciplinas e sobre o ensino escolar; mais também afetivo, ao se aproximarem de seus avós ou vizinhos, por exemplo.<sup>70</sup>

Na fala dos alunos em geral emergiu algo que já se discutia antes, mas que após viver as experiências da pandemia em nossas escolas, foi evidenciado. Uma avalanche de memes, vídeos engraçados, críticas e debates sérios na internet, onde enfatizam a importância do papel do professor no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e em como é valioso que isso seja feito com afeto, sobretudo em tempos sensíveis como o que estamos vivendo atualmente em 2020. Mesmo que se tenha frisado o diferencial em se utilizar recursos e ferramentas em sala aula, também foi enfatizado como a figura do professor é fundamental ao pensarmos em uma prática educativa que seja sadia e cheia de significados. Pelas contribuições dos nossos alunos, já podemos perceber que eles também estão mais que preparados para nos auxiliarem a trilhar caminhos que sejam de aprendizados recíprocos.

---

<sup>70</sup> Larissa Sarmento. Professora da E.E. Frei Silvio Vagheggi. Depoimento escrito enviado por e-mail em 01 de julho de 2020.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante relembrar, que este estudo nasceu de um incômodo, do ponto de vista docente, a respeito de uma prática já existente na escola Frei Silvío, na qual se detectou uma carência em relação a uma das etapas de investigação do projeto Memórias de Manaus, que é a realização das entrevistas. Embora houvesse um momento de assessoria histórica para auxiliar os alunos, como foi explicitado no item 2.3.1.1.1, o tempo destinado a ela e a metodologia utilizada, se mostraram insuficientes para que os alunos se aprofundassem em questões e conceitos importantes para a realização de entrevista. Em vista disso, buscamos, por meio dessa proposta de contribuição da disciplina de História, construir e solidificar, por meio de um estudo teórico-metodológico, um caminho para superamos essa dificuldade, o que se materializou em forma de oficinas

Para tanto, retomo que em nosso estudo foi fundamental o aprofundamento na história da escola e do projeto Memórias de Manaus – tema abordado no primeiro capítulo desta dissertação – desde sua origem com o projeto Meu Velho Amigo, para compreendermos quais as suas especificidades e potencialidades para que pudéssemos, enfim, construir e pôr em prática nossas oficinas. Foi importante termos demarcados de onde nossas observações partiram para que nossas escolhas no decorrer do caminho fossem melhor entendidas.

Após investigação do projeto, nos propusemos então a construir e pôr em prática nossas oficinas. Todo o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, junto com seus contratempos e soluções encontradas, foram explicitados no segundo capítulo. Desta etapa, destaco como fundamental o tempo que tivemos junto aos alunos para desenvolvermos as oficinas, aprofundarmos o estudo dos conceitos de História Oral e Memória, assim como de entrevista - sempre apoiados em autores estudiosos do tema - e, mais que isso, concretizarmos uma metodologia que potencializa a parceria entre teoria e prática. O tempo dedicado a reflexão de nossas próprias práticas (individuais e coletivas) no ambiente escolar tanto de professores como de alunos, ainda que seja dificultoso de articular dentro da escola, é fundamental para que encontremos caminhos outros no processo de ensino-aprendizagem, portanto, dentro da autonomia que nos resta em nosso cotidiano escolar, devemos constantemente buscar construir espaços em que essas reflexões possam acontecer.

Apesar de o tempo ter se mostrado curto na oficina de entrevista, para que pudéssemos finalizar com conforto nossas atividades, foi possível perceber, com a partilha de experiências dos alunos, a capacidade deles em construir um roteiro que pôde ser utilizado nas suas entrevistas. Assim como os roteiros, também identificamos, nos diálogos com os alunos, que

as oficinas auxiliaram em suas práticas proporcionando um sentimento de “segurança” nas atividades, atenção com os cuidados éticos ao realizarem as entrevistas e, sobretudo, de orientação para fazerem uma entrevista melhor ou até mesmo quando se deparavam com alguma situação que, antes da oficina, não sabiam como lidar. Deste modo, entendemos que nossa contribuição - à escola, ao projeto e ao ensino de história - seja apresentando um caminho, não o único, de contribuição do componente curricular, ampliando desta forma as possibilidades de ensino-aprendizagem da disciplina de história em contexto escolar.

Como foi possível perceber no segundo capítulo, no percurso do nosso trabalho houve muitos contratempos, contudo, também houve muitos aprendizados. Tão importante quanto o momento das nossas oficinas, foi o nosso momento de partilha, sem o qual este trabalho estaria incompleto. Não podemos negar que estávamos ansiosas e até com certo receio do momento da nossa troca de experiências, pois havia um temor de não ter conseguido alcançar de nenhum jeito nossos alunos.

Quando os alunos iniciaram suas partilhas, contando suas experiências com as entrevistas e mencionando que quando tiveram algum obstáculo, lembraram das oficinas, deu até um certo alívio, pois claro que muitas coisas poderiam ter sido melhores, sempre podem ser melhores. No entanto, acreditamos que o fato de termos conseguido atingir, mesmo que minimamente, cada aluno em suas práticas (que neste caso, além das práticas de pesquisas ainda haviam relações pessoais e afetivas envolvidas) é algo que pode e deve ser comemorado entre nós professores, não para envaidecimento pessoal, mas para que mantenhamos acesa nossas esperanças na educação, principalmente em tempos de perseguição explícita à nossa categoria.

Não podemos deixar de registrar as trocas de experiência fascinantes que esse projeto proporcionou entre gerações de tempos tão diferentes, e aqui rememoramos também não apenas as experiências atuais, mas também as passadas, pois foram elas que nos motivaram a construir esta pesquisa, como as conversas, aniversários comemorados com os idosos, as cestas de natal, as fotos da cidade “antiga” e tantas outras experiências que nunca seremos capazes de alcançar plenamente.

Foi importante olhar com carinho para a trajetória única dessa comunidade escolar da qual fiz parte por cinco anos, e aqui deixo registrado a importância da existência e da permanência de um Programa de Pós-Graduação como o Profhistória que me proporcionou a possibilidade de me ressignificar, reavaliar e reinventar enquanto professora da rede pública de ensino nesses 10 anos de profissão completados em 2020.

Sabemos que a tentativa de tocar um projeto em espaços escolares, é trabalhoso e demanda muito tempo, organização e dedicação em equipe, além de espaço físico e recursos materiais, o que já o torna um pouco mais complicado de ser colocado em prática em qualquer escola, pois nem todas tem acesso a determinados subsídios necessários para o seu andamento, o que pôde ser percebido em nosso caso. Ainda assim, mais do que relatar nossos empecilhos, é preciso acentuar nossos êxitos e propor caminhos outros que superem nossas dificuldades.

Nesse quesito, encontramos na história oral e em toda a sua riqueza de possibilidades concernentes ao campo, o diálogo que buscávamos com diferentes áreas de conhecimento e espaços de aprendizado. Por meio dela também tivemos nossas percepções aprimoradas para diferentes experiências sociais que, no espaço escolar, nos permite não apenas teorizar a respeito de interdisciplinaridade, mas vivenciá-la, trazê-la para vida prática de modo que o indivíduo possa então pensar, refletir, interferir e se orientar sobre o mundo no qual está inserido e sentir-se parte dele. Uma das grandes contribuições da disciplina de História para este projeto escolar, talvez, tenha sido exatamente o de sentir-se parte da cidade, dos espaços que frequentamos ou pelos quais simplesmente passamos, das histórias que ouvimos, contamos, vivenciamos, ou seja, o estímulo a essa noção de pertencimento que a História nos proporciona.

A história oral no ensino básico e a intimidade com a pesquisa decorrente da sua presença enquanto prática pedagógica nas salas de aula nos oportuniza trazer diálogos, comuns na academia, para dentro da escola que em outro contexto dificilmente teríamos oportunidade. É significativo, no contexto manauara, para uma escola, a escolha por trabalhar com um projeto/pesquisa que atue com história local, com/em espaços de aprendizado não-formais, num contexto onde a disciplina é constantemente ameaçada pelas políticas atuais de educação.

Ainda que nos entristeça o fato do projeto não ter sido executado no ano de 2018 e 2019, acreditamos que mesmo com todos os percalços da educação pública, ainda é possível por meio das *grietas* do sistema construir em nossos cotidianos práticas educativas insurgentes mediante nossas práticas pedagógicas cotidianas em sala de aula. A escolha de valorizar e desenvolver projetos na escola, com seriedade, não é apenas agir nas *grietas*, mas também abrir novas *grietas* para que nossas, aprendizagens, desaprendizagens e reaprendizagens, como menciona Walsh (2013), possam acontecer. Selva Guimarães faz uma observação pertinente sobre nossas escolhas, enquanto docentes, no espaço escolar:

Os professores têm alguma autonomia ante as demandas do Estado, da sociedade e dos meios de comunicação; assim, podem questionar, criticar, subverter os saberes e as práticas no cotidiano escolar. Perpassando os currículos prescritos e os vividos nas aulas de História há diversas mediações entre os sujeitos (alunos e professores), saberes de diferentes fontes (livros didáticos, fontes de época, imprensa, textos, filmes, literatura e outros), práticas institucionais, burocráticas e comunitárias em contextos muito diferenciados. (FONSECA, 2010, p.29-30)

Desse modo, embora a educação do país e o ensino de história sofram ataques violentos que ameaçam sua existência, agora mais do que nunca não podemos perder de vista que precisamos cotidianamente criar “expresiones pedagógicas de resistencia, insurgencia y rebeldía[...] a la vez que encaminan esperanzas, horizontes y proyectos “otros” (WALSH, 2013, p.32). Desta maneira, mais uma vez, me permitindo ouvir e acolher os incentivos dos meus pares que vieram antes de mim, e que perceberam nossa força enquanto educadores, que fui impulsionada a ressignificar minhas práticas em sala de aula, antes já meio cansadas das atribuições do caminho. Assim sendo, acreditamos que com este trabalho, viabilizado pelo Profhistória, ajudamos a construir um pedacinho do caminho rumo a práticas educativas que sejam significativas e potentes para professoras (es) e alunas (os).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcelo. História local e ensino de história: interrogação da memória e pesquisa como princípio educativo. In: GABRIEL, Carmem; MONTEIRO, Ana Maria; BOMFIM, Marcus. (Org.). **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de história**. 1ªed. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 51-79, 2016.
- ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Oraís**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: **XXII Simpósio Nacional de História**. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1346.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1346.pdf).
- ALBUQUERQUER JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Humberto Calderaro, 1985.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto: Manaus (1890-1920)**. 2.Ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- DUARTE, Durango. **Manaus: entre o passado e o presente**. 1º. Ed. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009.
- FIGUEIREDO NETO, E. M.; CORRENTE, J. E. Qualidade de vida dos idosos de Manaus segundo a escala de Flanagan. In: **Rev. bras. geriatr. gerontol.** Vol.21, n.4. Rio de Janeiro: jul./ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562018021.180013>
- FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **Revista História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.-jun. 2006.
- FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. 31º Reimpressão. Ilustrado por Julie Vivas; Tradução: Gilda Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1995.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo, Olho d'água. 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).  
<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2997/introducao-ao-genero-entrevista> (Acesso em 12 de novembro de 2019 às 08:38h).
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- MACEDO, Carolina; MÜLLER, Carolina; ALBERT, Silvia. Plano de aula: Introdução ao gênero entrevista. **Nova Escola**, 2018. Em:
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2011. (Princípios; 105). Disponível on-line em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-entrevista-cremilda-medina-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online>. Acessado em: 08/07/2020.
- MÉLLO, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.
- MENDES, Tania Maria Scuro. **Da adolescência à envelhecimento: convivência entre as gerações na atualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. **La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890-1900)**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura (1852-1910)**. 3.Ed. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

- MORI, K.R.G. **A solidariedade como prática curricular educativa**. 2013. Tese (Doutorado em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- NASCIMENTO FIGUEIREDO, Aguinaldo. **História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução de: OTTO, Clarícia. Memória e patrimônio no ensino da história local para os anos iniciais da educação básica. In: **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Anais eletrônicos, 2015, Florianópolis/ SC: ANPUH-SC. Anais eletrônicos, 2015.
- OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. 1º. ed. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.
- PAIM, Elison; PICOLLI, Vanessa. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. IN: **História & Ensino**. Londrina. V.13. p. 107-126. Set.2007.
- PAVIANI, N. M. S; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: Filosofia e Educação**, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.
- PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História e resistência: notas sobre uma história menor. **Revista @rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, vol. 5, n.10, jan-abr, 2017.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2 n. 3, 1989, p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias)
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. P. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.
- SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. **História oral na sala de aula**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Práticas Docentes)
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)
- SILVA, Marco Antonio; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. In: **Revista Brasileira de História**. v.30, nº60. São Paulo: 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a02v3060.pdf>.
- STIEL, Waldemar Corrêa. História do Transporte Urbano no Brasil: "Summa Tranviariae Brasilienses". **História dos bondes e trólebus e das cidades onde eles trafegaram**. São Paulo: Pini/EBTU. 1984.
- TEIXEIRA, Lislely Canola Treis. **Práticas da infância na memória de velhos: entre a tradição e a modernidade na cidade de Florianópolis (1930-1950)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. Revista História Oral, volume 5, p.9-28, 2002.
- THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasques (Coords.). **História Falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial de SP, 2006. p. 17-43
- VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.
- WALSH, Catherine. ¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya-Yala. 2017. En: Garcia Diniz, Alai., et. al. (orgs.). **Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização**. Pedro & João Editores: São Carlos-Brasil. Disponível em: <http://catherine-walsh.blogspot.com/2017/10/interculturalidad-y-decolonialidad.html>.
- Yara Aun Khoury. Revista Projeto História, São Paulo, 1993.

**Sites Consultados:**

AMAZONAS NOTÍCIAS. **Projeto desenvolvido com estudantes da rede pública desperta a importância da valorização da pessoa idosa.** Em: <https://amazonasnoticias.com.br/projeto-desenvolvido-com-estudantes-da-rede-publica-estadual-desperta-a-importancia-da-valorizacao-da-pessoa-idosa/>. Consultado em: 09/02/19

AMAZONAS. **Estudantes da rede pública estadual doam 120 cestas natalinas a idosos participantes do projeto Meu Velho Amigo.** Em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2013/11/estudantes-da-rede-publica-estadual-doam-120-cestas-natalinas-a-idosos-participantes-do-projeto-meu-velho-amigo/>. Consultado: 09/02/19

AMAZONAS. **Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino.** Escola da rede pública desenvolve projeto social Meu Velho Amigo beneficiando idosos de Manaus. <http://www.educacao.am.gov.br/2013/10/escola-da-rede-publica-desenvolve-o-projeto-social-meu-velho-amigo-beneficiando-idosos-de-manaus/>. Consultado em: 09/02/19

BRASIL. Ministério da Educação. **Selo Escola Solidária.** Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2692&catid=202](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2692&catid=202)

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Médio Inovador.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13439:ensino-medio-inovador>.

<Acessado em: 22/12/2018>

BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio- Perguntas e Respostas.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. <Acessado em: 22/12/2018>

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional para o fortalecimento do Ensino Médio.** Disponível em: <http://pactoensinomedio.mec.gov.br>. <Acessado em: 13/07/2018>

<http://www.amazonas.am.gov.br/2013/10/escola-da-rede-publica-desenvolve-o-projeto-social-meu-velho-amigo-e-beneficia-idosos-de-manaus/>. Consultado: 09/02/19

JORNAL A CRÍTICA. **Idosos Empoderados em Manaus falam dos desafios para manter a qualidade de vida.** Em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/idosos-empoderados-falam-dos-desafios-para-manter-a-qualidade-de-vida>.

MANAUS. **Secretaria Municipal de Educação:** Educadores participam do lançamento da versão preliminar do Documento Curricular do Amazonas. Disponível em: <https://semed.manaus.am.gov.br/educadores-do-amazonas-participam-do-lancamento-da-revisao-da-base-nacional-curricular/>. <Acessado em: 15/02/2019>

**Vídeos:**

**Conheça o Projeto Meu Velho Amigo.** Em: <https://www.youtube.com/watch?v=BX9wWko7idE>

**Dona Cristina perdeu a memória.** Em: <https://www.youtube.com/watch?v=GB3adGkOQmw>.

**Minidocumentário produzido pelo produtor audiovisual Michell Lima.** Em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1mdB4gD0rw&t=1s>.

**Projeto Meu Velho Amigo incentiva o convívio entre jovens e idosos.** Em: <https://www.youtube.com/watch?v=ki5HGsqunB0>

**Fontes orais:**

FARIAS, Maria Auxiliadora da Silva. **Entrevista concedida a Cláudia Pinheiro.** Manaus, 22 de outubro de 2018.

GIRLANE. **Entrevista concedida a Cláudia Pinheiro.** Manaus, 04 dezembro de 2019.

KAROLAINE. **Entrevista concedida a Cláudia Pinheiro.** Manaus, 04 dezembro de 2019.

KEVEM. **Entrevista concedida a Cláudia Pinheiro.** Manaus, 04 dezembro de 2019.

GIOVANNA. **Entrevista concedida a Cláudia Pinheiro**. Manaus, 04 dezembro de 2019.

**Depoimento escrito:**

SARMENTO, Larissa. **Depoimento escrito**, enviado por e-mail, concedido a Cláudia Pinheiro. Manaus, 01 de julho de 2020.

**Documentos consultados:**

AMAZONAS. **Plano Político Pedagógico Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi**. Manaus. 2014.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino e Conselho Estadual de Educação. **Resolução N° 201**, de 05 de dezembro de 2017. Estabelece e consolida Normas Estaduais aplicáveis à Educação Básica e Educação Superior no Sistema Estadual de Ensino do Amazonas, a partir do regime instituído pela Lei n.º 9.394/96 e suas alterações. Diário Oficial do Estado do Amazonas, Manaus, AM, n. 3.888, 27 de nov. 2018, p. 25-33.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. **Amazonas Educação: Revista do Professor**. Ano II, n.01, nov./dez 2012.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. **Proposta Curricular de Ciências Humanas e suas Tecnologias para o Ensino Médio**. Manaus: Seduc – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino, 2012.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino. **Proposta Curricular do Ensino Fundamental do 6º ao 9º**. Manaus: Seduc – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino, 20??.

BRASIL. **Lei N° 13.415**, De 16 de Fevereiro de 2017. Altera as Leis n<sup>os</sup> 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n° 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei n° 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n°11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 35, 17 fev. 2017, Seção I, p. 1-3.

MANAUS. Secretaria Municipal de Educação. **Decreto N° 2.682**, de 26 de dezembro de 2013. Dispõe sobre o Regimento Interno da Secretaria Municipal De Educação – SEMED e dá outras providências.

PROJETO MEMÓRIAS DE MANAUS. **Banners e vídeos** do projeto “Memórias de Manaus: a cidade de ontem e de hoje através do relato dos idosos”. 2017.

PROJETO MEMÓRIAS DE MANAUS. **Ficha de entrevista** do projeto “Memórias de Manaus: a cidade de ontem e de hoje através do relato dos idosos”. 2017.

PROJETO MEMÓRIAS DE MANAUS. **Relatório de atividades** do projeto “Memórias de Manaus: a cidade de ontem e de hoje através do relato dos idosos”. 2017.

PROJETO MEMÓRIAS DE MANAUS. **Roteiro de entrevista** do projeto “Memórias de Manaus: a cidade de ontem e de hoje através do relato dos idosos”. 2017.

## APÊNDICES

### Apêndice A- Questionário Sociocultural aplicado aos alunos



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA -  
PROFHISTÓRIA**

Caro Estudante,  
Solicitamos que responda às perguntas a seguir, as respostas não influenciarão a avaliação em nenhuma disciplina. Suas respostas são importantes para efeito desta pesquisa.

#### QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

##### I- IDENTIFICAÇÃO

Nome Completo:		
Data de Nascimento:	Gênero: ( )M ( )F	Idade:
Em que cidade/Estado você nasceu?		
Em que bairro você mora?		
Você trabalha? Se sim, o que você faz?		
Você se considera: ( ) Negro(a) ( ) Pardo(a) ( ) Branco(a) ( ) Amarelo(a) ( ) Indígena ( ) Não desejo declarar		

##### II- INFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS

O que você costuma fazer para se divertir? Quais os lugares você frequenta para diversão?
Por que você escolheu estudar numa escola do Centro? (Apenas para alunos que moram em outros bairros)
Quais os lugares do centro você costuma frequentar?



Os lugares que você frequenta no centro, você os identifica como “lugares históricos”?  
Por que?

Quais lugares do Centro Histórico você julga importante para a história de Manaus?  
Por que?

Fonte: Acervo pessoal da autora.

## Apêndice B - Informativo utilizado na aula expositiva

### O que é história oral?

“Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é uma método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.” (ALBERTI, 2005, p.18)

### O que é memória?

Existem várias áreas do conhecimento humano que têm como objeto de estudo a memória, podemos pensar a memória na biologia, psicologia, psiquiatria, entre outros. Contudo, para o nosso trabalho, também podemos pensar na memória como o elo, o nó que interliga nosso passado e o nosso presente, nossa memória é o que atribui sentido as nossas experiências, e por isso está em constante movimento, pois a cada nova experiência, nossas percepções sobre determinadas lembranças também se modificam. É o que nos ajudar também a passar adiante o que aprendemos. Segundo o historiador Jacques Le Goff, a memória é “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (LE GOFF, 2003, p. 469).

### Algumas dicas para você fazer sua pesquisa usando a história oral:

“A história oral, então, é primordialmente uma *arte da escuta*.” (PORTELLI, 2016, p.10)

1. Tenha consciência sempre que, assim como um médico, **you também vai lidar com vidas humanas, portanto, empatia<sup>1</sup> é fundamental.**
2. **Planeje seu trabalho junto ao seu parceiro de pesquisa.**

Vocês sabem quais são seus objetivos? Já decidiram como vão gravar? Já decidiram quem vai gravar e quem vai fazer a entrevista? Já elaboraram o roteiro de entrevista? Quais os recursos para registrar a entrevista vocês têm?

3. **Antes das entrevistas façam uma pesquisa sobre o tema que vocês vão investigar.**

No caso da nossa pesquisa, vocês buscarão saber junto aos idosos um pouco mais sobre a história da cidade de Manaus e as suas transformações. Portanto busque como seu parceiro pesquisar um pouco mais a respeito da história da cidade.

4. **Selecione um entrevistado que você tenha proximidade, se possível, da família de um dos integrantes da dupla. Caso você queira fazer sua pesquisa individual, dê preferência aos idosos da sua família, saber a história da nossa família é sempre interessante.**
5. **Elabore seu roteiro de entrevista, suas fichas de entrevistas, e não esqueça de identificar nas suas fichas o nome do entrevistador, do entrevistado, a data e o lugar da entrevista, não esqueça de testar o roteiro com seu parceiro de pesquisa.**

<sup>1</sup> Empatia: 1. Habilidade de imaginar-se no lugar de outra pessoa. 2. Compreensão dos sentimentos, desejos, ideias e ações de outrem.

6. **Quando você for para sua pesquisa de campo, leve um caderninho e use-o como diário de pesquisa, registre suas impressões sobre aquele dia, isso vai ajudar a sua análise e a sua memória na atividade em sala.**
7. Após as entrevistas, recolha seu material e **salve seus arquivos** em, pelo menos, dois lugares seguros.
8. Faça as transcrições das entrevistas. (essas transcrições serão feitas em sala de aula como auxílio da professora)
9. **Faça uma reflexão com seu parceiro de trabalho** sobre os dados que você recolheu, se possível, tentem escrever algo sobre as impressões de vocês para não esquecerem de falar algo que acharam interessante durante a pesquisa.
10. Divulgação do resultado das suas pesquisas na escola, a nossa divulgação será através do material produzido com a histórias coletadas.

#### **Modalidades de entrevistas:**

- Entrevista de história de vida: "Ela é um mergulho na trajetória e nas experiências de um indivíduo – pois é sobre ele que recai ênfase do pesquisador." (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.48)

- Entrevista temática: "As entrevistas temáticas buscam informações mais precisas, mais localizadas e mais pontuais. Elas enfocam um assunto previamente delimitado, abrindo espaço para que os entrevistados descrevam como se relacionam com esse assunto[...]" (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.48)

#### **Referencias**

- ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução: Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como arte da escuta. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias)
- SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. *História oral na sala de aula*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Práticas Docentes)
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2009.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

## Apêndice C - Texto 1- História e Memória

<b>Oficina de memória e história oral</b>	
<b>Duração:</b>	<b>3 aulas de 48 minutos</b>
<b>Objetivo:</b>	Apresentar e discutir o conceito de memória e história oral junto a alunos do 3º ano do ensino médio e refletir sobre sua importância na pesquisa.

### Texto 1

#### História e Memória

**E**xistem várias áreas do conhecimento humano (como a biologia, psicologia, psiquiatria, entre outros) que têm como objeto de estudo a memória. Comumente associamos a memória ao ato de lembrar, lembrar de momentos da nossa vida pessoal, de acontecimentos “marcantes” da nossa história e de fatos históricos. Contudo, para o nosso trabalho, dialogamos com a memória a partir de uma área de conhecimento específico, as ciências humanas.

Partindo desse ponto, podemos pensar a memória como o elo que interliga nosso presente ao nosso passado e vice-versa, nossa memória é o que atribui sentido as nossas experiências, e por isso está em constante movimento, pois a cada nova experiência, nossas percepções sobre determinadas lembranças também se modificam. Para o professor e historiador oral italiano Alessandro Portelli, a memória “não é um mero depósito de informações, mas um processo

contínuo de elaboração e reconstrução de significado” (PORTELLI, 2016, p.18). Para a psicóloga e escritora brasileira Ecléa Bosi “na maior parte das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”, por isso para ela, “a memória não é sonho, é trabalho”, o exercício de lembrar e construir narrativas que conectem passado e presente exige ações, mobiliza os diversos sentidos de uma pessoa, e por tudo isso pode ser considerado então trabalho. A memória não é apenas individual, mas também coletiva, ou seja, compartilhada com/no grupo social a qual pertencemos, nos permitido, portanto, o sentimento de identidade e pertencimento a determinado meio social.

Para o historiador francês Jacques Le Goff “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”(LE GOFF, 2003, p.471) logo, memória e história, embora comumente associadas, não são a mesma coisa; uma serve de matéria prima para outra, ou seja, a memória é fonte para a história e não necessariamente a história em si. Ao elucidar a diferença de ambas, o historiador francês Pierre Nora faz a seguinte afirmação:

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória um fenômeno sempre atual, um elo vívido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou

Fonte: Acervo pessoal da autora

flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. (NORA, 1993, p.9)

Logo, a história ciência, ou seja, como conhecimento, diferente da memória, exige uma análise crítica sobre o passado apoiada por teoria e metodologia. É preciso saber/compreender a diferença entre ambas, pois no andamento da pesquisa será necessário ter cautela para não tomar as memórias por si só como história. Nesse fazer crítico da história, Alessandro Portelli adverte que “assim como ocorre com todas as outras fontes, a tarefa do historiador reside em fazer o cruzamento das informações, checando cada narrativa contra outras narrativas e outros tipos de fontes.” (PORTELLI, 2016, p.18)

Outros tipos de fontes possíveis para serem utilizadas na investigação histórica, além das orais, são as escritas, iconográficas, arquitetônicas entre outras, e muitas delas podem ser encontradas em arquivos e museus, esses lugares foram denominados pelo historiador Pierre Nora de *lugares de memória*, e não apenas eles, mas também músicas, datas comemorativas, comidas típicas e etc., que tem entre suas funções o registro da memória. Tanto nos espaços de registro de memória coletiva quanto de memória individual, existem também o que chamamos de *evocadores de memória*, ou seja objetos, sensações, que nos ajudam a despertar lembranças de algo que já vivenciamos

(como cartas pessoais, fotografias de família, objetos que fizeram parte da nossa história pessoal, música, cheiros, etc.)

Voltando a lembrar de Ecléa Bosi, ela afirma que:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais eu estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual, ou seja, por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, por que nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p.55)

Para a autora, esse movimento constante do ato de rememorar faz da memória fonte tão rica para investigação, por meio das memórias podemos perceber não apenas como essas pessoas se sentiram/sentem em relação a determinado acontecimento dito histórico, mas também abre espaço para que possamos escrever uma história que seja feita por pessoas comuns ou historicamente excluídas. Logo, dialogar com a memória de pessoas idosas nos ajuda a refletir a memória enquanto função social, pois “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória de velhos” , além de auxiliar na compreensão de outros tempos por aquele que não os viveu “e até humanizar o presente” (BOSI, 1994, p.82). Uma vez que somos chamados a exercitar outras habilidades humanas além das intelectuais.

Fonte: Acervo pessoal da autora

## Apêndice D - Texto 3 - O que é história oral?

### TEXTO 3

#### O que é história oral?

Não existe uma definição única sobre o que é história oral, ao longo da sua trajetória foi entendida de diferentes perspectivas de acordo com os posicionamentos acadêmicos e políticos de seus estudiosos. Contudo neste trabalho entendemos que “a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.” (ALBERTI, 2005, p.18)

➡ **IMPORTANTE LEMBRAR:** Nem toda entrevista é história oral.

Para que uma pesquisa com entrevistas seja considerada história oral é necessário percorrer um caminho (método):

1. Objetivo: “a entrevista de história oral produz uma fonte oral, utilizada como matéria prima para a produção de conhecimento. Todas as entrevistas podem servir como fontes – mas a gravação

de história oral é intencionalmente produzida com essa finalidade.” (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.23)

2. Processo: “uma entrevista de história oral segue técnicas específicas de contato, gravação, transcrição e uso do documento final.” (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.24)
3. Resultado: “uma entrevista de história oral tem como produto final uma gravação e/ou um texto que, em sua íntegra, poderão ser arquivados para consulta pública, utilizados para fins de análise ou publicados através de diferentes recursos e suportes. (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.24)

#### Qual a contribuição da história oral?

Segundo Valéria Magalhães e Ricardo Santhiago, a história oral nos ajuda a perceber como os acontecimentos são sentidos e quais os significados que eles tiveram para as pessoas que os viram ou vivenciaram. Ela também ajuda a abrir espaço para que outras narrativas, além das narrativas das “grandes personalidades” da história, também sejam contadas.

#### Referências

- ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.  
 SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. *História oral na sala de aula*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. (Coleção Práticas Docentes)

Fonte: Acervo pessoal da autora.

## Apêndice E - Material de estudo utilizado na Oficina de Entrevista

Oficina de entrevista	
<b>Duração:</b>	3 aulas de 48 minutos
<b>Objetivo:</b>	Apresentar e discutir o gênero entrevista junto a alunos do 3º ano do ensino médio, refletir sobre sua importância na pesquisa e introduzir noções dos procedimentos necessários para a sua realização em história oral.

### O que é entrevista?

"A entrevista é um gênero de caráter interacional, geralmente entre duas pessoas, organizado em turnos com uma pequena introdução sobre o entrevistado e o tema. O intercâmbio pode ser registrado em áudio e/ou vídeo e assim ser exibido (nos suportes em que a linguagem audiovisual é permitida), ou ser posteriormente transcrita e editada para publicação por escrito. A entrevista ainda pode ser feita com a interação já por escrito (por e-mail, por exemplo). O objetivo desse gênero é obter informações sobre a pessoa entrevistada ou sobre um tema/fato que a envolva". (MACEDO; MÜLLER; ALBERT, 2018?)

### Modalidades de entrevistas:

- **Entrevista de história de vida:** "Ela é um mergulho na trajetória e nas experiências de um indivíduo – pois é sobre ele que recaia ênfase do pesquisador." (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.48)

- **Entrevista temática:** "As entrevistas temáticas buscam informações mais precisas, mais localizadas e mais pontuais. Elas enfocam um assunto previamente delimitado, abrindo espaço para que os entrevistados descrevam como se relacionam com esse assunto[...]" (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015, p.48)

### Etapas da entrevista:

#### A) Preparação para a entrevista:

- Estudo prévio sobre o assunto pesquisado
- Marcar o horário e local para a entrevista de acordo com a sugestão do entrevistado. Contudo, caso não seja um lugar adequado para gravação por conta do barulho, sugira respeitosamente ou peça sugestão de um local mais tranquilo.
- Decidam, você e seu/sua parceiro(a), previamente quem e como vão gravar.
- Elaborem o roteiro de entrevista com antecedência.

#### Cuidados e procedimentos éticos:

- Escolha do entrevistado e contato para explicar sobre sua pesquisa, seus objetivos e de que forma você pretende usar a entrevista. Se possível, levar a

carta de cessão para explicar os termos do uso da entrevista.

- **Observação:** é importante que seu parceiro de pesquisa esteja com você neste momento, pois evitará que o entrevistado fique tímido durante entrevista gravada caso tenha alguém desconhecido para ele no dia. Caso seja possível escolha alguém que você tenha proximidade ou família de um dos integrantes da dupla.
- O entrevistado tem direito de desistir a qualquer momento, você precisa respeitar essa decisão, caso aconteça.
- Não forçar o entrevistado a falar de assuntos que ele já sinalizou não estar à vontade para falar.

### PARA RELEMBRAR:

Nem toda entrevista é história oral. Para que uma pesquisa com entrevistas seja considerada história oral é necessário percorrer um caminho (método): Objetivo (produzir uma fonte oral), Processo (contato, gravação, transcrição, uso do documento final e sua análise), Resultado (gravação e/ou um texto).

- Realizar a entrevista SOMENTE após a autorização, por escrito, do entrevistado.
- Tratar todo e qualquer entrevistado com respeito, mostrando interesse na sua fala.
- Quando utilizar sua entrevista como fonte, faça de forma responsável e contextualizada.

**B) Durante a entrevista:**

- Tenha em mãos seu roteiro de entrevista, mas tenha em mente que ele é apenas um guia e pode ser flexível.
- Tente criar um ambiente amigável e acolhedor antes de fazer perguntas ao seu entrevistado como uma maneira de “quebrar o gelo”, não esqueça que a entrevista é uma relação de diálogo entre entrevistador e entrevistado e ter uma boa relação facilita a comunicação entre vocês.
- Se possível estimule o auxílio de documentação como fotos e cartas antigas.
- Faça uma pergunta de cada vez e evite interromper, esteja disposto a ouvir respeitosamente.
- Não induzir as respostas, nem complementá-las.
- Demonstre interesse e respeito pela fala do seu entrevistado, afinal de contas ele aceitou dividir com você algo importante para ele.

**C) Após a entrevista:**

- Após as entrevistas, recolha seu material e salve seus arquivos em, pelo menos, dois lugares seguros.
- Façam as transcrições das entrevistas.
- Façam uma reflexão, você e seu/sua parceiro(a) de trabalho sobre os materiais de pesquisa que vocês recolheram, se possível, tentem escrever algo sobre suas impressões a respeito da experiência de realizar a entrevista.
- Divulgação do resultado das suas pesquisas na escola.

**Importante!**

Quando você for para sua pesquisa de campo, leve um caderninho e use-o como diário de pesquisa, registre suas impressões sobre aquele dia, isso vai ajudar a sua análise e a sua memória na atividade em sala.

**Dicas para elaborar o seu roteiro de entrevista:**

- Elabore perguntas que o seu entrevistado possa responder além de “sim” ou “não”.
- Elabore perguntas direcionadas para o tema escolhido para a entrevista.
- Leve em consideração o tempo que você terá para fazer a entrevista na hora de elaborar o roteiro

❖ **Atividade em dupla:**

1. Escolha um tema e elabore um roteiro curto de entrevista direcionado para seu parceiro de pesquisa e o entreviste. Não esqueça de consultar as dicas de elaboração de roteiro. Após esse momento, tente listar suas dificuldades nessa atividade.

2. Baseado na sua escolha de entrevistado, elabore um roteiro de entrevista direcionada especialmente para ele. Não esqueça das dicas que foram dadas durante a oficina.

**Referências**

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.  
 MACEDO, Carolina; MÜLLER, Carolina; ALBERT, Sílvia. Plano de aula: Introdução ao gênero entrevista. Nova Escola, 2018?. Em: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2997/introducao-ao-genero-entrevista> (Acesso em 12 de novembro de 2019 às 08:38h).  
 PORTELLI, Alessandro. História Oral como arte da escuta. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).  
 SANTHAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa. *História oral na sala de aula*. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015. (Coleção Práticas Docentes).

Fonte: Acervo pessoal da autora

## ANEXOS

## Anexo 1 -Ficha de Cessão disponibilizada pelo projeto.



## CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL E IMAGEM

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade: \_\_\_\_\_, Estado \_\_\_\_\_ civil: \_\_\_\_\_, Profissão: \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade N°: \_\_\_\_\_, domiciliado e residente na cidade de \_\_\_\_\_, endereço n°: \_\_\_\_\_, bairro: \_\_\_\_\_, declaro ceder ao (s) pesquisador (es) \_\_\_\_\_, Rg n° \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, Rg n° \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, Rg n° \_\_\_\_\_, bem como a Escola Estadual Frei Silvío Vagheggi, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), bem como a transcrição das entrevistas e as imagens que dela serão produzidas. O referido pesquisador ficará com a custódia desta entrevista e poderá disponibilizá-la para consulta e utilização por outros pesquisadores através do acervo documental e arquivístico da E.E. Frei Silvío Vagheggi.

Manaus/ Am, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201 \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Entrevistado

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Fonte: Acervo pessoal da autora.

## Anexo 2 - Ficha de relatório de atividades



**PROJETO MEMÓRIAS DE MANAUS  
ESCOLA ESTADUAL FREI SILVIO VAGHEGGI  
RELATÓRIO DE ATIVIDADES**

<b>CONSELHEIROS</b>			
<b>EQUIPE</b> (nome completo)	1. _____	6. _____	
	2. _____	7. _____	
	3. _____	8. _____	
	4. _____	9. _____	
	5. _____	10. _____	
<b>SÉRIE</b>	1º ( ) , 2º ( ) , 3º ( )	<b>TURMA:</b>	<b>TURNO:</b> M ( ) V ( )

### DADOS DO IDOSO

<b>NOME COMPLETO</b>		
<b>IDADE</b>		<b>ESTADO CIVIL:</b>
<b>ENDEREÇO</b> (Rua, bairro, Av., ponto de referência)		<b>TELEFONE :</b>
<b>PROBLEMAS DE SAÚDE</b>	SIM ( ) NÃO ( )	<b>QUAIS:</b>
<b>PRÁTICA ATIVIDADES FÍSICAS?</b>	SIM ( ) NÃO ( )	<b>QUAIS:</b>

### RELATÓRIO DAS ATIVIDADES

<b>DATA :</b> / /	<b>HORÁRIO DA VISITA/REUNIÃO :</b>	<b>( SEG-TER-QUA-QUI-SEX-SAB)</b>



## **Anexo 4 - Modelo de roteiro de entrevista disponibilizada pelo projeto.**

### **Roteiro de Entrevista**

**Entrevistador:** \_\_\_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Local da entrevista (rua/ponto de referência):

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistado: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Atuação Profissional:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1. Se o entrevistado trabalhou na cidade ou no campo. Por quanto tempo.
2. Qual/ Quais atividades ele mais gostava de fazer quando trabalhava.
3. Se ele ou ela ainda trabalha – qual o serviço que ele ou ela desenvolve.
4. Se é muito cansativa a atividade que ele desenvolve.
5. Se ele/ela sustenta familiares mais novos. Quem são.
6. Quais são as transformações que tem observado na cidade que vive.
7. Se tem observado o comportamento de pessoas mais jovens (aqueles com quem o idoso tem algum contato: filhos, netos, sobrinhos, vizinhos, por exemplo).
8. Se ele/ela pratica alguma atividade física. Com quem pratica.
9. Se vai ao médico com frequência. Se tem algum tipo de dificuldade em manter a saúde.
10. Como é tratado pelo servidores do hospital/clínica/UBS que vai.
11. Como é o acompanhamento da família em casos de doenças (se algum familiar o acompanha).
12. Como é envelhecer.
13. Se sente valorizado no cotidiano. (seja qual for a resposta, pedir pra contar casos em que demonstre a resposta).

Fonte: Acervo pessoal da autora.

## Anexo 5 - Modelo padrão de banner do projeto Memórias de Manaus




### Memórias de Manaus: a Manaus de ontem e de hoje através do relato dos idosos

---

Nome dos membros da equipe  
Série/turma

**RESUMO:** Através dos relatos orais de idosos, que poderão ser tanto da comunidade próxima a escola quanto dos idosos do núcleo familiar dos próprios alunos, pretendemos realizar um resgate de memórias importantes para a construção da nossa história, além de sensibilizar a comunidade escolar para importância e a realidade do idoso em nossa sociedade e no núcleo familiar. Pretendemos também inseri-los no mundo da pesquisa de modo que tornem-se cada vez mais próximos dos métodos de investigação, da escrita e dos saberes tradicionais, podendo então a partir das suas experiências com o processo da pesquisa fazer um feedback entre os saberes tradicionais e científico, e refletir sobre a importância de ambas.

Nome do entrevistado, profissão, idade, mora há (ANOS QUE MORA EM MANAUS) em Manaus.

<p style="font-size: large; font-weight: bold; color: white;">IMAGEM 1</p>	<p>(Trecho da entrevista)</p>
<p style="font-size: large; font-weight: bold; color: white;">IMAGEM 1</p>	<p>(Trecho da entrevista)</p>
<p style="font-size: large; font-weight: bold; color: white;">IMAGEM 1</p>	<p>(Trecho da entrevista)</p>
<p style="font-size: large; font-weight: bold; color: white;">IMAGEM 1</p>	<p>(Trecho da entrevista)</p>

Fonte: Acervo pessoal da autora.

## Anexo 6 - Texto 2 - Guilherme Augusto Araújo Fernandes

### Texto 2

GUILHERME AUGUSTO ARAÚJO FERNANDES

Era uma vez um menino chamado Guilherme Augusto Araújo Fernandes e ele nem era tão velho assim.

Sua casa era ao lado de um asilo de velhos e ele conhecia todo mundo que vivia lá.

Ele gostava da Sra. Silvano que tocava piano.

Ele ouvia as histórias arrepiantes que lhe contava o Sr. Cervantes.

Ele brincava com o Sr. Valdemar que adorava remar.

Ajudava a Sra. Mandala que andava com uma bengala.

E admirava o Sr. Possante que tinha voz de gigante.

Mas a pessoa que ele mais gostava era a Sra. Antônia Maria Diniz Cordeiro, porque ela também tinha quatro nomes, como ele.

Ele a chamava de Dona Antônia e contava-lhe todos os seus segredos.

Um dia, Guilherme Augusto escutou sua mãe e seu pai conversando sobre Dona Antônia.

- Coitada da velhinha - disse sua mãe.

- Por que ela é coitada? - perguntou Guilherme Augusto.

- Porque ela perdeu a memória - respondeu seu pai.

- Também, não é para menos - disse sua mãe. - Afinal, ela já tem noventa e seis anos.

- O que é memória? - perguntou Guilherme Augusto.

Ele vivia fazendo perguntas.

- É algo de que você se lembre - respondeu o pai.

Mas Guilherme Augusto queria saber mais; então, ele procurou a Sra. Silvano que tocava piano.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo quente, meu filho, algo quente.

Ele procurou o Sr. Cervantes que lhe contava histórias arrepiantes.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo bem antigo, meu caro, algo bem antigo.

Ele procurou o Sr. Valdemar que adorava remar.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo que o faz chorar, meu menino, algo que o faz chorar.

Ele procurou a Sra. Mandala que andava com uma bengala.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo que o faz rir, meu querido, algo que o faz rir.

Ele procurou o Sr. Possante que tinha voz de gigante.

- O que é memória? - perguntou.

- Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro.

Então Guilherme Augusto voltou para casa, para procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido as suas.

Ele procurou uma antiga caixa de sapatos cheia de conchas, guardadas há muito tempo, e colocou-as com cuidado numa cesta.

Ele achou a marionete, que sempre fizera todo mundo rir, e colocou-a na cesta também.

Ele lembrou-se, com tristeza, da medalha que seu avô lhe tinha dado e colocou-a delicadamente ao lado das conchas.

Depois achou sua bola de futebol, que para ele valia ouro; por fim, entrou no galinheiro e pegou um ovo fresquinho, ainda quente, debaixo da galinha.

Aí, Guilherme Augusto foi visitar Dona Antônia e deu a ela, uma por uma, cada coisa de sua cesta.

"Que criança adorável que me traz essas coisas maravilhosas", pensou Dona Antônia.

E então ela começou a se lembrar.

Ela segurou o ovo ainda quente e contou a Guilherme Augusto sobre um ovinho azul, todo pintado, que havia encontrado uma vez, dentro de um ninho, no jardim da casa de sua tia.

Ela encostou uma das conchas em seu ouvido e lembrou da vez que tinha ido à praia de bonde, há muito tempo, e como sentira calor com suas botas de amarrar.

Ela pegou a medalha e lembrou, com tristeza, de seu irmão mais velho, que havia ido para guerra e que nunca voltou.

Ela sorriu para a marionete e lembrou da vez em que mostrara uma para sua irmãzinha, que rira às gargalhadas, com a boca cheia de mingau.

Ela jogou a bola de futebol para Guilherme Augusto e lembrou do dia em que se conheceram e de todos os segredos que haviam compartilhado.

E os dois sorriram e sorriram, pois toda a memória perdida de Dona Antônia tinha sido encontrada, por um menino que nem era tão velho assim.

#### Referências

- Audiobook disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2rjzvg5ZVIU>. Acessado em: 28/09/2019.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. São Paulo: Brinque-Book, 1984.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução: Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de: Yara Aun Khoury. Revista Projeto História, São Paulo, 1993.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como arte da escuta. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias)

#### Exercício 1

Após a leitura dos dois textos, junto ao seu parceiro de pesquisa, identifiquem quais aspectos e conceitos presentes no texto 1 também podem ser percebidos ao longo do texto 2. Anote o que vocês encontrarem, pois ao final compartilharemos nossas observações.

## **Anexo 7 - Entrevista da dupla Giovanna e Kevem com o senhor Jaime Figueiredo Filho**

**Entrevistado: Jaime Figueiredo Filho, 69 anos, Amazonense, Assistente Administrativo no Porto de Manaus aposentado.**

**Giovanna: Seu Jaime, quantos anos você tem?**

**Jaime:** Eu tenho 69 anos

**Giovanna: Você gosta da cidade de Manaus? Qual o melhor ponto turístico da cidade e por quê?**

**Jaime:** O melhor ponto turístico da cidade pra mim é o roadway, o porto de Manaus. Naquela época eu levava minhas filhas pra passear, levava elas pra praça da saudade que era um ponto turístico na época e para outros lugares muito importantes que tinha aqui em Manaus

**Giovanna: Como era o cinema quando o senhor era mais novo?**

**Jaime:** O cinema antigamente era mais preto e branco, não era colorido na época, mas depois que o tempo foi evoluindo passou a ser colorido, agora é tudo bonito, tudo legal. O cinema era muito importante na vida do manauara que na época não tinha muito programa pra fazer, muito lazer, aí a pessoas iam mais pra cinema assistir.

**Giovanna: Você só morou em Manaus ou você já conheceu outros lugares e você saberia dizer quais as principais diferenças ou o senhor foi apenas como turista para esses lugares.**

**Jaime:** Sempre morei em Manaus, mas viajei muito pra outros Estados, mas só pra passear, fazer turismo, pra passear mesmo....

**Giovanna: Quais Estados o senhor conheceu?**

**Jaime:** Rio de Janeiro, Bahia, (a Giovanna faz cara de assustada) Ceará, nosso vizinho aqui perto Belém, Brasília...

**Giovanna: O senhor lembra da inauguração do primeiro shopping da cidade?**

Não, não lembro não.

**Giovanna: Como eram as festas?**

**Jaime:** As festas eram muito animadas na época, fim de semana, sexta, sábado, domingo, eu frequentava muito o Olímpico Clube, o Rio Negro, aí ne (inaudível) porque eu morava ali na Avenida Ayrão, ah era muito animado o fim de semana.

**Giovanna: A outra pergunta é se o senhor tem alguma situação que marcou sua vida, nessa cidade maravilhosa?**

**Jaime:** Lembro que quando eu comecei a trabalhar, por que eu comecei a trabalhar muito cedo com 14 anos de idade e outras situações, como foi quando tive minha primeira filha, fiquei muito emocionado e outras, e outras...

## **Anexo 8 - Entrevista da dupla Girlane e Karolaine com a senhora Odinéia Assunção de Vasconcelos.**

**Entrevista com dona Odinéia Assunção de Vasconcelos, 76 anos, Técnica em Enfermagem aposentada, Amazonense.**

**Girlane: Dona Odinéia a senhora mora aqui a quanto tempo?**

**Odinéia:** Há 67 anos

**Girlane: Quais são suas lembranças sobre a cidade?**

**Odinéia:** Ah...lembranças boas...tempo bom, que eu ainda peguei o bonde, sou da idade que a gente andava de bonde.

**Girlane: Quais são maiores mudanças que a senhora vê na cidade de hoje? Quais as mudanças que a senhora vê que mudou no seu cotidiano?**

**Odinéia:** As mudanças foram muitas, algumas pra melhor. Hoje Manaus já é uma, uma cidade, um estado, onde se tem de tudo, transporte coletivo, que no meu tempo de juventude, de criança, nós não tivemos. Hoje, a juventude de hoje já tem muito o que vê, muito o que apreciar.

**Girlane: O que mais a senhora gosta na sua cidade?**

**Odinéia:** O que mais eu gosto? De comer (risos), comer, comer (risos e cantarolando a música comer, comer)

**Girlane: O que a senhora acha do nosso projeto com os idosos na nossa escola, que já é de anos esse projeto, memórias de Manaus que adota um idoso, tem que cuidar, saber a história, e o que a senhora acha? Acha que é bom? Como é que é?**

**Odinéia:** Não é bom, é ótimo que lembraram dos idosos, tão lembrando, tão acompanhando, fazendo as perguntas que antigamente um adolescente não podia perguntar certas coisas por idosos que era considerado desrespeitoso.

**Girlane: Como que era na sua escola, o estudo, o aprendizado na sua escola?**

**Odinéia:** Arcaico, naquele tempo o aprendizado era arcaico. A gente vivia mais das colas, de colar dos outros

**Girlane: A senhora gosta da convivência com seus filhos, netos, sobrinhos e amigos?**

**Odinéia:** Gosto, gosto muito. Com eles eu também tenho muito a aprender, coisas que eu não tive na minha infância, na minha adolescência, hoje eu to vendo nos adolescentes de hoje, nos netos que conversam já sabem até mais do que eu...

**Girlane: Como era a sua juventude? Gostava de sair gostava de ficar em casa? Como você via sua juventude antes?**

**Odinéia:** Minha juventude? Que eu tinha vontade de fazer... que eu queria me divertir, eu queria dançar quadrilha, eu queria ir pra uma festinha pra dançar, mas nunca tive essa liberdade.

